



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA Escola Superior de Educação

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Carina Alexandra do Nascimento Oliveira da Costa

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção
do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

Julho
2012



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Carina Alexandra do Nascimento Oliveira da Costa

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

O presente relatório tem como objectivo evidenciar, a não compreensão da gramática da linguagem da Banda Desenhada por parte de alunos do 2º ciclo do Ensino Básico numa escola transmontana da Vila de Vinhais. E conseqüentemente, a criação de uma metodologia de investigação e acção para a resolução deste problema.

Julho
2012

AGRADECIMENTOS

Após a realização deste relatório final é com imensa satisfação e reconhecimento que expresso a minha gratidão e estima por todos que para ele contribuíram.

Agradeço aos meus pais e à minha família mais próxima pelo carinho, apoio, paciência e compreensão. Ao meu marido Marco, pela força que me transmitiu, pelo apoio e constante incentivo que sempre me deu.

À direcção e todos os amigos da Escola Secundária D. Afonso III em Vinhais, por terem permitido a realização da investigação e aos alunos e professores pela contribuição prestada.

A todos os professores que directamente ou indirectamente me ajudaram neste percurso da minha vida.

A todos os professores cooperantes que me acompanharam ao longo dos diferentes anos lectivos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram e me encorajaram para a realização deste trabalho, um muito OBRIGADO.

RESUMO

O presente tema foi definido dentro de um conteúdo da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, a Comunicação Visual. Segundo este tema, levantou-se o problema da não correcta compreensão acerca da gramática da linguagem da Banda Desenhada, pelos alunos do 6º ano, da turma B, da Escola Secundária D. Afonso III em Vinhais. Assim, com este trabalho prático, procuraremos dar resposta à solução deste problema.

O nosso objectivo não se centra na aprendizagem do desenho pelos alunos, mas sim transmitir-lhes conhecimentos do conteúdo Comunicação Visual, mais propriamente sobre a linguagem da Banda Desenhada, tentando, da melhor forma, ampliar a visão dos alunos relativamente a este assunto.

Este problema foi detectado após a aplicação de dois testes diagnósticos.

Para resolvermos este problema foi empregue uma metodologia pela qual foi projectado um plano de unidade de trabalho, com nove aulas. Para a recolha de dados foram aplicados uma ficha de trabalho e um teste formativo, sendo que, os resultados obtidos foram ao encontro das expectativas mais positivas.

O motivo pelo qual este estudo se centra neste nível de ensino, ou seja, a escolha da amostra, deve-se ao facto de no 2º ciclo, a Banda Desenhada ser um conteúdo geralmente ausente.

ABSTRACT

Within a Visual and Technological Education content, this theme has been defined based on Visual Communication. Under this theme, we had raised from a problem of not properly understanding the grammar of the Comics language, by students in 6th grade, class “B” of D. Afonso III High School of Vinhais. So, with this practical work, we seek to address the absence of this information.

Our goal is not focused on drawing learning by students, but give them knowledge of the Visual Communication’s contents, more specifically, about the Comic’s language, trying, as best as we can, broaden student’s views on this subject.

This problem has been detected after the application of two diagnostic tests.

To fight this lack of knowledge by students, we design a plan of work, with nine classes. For data collection were applied, a worksheet and a formative test, and the results were near from the most positive expectations.

Due to the fact that in the Preparatory Schools, Comic book’s contents are usually absent, this was the reason why this study focuses on this level of education and consequently, the choice of the sample.

LISTA DAS ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BD	Banda Desenhada
BD'S	Bandas Desenhadas
p.	Página
pp.	Páginas
D.	Dom
Dr.	Doutor
CEF'S	Curso de Educação e Formação
EFA'S	Educação e Formação para Adultos
EB	Ensino Básico
cl	centilitros
C+S	Escola Básica com Ensino Secundário
a.C	antes de Cristo
d.C	depois de Cristo
DN	Diário de Notícias
HQ	Histórias aos quadrinhos
Col.	Colecção

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Trabalho realizado pelos alunos - cravos	15
Figura 2	Trabalho realizado pelos alunos - marcadores de livros	16
Figura 3	Trabalho realizado pelos alunos - ilustração da lenda	17
Figura 4	Trabalho realizado pelos alunos - a família do porquinho	19
Figura 5	Trabalho realizado pelos alunos - os animais	19
Figura 6	Trabalho realizado pelos alunos – diploma	20
Figura 7	Trabalho realizado pelos alunos – tela	27
Figura 8	Trabalho realizado pelos alunos - construções de estruturas de esparguete	28
Figura 9	Trabalho realizado pelos alunos – fotogramas	29
Figura 10	A leitura de uma Banda Desenhada	62
Figura 11	Prancha	62
Figura 12	Tira	62
Figura 13	Vinheta	62
Figura 14	Vinheta circular	63
Figura 15	Legenda	64
Figura 16	Cartucho	64
Figura 17	Balão de fala normal	64
Figura 18	Balão de pensamento	65
Figura 19	Balão de fala baixa	65
Figura 20	Balão de fala alta	65
Figura 21	Balão de fala colectiva	66
Figura 22	Onomatopeias	67
Figura 23	Signos cinéticos	68
Figura 24	Metáforas visuais	68
Figura 25	Plano geral	70
Figura 26	Plano de conjunto	70
Figura 27	Plano médio	70
Figura 28	Plano americano	71
Figura 29	Plano aproximado	71
Figura 30	Grande plano	71
Figura 31	Plano de pormenor	71
Figura 32	Ângulo picado	72
Figura 33	Ângulo contrapicado	72
Figura 34	Ângulo normal	73
Figura 35	O Quim e o Manecas - Bandas Desenhadas de Stuart Carvalhais	81
Gráfico 1	Meios de Comunicação	48
Gráfico 2	Meios de Comunicação Visual	49

Gráfico 3	Opinião dos alunos sobre Comunicação Visual	49
Gráfico 4	Opinião dos alunos sobre Banda Desenhada	49
Gráfico 5	Exemplos de Bandas Desenhadas	50
Gráfico 6	Temas que poderiam ser abordados numa Banda Desenhada	50
Gráfico 7	Significado de metáfora visual	50
Gráfico 8	Significado de vinheta	51
Gráfico 9	Significado de plano médio	51
Gráfico 10	Significado de plano americano, onomatopeias, balão, legenda, signos cinéticos e ponto de vista picado	51
Gráfico 11	Autores de Banda Desenhada	52
Gráfico 12	Problemas sociais actuais, para a realização de uma Banda Desenhada	52
Gráfico 13	Preenchimento da figura	53
Gráfico 14	Identificar a gramática da Banda Desenhada	54
Gráfico 15	Preenchimento dos espaços em branco	54
Gráfico 16	Desenhos do balão do pensamento e balão de fala alta	54
Gráfico 17	Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens	55
Gráfico 18	Ligação correspondente de imagens às palavras-chave	55
Gráfico 19	Preenchimento dos espaços em branco	86
Gráfico 20	Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens	86
Gráfico 21	Desenhos do balão do pensamento e balão de fala alta	87
Gráfico 22	Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens	87
Gráfico 23	Ligação de imagens a palavras-chave	87
Gráfico 24	Preenchimento dos espaços em branco	88
Gráfico 25	Planos de visão referentes à Banda Desenhada	88
Gráfico 26	Desenho dos balões apropriados a cada acção	89
Gráfico 27	Definição dos balões	89
Gráfico 28	Legenda para as figuras dadas	89
Gráfico 29	Ilustração de metáforas visuais	90
Gráfico 30	Significado de metáfora visual, vinheta, plano americano e onomatopeias	91
Gráfico 31	Significado de balão de fala normal, signos cinéticos, balão do pensamento e ponto de vista picado	91
Gráfico 32	Preenchimento do crucigrama	90

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1	Calendarização do estágio de Expressão e Educação Artística	13
Tabela 2	Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Expressão e Educação Artística	14
Tabela 3	Calendarização do estágio de Educação Visual e Tecnológica	25
Tabela 4	Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Visual e Tecnológica	26
Tabela 5	Calendarização do estágio de Educação Tecnológica	31
Tabela 6	Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Tecnológica	32
Tabela 7	Calendarização do estágio de Educação Visual	36
Tabela 8	Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Visual	37
Tabela 9	Planificação da Unidade de Trabalho. Tema: “ A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.	107
Tabela 10	Planificação da Aula nº 1	109
Tabela 11	Planificação da Aula nº 2	110
Tabela 12	Planificação da Aula nº 3	111
Tabela 13	Planificação da Aula nº 4	112
Tabela 14	Planificação da Aula nº 5	113
Tabela 15	Planificação da Aula nº 6	114
Tabela 16	Planificação da Aula nº 7	115
Tabela 17	Planificação da Aula nº 8	116
Tabela 18	Planificação da Aula nº 9	117

ÍNDICE

1 REFLEXÃO CRÍTICA	12
1.1 Estágio na disciplina de Expressão e Educação Artística do 1º Ciclo do EB	12
1.1.1 Enquadramento geográfico de Chaves.....	12
1.1.2 Identificação da escola	12
1.1.3 Descrição do trabalho realizado	13
1.1.4 Reflexão Crítica	15
1.2 Estágio na disciplina de Educação Visual e Tecnológica do 2º Ciclo do EB	24
1.2.1 Enquadramento geográfico de Bragança	24
1.2.2 Identificação da escola	24
1.2.3 Descrição do trabalho realizado	25
1.2.4 Reflexão Crítica	26
1.3 Estágio na disciplina de Educação Tecnológica do 3º Ciclo do EB	31
1.3.1 Enquadramento geográfico de Bragança	31
1.3.2 Identificação da escola	31
1.3.3 Descrição do trabalho realizado	31
1.3.4 Reflexão Crítica	32
1.4 Estágio na disciplina de Educação Visual do 3º Ciclo do EB	36
1.4.1 Enquadramento geográfico de Bragança	36
1.4.2 Identificação da escola	36
1.4.3 Descrição do trabalho realizado	36
1.4.4 Reflexão Crítica	37
1.5 Conclusão sobre a prática de ensino supervisionado	42
2 INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA	44
2.1 A Banda Desenhada	44
2.2 Definição do problema	48
2.2.1 Resultados do 1º teste diagnóstico	48
2.2.2 Resultados do 2º teste diagnóstico	53
2.3 Revisão da literatura	57
2.3.1 Definição de Banda Desenhada	57

2.3.2 Técnicas da Banda Desenhada	59
2.3.3 Autores Portugueses de Banda Desenhada	73
2.3.4 Autor Português – Stuart Carvalhais.....	78
2.4 Metodologia	82
2.4.1 Planificação do processo experimental	82
2.4.2 Execução da planificação definida.....	83
2.5 Resultado	86
2.5.1 Resultados da ficha de trabalho.....	86
2.5.2 Resultados do teste formativo	88
2.6 Síntese dos resultados	92
2.7 Conclusões	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICES	98
ANEXOS	122

1 REFLEXÃO CRÍTICA

1.1 ESTÁGIO NA DISCIPLINA DE EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O estágio na disciplina de Expressão e Educação Artística do 1º ciclo do Ensino Básico foi concretizado na Escola EB1 N°2 em Nantes, na cidade de Chaves. Este deu início a 21 de Abril de 2009 terminando a 16 de Junho de 2009. Foram executadas seis unidades de trabalho no total de nove aulas.

Esta reflexão de estágio circunscreve uma breve síntese relativamente ao enquadramento geográfico da cidade onde foi realizado este mesmo estágio (cidade de Chaves), a caracterização e identificação do meio escolar, como também a descrição do trabalho realizado.

No estágio em Expressão e Educação Artística, pedíamos aos alunos que se libertassem da pressão das outras disciplinas, como a Matemática, a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, que se divertissem aprendendo, que fossem criativas no seu trabalho, que experimentassem “coisa” novas, que sorrissem, que fossem elas próprias e que fizessem os trabalhos com prazer. Com tudo isto, queríamos que os alunos desenvolvessem o pensamento criativo e a sensibilidade, que explorassem e transmitissem novos valores no campo da expressão e educação artística.

1.1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DE CHAVES

A cidade de Chaves está situada no distrito de Vila Real, na sub-região do Alto Trás-os-Montes. E encontra-se dividida em três freguesias: Madalena, Santa Maria Maior e Santa Cruz - Trindade. O concelho é limitado a norte pela Espanha, a leste pelo concelho de Vinhais, a sudeste por Valpaços, a sudoeste por Vila Pouca de Aguiar e a oeste por Boticas e Montalegre.

1.1.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

A escola de Nantes em Chaves é um edifício moderno, sem plano definido. Neste espaço também há um outro edifício mais antigo, onde funciona o Jardim-de-Infância.

O edifício que se destina ao 1º ciclo do Ensino Básico tem duas salas, com duas áreas distintas: uma destina-se à sala de aula, a outra área dispõe de um lava-loiças e de uma

bancada em mármore a todo o comprimento, para áreas de expressão. Tem ainda, dentro da sala de aula, uma despensa. Possui duas casas de banho, cada uma com duas divisões. No *wall* de entrada das salas de aula está um pequeno aposento fechado, que funciona como sala de professores/secretaria.

1.1.3 DESCRIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

Calendarização do estágio de Expressão e Educação Artística			
Unidade 1 "25 de Abril dia da Liberdade"	21/04/2009		Cooperação e Intervenção Dobragens e colagens
Unidade 2 "Dia da Mãe"	28/04/2009		Dobragens e colagens; Desenvolvimento da comunicação oral
Unidade 3 Ilustração da lenda "A fada e os três vinténs"	05/05/2009 12/05/2009		Colagem Dobragem/ origami Desenvolvimento da expressão escrita
Unidade 4 "Porquinhos mealheiros"	19/05/2009 26/05/2009 02/06/2009		Recorte Colagem Composição Pintura
Unidade 5 "Ratinhos e Joaninhas"	15/06/2009		Recorte Colagem
Unidade 6 "O meu auto-retrato"	16/06/2009		Desenho Pintura

Tabela 1 - Calendarização do estágio de Expressão e Educação Artística

Trabalho realizado a longo do estágio		
Agrupamento EB 2, 3 Dr. Francisco Gonçalves Carneiro Escola EB1 N°2 - Nantes – Chaves		1º Ciclo do Ensino Básico Expressão e Educação Artística
Ano: 1º e 2º Anos	Horário: 09:00/10:30m	Estagiária: Carina Oliveira

Unidade	Conteúdos	Áreas de exploração
1ª Unidade de trabalho “25 de Abril dia da Liberdade”	Intervir oralmente tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa); Regular a participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros); Dobragem do cravo e colagem.	Colagem Desenvolvimento da comunicação oral
2ª Unidade de trabalho “Dia da Mãe”	Recorte, colagem e dobragem: Fazer dobragens	Colagem Dobragem/origami Desenvolvimento da expressão escrita
3ª Unidade de trabalho Ilustração da lenda “A fada e os três vinténs”	Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponja, guaches; Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, tecidos, papel de lustro colorido, papel colorido, rasgando, desfiando, recortando; Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados;	Recorte, Colagem, Composição e Pintura
4ª Unidade de trabalho “Porquinhos mealheiros”	Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza; Ligar/colar elementos para uma construção; Construir: “porquinho mealheiro”; Explorar as possibilidades técnicas: de pincéis, guaches.	Reaproveitamento de materiais, garrafas, rolhas de cortiça Construção Pintura
5ª Unidade de trabalho “Ratinhos e Joaninhas”	Ligar/colar elementos para uma construção; Construir animais como a joaninha e o ratinho;	Recorte e Colagem
6ª Unidade de trabalho “O meu auto-retrato”	Desenhar em cartolina; Explorar a possibilidade técnica de lápis de cor; Ilustrar de forma pessoal; Pintar livremente;	Desenho e Pintura

Tabela 2 - Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Expressão e Educação Artística

1.1.4 REFLEXÃO CRÍTICA

Ao iniciar o estágio no dia vinte e um de Abril de 2009, na Escola EB1 N°2 de Nantes em Chaves com uma aula de cooperação e intervenção, a professora Fernanda, sendo ela a professora cooperante, propôs realizarmos neste dia um trabalho alusivo ao “25 de Abril dia da Liberdade”.

Comecei a aula com uma pequena abordagem ao dia comemorativo “O 25 de Abril” narrando aos alunos uma pequena história sobre o surgimento da revolução dos cravos. Posteriormente, foi explicado aos alunos a actividade a realizar até ao final da aula. Enquanto distribuía o material necessário aos alunos, fui questionando-os sobre a história que eu lhes tinha contado anteriormente, e constatei que as crianças estiveram muito atentas, porque respondiam acertadamente às minhas questões. Depois de distribuídas as folhas vermelhas de papel crepe, e já recortadas, expliquei aos alunos como iríamos dobrar, para obtermos a parte da flor do cravo, os alunos inicialmente tiveram algumas dificuldades em ver logo o efeito que pretendíamos mas dobraram várias vezes e terminaram a actividade com a colocação de um pau fino de madeira para servir de caule ao cravo. Para unirem o pau de madeira ao cravo, os alunos precisaram de fita adesiva, este pequeno passo final tiveram a ajuda das professoras.

Neste dia os alunos estavam sossegados e atentos à professora e muito participativos na aula.

Com esta actividade pretendi que os alunos participassem oralmente através de diálogo ou conversa, que respeitassem os colegas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros), e que concebessem objectos em função da mensagem, neste caso o significado do cravo e a importância do dia vinte e cinco de Abril.

Tudo isto foi conseguido, através das dobragens, a fim de que, os alunos realizassem um cravo tridimensional.

A actividade durou apenas noventa minutos, vinte minutos para a história e setenta minutos para a actividade prática.

Os cravos feitos pelos alunos foram colocados numa exposição, na semana da educação (vinte e sete de Abril até dia um de Maio de 2009), na cidade de Chaves [figura 1].

Este trabalho ajudou as crianças a desenvolverem a destreza manual e estabeleceu um desafio à capacidade de transformar e criação de novos objectos.



Figura 1- Trabalho realizado pelos alunos – cravos

Depois de uma aula de intervenção e cooperação senti que os alunos já estavam familiarizados com a minha presença, portanto o meu comportamento em nada mudou nas

próximas aulas. Relativamente, à preparação desta aula, a professora cooperante pretendia fazer uma actividade para o dia da Mãe. O dia da Mãe iria ser festejado dia três de Maio, e como não tínhamos mais aulas antes dessa data, esta aula foi reservada para realizarmos um trabalho prático para os alunos oferecerem às suas Mães.

A Professora cooperante deixou a meu critério o trabalho prático. Sempre que me era dada esta liberdade de escolha, o meu objectivo era ajudar as crianças a desenvolverem a destreza manual e a estabelecerem um desafio à capacidade de transformarem e criarem novos objectos, com a ajuda das dobragens.

Ponderei vários trabalhos para o dia da Mãe, mas a professora cooperante preferiu um dos trabalhos que lhe tinha mostrado dias antes do dia de estágio. A actividade escolhida pela professora cooperante foi realizar um “marcador para livros”.

Inicie a aula com um breve diálogo com os alunos sobre o dia da Mãe, posteriormente, expliquei-lhes o que era um marcador para livros. Os alunos adoraram a ideia, até disseram que as Mães deles liam muitos livros e que ainda não tinham um marcador para livros.

Depois, distribuí pelos alunos papel de cor para o cartão do marcador. Para a decoração do cartão de marcador sugeri aos alunos que fizessem uma tulipa em origami. Dei aos alunos folhas de cor em papel de lustro, para confeccionarem a flor da tulipa. Tentei fazer passo a passo, para que os alunos não se perdessem na execução da flor. Eu fazia um passo e os alunos faziam comigo. Na parte das folhas da tulipa, era necessário duas folhas, eu expliquei como se fazia a primeira folha e eles já fizeram a segunda sem eu lhes explicar. Isto, só demonstra que eles aprenderam muito bem e aprenderam rápido.

Para finalizar o marcador para livros, os alunos escreveram um poema para a Mãe.

No final da aula foi tirada uma fotografia a dois marcadores para livros, como prova do trabalho elaborado pelos alunos de primeiro e segundo anos [figura 2].

Para primeira aula correu bem consegui com que os alunos fizessem um bom trabalho, e que, alcançassem novos saberes.

Neste dia os alunos estiveram tranquilos e concentrados e muito participativos na aula.



Figura 2- Trabalho realizado pelos alunos - marcadores de livros

Com esta actividade pretendi que os alunos participassem oralmente, que experimentassem representações bidimensionais e concebessem objectos em função da mensagem. Este trabalho ajudou as crianças a desenvolverem a destreza manual e estabeleceu

um desafio à capacidade de transformar e criação de novos objectos. Tudo isto foi conseguido através de dobragens, que ajudaram com que os alunos realizassem uma tulipa. É ainda de realçar que cada aluno fez um marcador para livros, e tiveram a ajuda da professora estagiária e da professora cooperante.

Para a aula seguinte, a Professora Cooperante sugeriu que trabalhasse um livro de contos. A escolha do livro não foi ao acaso, a Professora Cooperante ia trabalhar aquele livro durante a semana e assim demos continuidade ao trabalho dela. Li a história em casa e interessei-me pela lenda “A fada e os três vinténs”, porque no final da história havia uma lição de moral, que dizia que não devemos ser gananciosos e não devemos mexer no dinheiro que não é nosso.

Quando terminei de analisar a lenda preparei duas cartolinas com desenhos relativos à lenda.

Nesta actividade os alunos tinham de aplicar o recorte, a colagem, a composição e a pintura. O material necessário para esta actividade foi: papel de cartolina de cor A3, cola, tesoura, papel de lustro, guache, linhas, lã e tecidos de várias cores e lápis de cor.

No início da aula, propus aos alunos que me contassem a lenda através dos dois desenhos que eu tinha preparado para eles. Espertos como eles eram, tive alguns alunos que chegaram ao fim da lenda. Posteriormente, li-lhes a lenda pelo livro de contos. Observei que, enquanto eu li-a a lenda, os alunos estavam muito atentos, pareciam estar interessados na história. Depois, para confrontar os alunos, coloquei-lhes algumas questões.

Já na parte prática da aula distribui os materiais (papeis, tecido, linhas...) e deixei ao critério das crianças se queriam cortar, rasgar ou dobrar o papel para depois colarem na cartolina.

Esta actividade alongou-se por duas aulas de noventa minutos, visto que eram dois desenhos muito grandes e a parte da leitura da lenda ocupou parte da primeira aula que foram cerca de 60 minutos.

Na segunda aula mostrei aos alunos a fase onde tinham ficado que foi na parte da preparação do material (cortar, rasgar ou dobrar o papel) e questionei-os sobre a lenda. Deixei que cada criança contasse um pouco da história, para verificar se todos eles tinham entendido a lenda e se ainda se lembravam. Os alunos concluíram o trabalho, colorindo as cartolinas, com lápis de cor, guache e com as colagens [figura 3].

No final desta ilustração os alunos fizeram uma reflexão comigo sobre o que gostaram mais de fazer e o que não gostaram tanto.



Figura 3 - Trabalho realizado pelos alunos - ilustração da lenda

Esta unidade de trabalho que durou duas aulas, de 90 minutos, para que o resultado fosse o melhor possível para os alunos. Os alunos trabalharam muito bem, surpreenderam-me pela positiva, são crianças muito perfeccionistas, muito criativas e muito alegres. Com esta actividade pretendi que os alunos ilustrassem temas, que aplicassem elementos visuais como a cor, a linha, a forma, a textura, que explorassem a técnica: da esponja como também os materiais: a lã, tecidos, papel colorido e concluíssem com colagens.

É de salientar que a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribuem para despertar a imaginação como a criatividade dos alunos, como lhes possibilita a destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. E, as crianças devem desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas.

Na actividade seguinte, a Professora Cooperante, sugeriu fazermos algo divertido e pândego. A ideia era os alunos fazerem a família da “mãe porca” com os seus respectivos filhotes e que desempenhassem a função de mealheiros. Esta actividade deu seguimento à aula de Matemática da professora cooperante, porque ela estava a ensinar aos alunos, as moedas e notas em euros e cêntimos.

Pedi aos alunos, na aula anterior, que trouxessem garrafas de água plásticas de 33 cl, para podermos fazer a próxima actividade.

Iniciei a aula com um breve diálogo com os alunos e com uma explicação sobre a necessidade de termos um mealheiro em casa. Como primeiro passo, foi distribuído por cada aluno quatro rolhas de cortiça, para que colassem nas suas garrafas servindo assim de patas para o porquinho. Para terminarem esta primeira aula, os alunos pintaram as garrafas com a ajuda do pincel e do guache cor-de-rosa.

Os alunos demoraram quarenta e cinco minutos a pintarem as garrafas e a colarem as quatro rolhas na garrafa. Os outros quarenta e cinco minutos foram para explicar aos alunos a importância de reutilizarmos aqueles materiais que já não nos são necessários depois de os usarmos, como por exemplo a garrafa da água, depois de bebermos a água, deitamos a garrafa ao lixo, e assim, usamos essa mesma garrafa que ia para o lixo, para fazermos trabalhos como por exemplo os porquinhos mealheiros.

Na segunda aula desta unidade os alunos pintaram novamente as garrafas plásticas, com a ajuda do pincel e das tintas de guache. Mas, conseguiram ainda no final da aula desenhar os olhos a boca aos porquinhos com tinta preta. E, foram colocados a secar num local seguro.

Na terceira e última aula desta unidade os alunos colaram as orelhas e o rabo do porco, feitos em cartolina cor-de-rosa.

Esta actividade foi muito longa, devido á utilização de tintas e colas, uma vez que demora mais tempo a secar. Foi mais um dos trabalhos interessantes que foram desenvolvidos e que foi uma experiência nova e benéfica tanto para mim como para os alunos.

Com esta actividade pretendi que os alunos explorassem a técnica da pintura com pincéis e guache. Tentei ir observando as crianças sem interferir nos aspectos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura: como pegam no pincel, preenchem superfícies. À medida que as crianças vão demonstrando mais iniciativa o professor pode então sugerir

outras experiências que permitirão aprofundar a capacidade dos alunos se exprimirem de forma pessoal através da pintura.

Este trabalho também foi para uma exposição do agrupamento, para que toda a gente pudesse ver o trabalho dos alunos [figura 4].



Figura 4 - Trabalho realizado pelos alunos – a família do porquinho

Já no final do estágio, a Professora Cooperante pretendia desenvolver uma actividade que ela estivesse a trabalhar em Estudo do Meio. Como estávamos na Primavera/Verão pensamos no ambiente, mais concretamente na natureza e nos animais. Optou-se fazer um trabalho onde os alunos unissem várias peças e que concluísse com o aparecimento de um animal.

No início da aula expliquei aos alunos a actividade a desenvolver naquela aula. Depois, distribuí as peças de cada animal/elemento, cartolinas vermelhas, pretas, cinzentas, algodão, tesouras e colas. Para os alunos do primeiro ano era as peças de um rato para os do segundo ano eram peças de uma joaninha. Eles cortaram e colaram segundo a sua lógica. Para finalizarmos a actividade, os alunos que fizeram os ratos colocavam-nos num queijo feito em cartolina, os alunos das joaninhas, colocaram-nas em folhas, tudo feito pelos alunos [figura 5].

Resultou muito bem esta actividade obtivemos bons resultados a nível de construção dos animais (ratos e joaninhas), a aula foi positiva e os alunos adoraram este trabalho.

Com esta actividade pretendi que os alunos explorassem sensorialmente diferentes materiais e objectos. Visto que, fazer construções ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos.

Os alunos cooperaram bastante na aula e mostraram-se satisfeitos com este trabalho.



Figura 5 - Trabalho realizado pelos alunos – os animais

Na última aula do estágio, dia dezasseis de Junho de 2009, a professora cooperante aconselhou-me que planificasse uma aula dedicada á criança. A professora cooperante pretendia que os alunos elaborassem um trabalho feito por eles, que depois pudessem levar para casa e que ficassem com uma recordação do primeiro e segundo anos de escola.

Dediquei esta aula ao auto-retrato dos alunos, através do desenho livre.

Elaborei então, um diploma onde num dos lados da folha, lado esquerdo, os alunos fizessem o seu auto-retrato, e no outro lado, lado direito, escrevi um poema referente á criança que me foi fornecido pela professora cooperante.

No início da aula dialoguei um pouco com os alunos acerca do meu último dia de aulas, naquela escola, e pedi-lhes que aquele dia fosse recordado com muito carinho pela parte deles e pela minha.

Para a última actividade, distribui os diplomas aos alunos, expliquei o trabalho a realizar e também que, podiam utilizar o material que pretendessem, lápis de cor ou marcadores.

Os alunos foram muito espontâneos e criativos ao se auto-retratarem, tive desenhos desde a serem grandes jogadores de futebol, a desenharem a camisola que mais gostam e a desenharem um momento da vida deles [figura 6].



Figura 6 - Trabalho realizado pelos alunos - diploma

Pretendia com esta actividade que os alunos fossem criativos, espontâneos e que a criança se exprimisse de forma livre e pessoal.

É também de salientar que a professora cooperante sugeria sempre o que queria que eu abordasse na aula seguinte, pois durante todo o estágio, nunca fui eu a idealizar uma aula. A professora cooperante aproveitava as aulas de expressão e educação artística para realizar trabalhos práticos relativos a dias festivos e comemorativos, e ela não achava bem ir para aquela escola uma aluna estagiária e alterar-lhe as planificações que ela já tinha planeado, para aquele ano lectivo.

No entanto, a professora cooperante valorizava bastante a Expressão e Educação Artística e tentava desenvolver trabalhos práticos com as crianças para que elas manipulassem e experimentem os materiais.

Contudo, estes alunos não pintavam desenhos estereotipados, era tudo desenhado pelas crianças. Quando olhava para as paredes estavam lá os trabalhos dos alunos onde transmitiam sentimentos, desejos, e momentos diários daqueles alunos. Normalmente, as crianças do

primeiro ciclo do ensino básico, simplesmente, pintam desenhos já estereotipados, aquelas ilustrações já criadas. Essas ilustrações pintadas pelos alunos servem afinal como separadores para a capa individual de cada aluno para distinguirem as estações do ano (Primavera, Verão, Outono e Inverno). Raras as vezes se vêem desenhos de crianças nos placares das paredes onde as crianças não têm liberdade de expressão quanto aos seus sentimentos ou desejos. Porém, ao observar as capas dos alunos não se vê um único desenho feito pelas crianças. Uma vez que, tive a oportunidade de observar trabalhos anteriores ao estágio, onde as crianças exploraram o desenho, a pintura, o recorte e a colagem.

É importante referir que, apesar de tudo, defendo que a criança se exprima de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados. E, que a exploração livre dos meios de Expressão e Educação Artística não só contribuem para despertar a imaginação como a criatividade dos alunos, como lhes possibilita a destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

A experiência foi boa, porque os alunos assim o deixaram ser, o comportamento deles foi muito bom e cooperavam comigo. Por que, quando uma pessoa pensa em crianças de seis a oito anos, pensa que são crianças desinquietas, impacientes, que não estão atentas, que é preciso estar sempre a mandá-las estar quietas. Mas, os alunos da escola de Nantes não eram assim, tinham um bom comportamento, eram muito participativos e comunicativos.

Pretendi com este estágio que as crianças do 1º ciclo do Ensino Básico se exprimissem de forma pessoal e que sentissem prazer nas múltiplas experiências que iam realizando, pois são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista. Destaco ainda que a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribuem para despertar a imaginação como a criatividade dos alunos, como lhes possibilita a destreza manual.

Neste estágio houve uma maior importância para a exploração da tridimensionalidade e que os alunos desenvolvessem a sua destreza manual com a ajuda das dobragens.

No entanto, a arte do origami é uma forma de desenvolvimento rica. Porque o professor para além de criar interesse nos alunos introduzindo esta arte na sua metodologia, enriquece a sua aula tornando-a mais interessante e divertida. É de enorme riqueza a interdisciplinaridade desta arte que pode inferir na orientação dos processos pedagógicos desde tenra idade até ao final do ensino básico.

Contudo, verifiquei, que os alunos, naqueles noventa minutos reservados para a aula de Expressão e Educação Artística, estavam motivados, atentos e participativos.

Com os resultados dos trabalhos verificou-se que os alunos conseguiram atingir os objectivos que lhe foram propostos.

*O Programa do Ensino Básico*¹ menciona que, a Expressão e a Educação Plástica proporciona à criança a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar na realidade. A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribuem para despertar a imaginação e a criatividade

¹ DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2004) – “Orientações Curriculares e Programas do Ensino Básico 1º Ciclo”. Ministério da Educação. Lisboa.

dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. Proporciona a possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal.

Concluimos assim, que a expressão plástica é um dos meios que a criança encontra de forma imediata para comunicar. A necessidade natural que a criança tem de exprimir e de comunicar sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, desejos, ideias, curiosidade e experiências, um conjunto de factos emotivos, impõe que o professor a ajude a exprimir-se pela pintura, pelo desenho, pelos trabalhos manuais ou por qualquer outra expressão.

O trabalho das artes com as crianças é muito importante, na medida em que, a criança de uma forma mais directa se pode desenvolver e reconhecer.

No entanto, este estágio seguiu os objectivos da professora cooperante, o que para mim foi uma desvantagem. Mas, apesar disso, compreendo perfeitamente a professora cooperante, pois ela já tinha programado o ano lectivo e é completamente normal, na minha perspectiva, que ela queira seguir a sua planificação. Ainda assim, sinto essa grande desvantagem, em não criar ideias, mas também aprendi muito com os alunos e com a professora cooperante, no decorrer deste estágio.

Um inconveniente que verifiquei nesta escola foi que, não existia um espaço próprio para a expressão plástica. O espaço, onde a professora dava aulas de Matemática, de Língua Portuguesa entre outras e a expressão plástica era o mesmo. E sentiu-se a falta de um espaço dirigido para a Expressão e Educação Artística, ou seja, um espaço adequado para as crianças trabalharem livremente, podendo explorar mais os materiais adaptados à disciplina de Expressão e Educação Artística. Segundo o autor **Sousa (2003)**, no livro *Educação pela Arte e Artes na Educação*, deve existir um local próprio para a pintura, como também um sítio seguro para guardar as tintas.²

Ainda **Sousa (2003)** menciona que o termo “expressão plástica” foi adaptado pela educação pela Arte portuguesa, para designar o modo de expressão - criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos.

O principal objectivo da expressão plástica é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. É a acção que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada. Não interessa se a obra é “boa” ou “má”, “bonita” ou “feia”, é o acto expressivo que interessa e não a plástica. Trata-se de “expressão” plástica e não de produção plástica. Em educação pela arte, o interesse pedagógico centra-se na criatividade, sendo a acção de criar apenas uma forma de desenvolver esta capacidade. (p.160)

² SOUSA, Alberto B. (2003) – “Educação pela Arte e Artes na Educação” – 3º volume. Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. Lisboa.

O *Currículo Nacional do Ensino Básico*³ assume que a escola não parece reconhecer por completo a importância das artes, por vezes tidas como disciplinas secundárias tanto por educadores como por alunos e encarregados de educação.

Ao longo deste estágio aprendi que, a disciplina de Expressão e Educação Artística é particularmente uma actividade natural, livre e espontânea para a criança. No entanto, oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio. E que o ensino de Artes, na sua amplitude de conhecimento, é fundamental para a formação cultural, intelectual e social não só do aluno como também do professor. O conteúdo de Artes é uma componente fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. E, cabe ao professor proporcionar caminhos que possibilitem reflexão nas produções obtidas.

Esmerinda D' Aparecida Neves (2012) no seu artigo de conclusão do curso de Pedagogia⁴ afirma que:

(...) o trabalho educacional com Artes Visuais não forma artistas, mas amplia a capacidade criativa dos alunos e possibilita que eles conheçam a linguagem artística e tenham um olhar sensível para o mundo, aprendendo a representá-lo. (p.4)

O indivíduo tem a capacidade de perceber sensorialmente o seu ambiente. Nas artes visuais a percepção é um meio que contribui especialmente para desenvolver a perspicácia dos sentidos.

Assim, os alunos aprendem a identificar, a relacionar, a analisar, a atribuir ou emitir juízos, apontando a formação da sua sensibilidade artística.

³ DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001) – “*Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.

⁴ Esmerinda D' Aparecida Neves, autora do artigo de conclusão do curso de Pedagogia “*Artes visuais: a criança o desenho e a expressividade infantil*”, em 2010, sob a orientação da Professora Ms. Milna Martins Arantes, na Faculdade Alfredo Nasser, Instituto Superior de Educação Curso de Pedagogia. Documento disponível na página online <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/ARTES%20VISUAIS%20A%20CRIAN%C3%87A,%20O%20DESENHO%20E%20A%20EXPRESSIVIDADE%20INFANTIL%20-%20Esmerinda%20Neves.pdf> (acedido a 10-05-2012)

1.2 ESTÁGIO NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O estágio na disciplina de Educação Visual e Tecnológica do 2º ciclo do Ensino Básico foi realizado na Escola EB 2, 3 Paulo Quintela na cidade de Bragança. Este deu início a 11 de Fevereiro de 2008 terminando a 28 de Maio de 2008. Foram executadas duas unidades de trabalho no total de vinte e sete aulas.

Também esta reflexão de estágio circunscreve uma breve síntese relativamente ao enquadramento geográfico da cidade onde foi realizado este mesmo estágio (cidade de Bragança), a caracterização e identificação do meio escolar, como também a descrição do trabalho realizado.

Com as duas unidades de trabalho pretendíamos que os alunos concebessem objectos gráficos aplicando regras da comunicação visual – composição módulo-padrão. Que criassem composições bidimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente os elementos da forma. Porém, que utilizassem o elemento definidor da forma – cor, nas experimentações plásticas, criassem composições bidimensionais e tridimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente a cor, identificassem e descodificassem mensagens visuais interpretando códigos específicos, concebessem objectos gráficos aplicando regras da comunicação visual. E que organizassem formalmente espaços bidimensionais e tridimensionais, que criassem composições bidimensionais a partir da observação e da imaginação, e que compreendessem e utilizassem intencionalmente a estrutura das formas através da interpretação dos seus elementos, relacionando as partes com o todo e entre si.

1.2.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DE BRAGANÇA

O concelho de Bragança é constituído por 49 freguesias (120 povoações). É uma cidade do interior situado no extremo nordeste de Portugal, delimitada por uma moldura montanhosa, onde sobressaem as serras de Nogueira e de Montesinho, tem um clima severo, de Invernos longos e muito frios, que se fazem sentir, pela negativa.

1.2.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

A Escola EB 2,3 Paulo Quintela fica situada num dos pontos mais altos da cidade de Bragança. Enquadrada num cenário de montanhas, planaltos e vales profundos e estreitos, modulados pelo rio Sabor e seus afluentes, produz o centeio, o trigo, a batata e a castanha.

O Agrupamento de Escolas Paulo Quintela congrega estabelecimentos de ensino público do Concelho de Bragança do sector pré- escolar, primeiro, segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico, engloba três jardins-de-infância, onze escolas do 1º ciclo e a sede do Agrupamento, onde funciona uma turma do 1º ciclo, o 2º e 3º ciclos, tendo como sede a Escola EB 2,3 Paulo Quintela, fundada em 1983, localizada na Avenida General Humberto Delgado, na cidade de Bragança.

O Agrupamento de escolas Paulo Quintela é formado por um conjunto de estabelecimentos de ensinos públicos do Concelhos de Bragança do sector pré-escolar, primeiro, segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico. Engloba três jardim-de-infâncias, onze escolas do 1º ciclo e a sede do Agrupamento, onde funciona uma turma do 1º ciclo, o 2º e 3º ciclo.

1.2.3 DESCRIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO


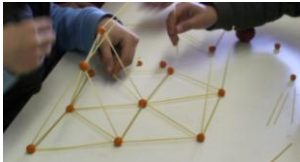

Calendarização do estágio de Educação Visual e Tecnológica			
Unidade 1 "Natureza em Miró"	11/02/2008 13/02/2008 18/02/2008 20/02/2008 25/02/2008 27/02/2008 03/03/2008 05/03/2008 10/03/2008	Comunicação visual Elementos da forma Luz/cor Materiais Medida Trabalho	
Unidade 2 "Explorar estruturas no fotograma"	31/03/2008 02/04/2008 07/04/2008 09/04/2008 14/04/2008 16/04/2008 21/04/2008 23/04/2008 28/04/2008 30/04/2008 05/05/2008 07/05/2008 12/05/2008 14/05/2008 19/05/2008 21/05/2008 26/05/2008 28/05/2008	Comunicação visual Espaço Forma Estrutura Luz/cor Materiais Medida Trabalho	 

Tabela 3 - Calendarização do estágio de Educação Visual e Tecnológica

Trabalho realizado ao longo do estágio			
Agrupamento de Escolas EB 2, 3 Paulo Quintela			2º Ciclo do Ensino Básico Educação Visual e Tecnológica
Ano: 5º ano	Turma: B	Horário: 2 blocos de 90 minutos	Estagiária: Carina Oliveira

Unidade	Conteúdos	Áreas de exploração
1ª Unidade de trabalho “Natureza em Miró”	Comunicação visual Elementos da forma Luz/cor Materiais Medida Trabalho	Pintura Desenho
2ª Unidade de trabalho “Explorar estruturas no fotograma”	Comunicação visual Espaço Forma Estrutura Luz/cor Materiais Medida Trabalho	Fotografia/Fotograma Desenho Pintura

Tabela 4 - Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Visual e Tecnológica

1.2.4 REFLEXÃO CRÍTICA

A primeira unidade de trabalho na disciplina de Educação Visual e Tecnológica deu início a onze de Fevereiro de 2008. Aproximava-se uma data importante e era necessário lembrar: o dia Mundial da Árvore. Foram programadas doze aulas para esta unidade de trabalho. A aula começou com um diálogo com os alunos sobre o dia mundial da árvore. Com o desenrolar do diálogo foram surgindo ideias para solucionar o problema: o que fazer para lembrar: o dia Mundial da Árvore? Escolheu-se a melhor solução. Pintar em tecido e no final da unidade expormos na escola os trabalhos realizados para que todos os alunos pudessem observar. E, fomos visitar o espaço para a exposição dos trabalhos.

Escolher o espaço era importante porque só depois de medirmos o espaço a que se definia se os trabalhos podiam ser de tamanho grande ou pequeno. Nessa visita ao espaço os alunos fizeram registos fotográficos, mediram o espaço e utilizaram os seus diários gráficos para registos importantes. Posteriormente, foi mostrado aos alunos uma apresentação de exemplos de trabalhos realizados por artistas plásticos. Houve uma discussão sobre a

projecção visionada e surgiu nesse debate de ideias, o tema a desenvolver nas aulas seguintes. Ficou assim escolhido pelos alunos e pelas alunas estagiárias, o tema: “Natureza em Miró”.

Na aula seguinte, apresentou-se um powerpoint com imagens de algumas obras de Miró.

Para que os alunos tivessem conhecimento do conteúdo da cor, foi apresentado um powerpoint com cores primárias e secundárias. Os alunos eram sempre questionados sobre as apresentações exibidas. Foi proposto aos alunos um exercício prático sobre a cor. O exercício consistia em dividir a folha a meio onde obtinham dois desenhos diferentes e pintavam um a cores frias e outro a cores quentes. Para além do conteúdo cor, foi também trabalhado o conteúdo módulo-padrão. Depois da visualização de um powerpoint sobre o conteúdo módulo-padrão, foi distribuído pelos alunos uma ficha informativa sobre o conteúdo abordado.

Depois de definidas as dimensões dos trabalhos e dos materiais e técnicas a utilizar, foram distribuídas folhas A4 que continham um exercício prático para a realização do projecto final. Os alunos realizaram o seu projecto com base na obra de Miró, de acordo com os conteúdos abordados (cor e módulo-padrão). Foram disponibilizadas duas aulas para o exercício prático.

Depois, dos alunos terem realizado a sua obra, foi-lhes mostrado os materiais para pintarem e demonstrou-se a técnica a utilizar. Depois de expormos imagens de exemplos de pintura em tecido, deixamos os alunos experimentarem livremente a técnica e os materiais de pintura. A passagem do desenho para o suporte em tecido foi feita com papel vegetal e papel químico. Cada aluno decalcou o seu próprio desenho. Para finalizar os alunos coloriram o seu trabalho [figura 7].

No final da unidade de trabalho os alunos responderam a um teste formativo.



Figura 7 – Trabalho realizado pelos alunos - tela

Pretendíamos com esta unidade de trabalho que os alunos interpretassem mensagens na leitura de formas visuais; concebessem objectos gráficos aplicando regras da comunicação visual – composição módulo-padrão; criassem composições bidimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente os elementos da forma; utilizassem o elemento definidor da forma – cor – nas experimentações plásticas; identificassem a cor como elemento integrante da expressão visual; criassem composições bidimensionais e tridimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente a cor; escolhessem materiais de acordo com o seu preço, aspecto, propriedades físicas e

características técnicas; comparassem características e aplicações técnicas em diferentes materiais; identificassem os diferentes materiais básicos e algumas das suas aplicações; conhecessem a origem dos principais materiais básicos; seleccionassem os materiais adequados para aplicar na resolução de problemas concretos; seleccionassem e aplicassem os materiais tendo em conta as suas qualidades expressivas/estéticas; aplicassem as técnicas específicas aos materiais a utilizar e aos problemas técnicos a resolver; valorizassem o sentido de rigor e precisão; medissem e controlassem distâncias e dimensões; identificassem e usassem racionalmente os instrumentos e ferramentas; seleccionassem e aplicassem as ferramentas específicas aos materiais a trabalhar e que tivessem comportamentos saudáveis e seguros durante o trabalho prático.

Na segunda e última unidade de trabalho exploramos uma pequena parte da fotografia. Para abordarmos a fotografia teríamos de ter mais aulas disponíveis mas como o tempo era curto, optamos por abordar o fotograma.

Para falarmos no fotograma tivemos de fazer uma breve abordagem à fotografia. Para tal, foi apresentado aos alunos um powerpoint sobre fotografia.

Posteriormente, apresentou-se um powerpoint sobre estruturas Naturais, Artificiais e modulares, pertinente por estar patente no Museu do Abade de Baçal na cidade de Bragança uma exposição com o tema “Luzes na Pedra” de José Pessoa. Os alunos levaram consigo os seus diários gráficos, para poderem registar eventuais desenhos ou escreveram algo importante que observassem na exposição.

Foram feitos alguns exercícios sobre estruturas Naturais, Artificiais para que os alunos entendessem melhor a matéria [figura 8].

Foi resolvido um exercício prático com estruturas modulares (construções de estruturas em esparguete). Este exercício exigiu rigor, paciência, e flexibilidade. O momento foi registado com algumas fotografias. Foi um momento divertido, alegre e ao mesmo tempo relaxante para os alunos.

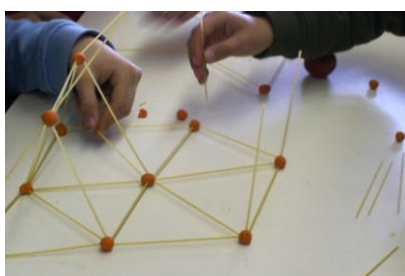


Figura 8 – Trabalho realizado pelos alunos - construções de estruturas em esparguete

Mas, para darmos início ao trabalho prático, fotogramas, tivemos que demonstrar aos alunos o conceito de composição. O trabalho prático dependia de colagens, para que os alunos pudessem explorar o universo da composição.

Depois de tudo isto, fomos para o laboratório de fotografia, para que os alunos conseguissem visualizar e aprender o que nos reserva o mundo do fotograma. Para os alunos entrarem num laboratório foi como entrarem noutra mundo. Ficavam admirados, faziam perguntas e queriam ver tudo. Depois de se acalmarem comecei por explicar os materiais,

demonstrei os procedimentos para obtermos um fotograma, e os alunos estavam encantados, e abismados com o aparecimento da imagem, a preto e branco, no papel fotográfico. Foram feitos imensos e variados fotogramas. Aqueles que os alunos achavam que ficaram com bom aspecto colocavam de parte, nos restantes, optou-se por se intervir neles com uma técnica mista, onde se pudesse explorar vários tipos de materiais e até mesmo materiais riscadores.

O objectivo desta unidade de trabalho era que os alunos identificassem e descodificassem mensagens visuais interpretando códigos específicos, concebessem objectos gráficos aplicando regras da comunicação visual, organizassem formalmente espaços bidimensionais e tridimensionais, criassem composições bidimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente os elementos da forma, concebessem objectos gráficos aplicando as regras da comunicação visual – composição, compreendessem e utilizassem intencionalmente a estrutura das formas através da interpretação dos seus elementos, compreendessem a estrutura das formas percebidas, relacionando as partes com o todo e entre si, utilizassem a estrutura nas experimentações plásticas, criassem composições bidimensionais a partir da observação, utilizando expressivamente a estrutura, criassem estruturas a partir da imaginação, criassem composições bidimensionais a partir da observação e da imaginação, utilizando expressivamente a cor.

Os trabalhos dos alunos foram para uma exposição na Biblioteca Municipal de Bragança, e foram os alunos que colocaram os seus trabalhos para a exposição. [figura 9]



Figura 9 – Trabalho realizado pelos alunos - fotogramas

Como era a primeira vez que estagiava na disciplina, tinha grandes expectativas e fazia tudo com prazer, para que os alunos aprendessem e gostassem das aulas de Educação Visual e Tecnológica. Sentia-me bem com os alunos e a leccionar ainda melhor. Isto deve-se também ao apoio e ao à-vontade dos professores cooperantes que foram fundamentais para que existisse um bom relacionamento entre professora/alunos e sobretudo que os trabalhos dos alunos fossem benéficos e úteis.

No entanto, não senti dificuldades em leccionar a matéria. Todavia, eram crianças que gostavam de aprender e fazer coisas novas.

Ir com as crianças para o laboratório fotográfico para mim foi uma experiência nova e muito boa. Os alunos não danificavam nada, porque eu não os deixava abusar com coisas sérias e eu estava sempre a observá-los. Na minha opinião, eles apenas queriam explorar o

mundo da fotografia. Porque a fotografia é um meio para que a criança possa expressar as suas emoções e sentimentos e satisfazer as suas necessidades de criatividade.

Sousa (2003) refere que:

Não interessa tanto a qualidade técnica da fotografia, mas o desenvolvimento da sua sensibilidade emocional – sentimental que pode ser proporcionada pela fotografia. É a criança, que interessa e não a fotografia. (p.343)

Aprendi e tentei transmitir aos alunos que, devemos mostrar os nossos trabalhos, através de exposições, para que as pessoas da nossa comunidade escolar possam observar e criticar as nossas obras de arte.

Contudo, o estágio deu-me uma satisfação pessoal enorme, pois tive a oportunidade de aplicar conhecimentos, como também, a realização de actividades que até então nunca tinha executado. Foi nesta prática pedagógica que tive a confirmação do meu gosto pelo ensino, porque ensinar o que se gosta é sempre satisfatório.

No *Programa da disciplina de Educação Visual e Tecnológica*⁵, faz-se a abordagem dos conteúdos programáticos da disciplina centrando o ensino/aprendizagem no aluno, segundo uma pedagogia de centro de interesses e resolução prática de problemas. Os saberes teóricos e práticos trabalham-se em simultâneo, no desenvolvimento de Unidades de Trabalho, com aplicação do método de resolução de problemas. Ou seja, é uma disciplina que pretende promover o desenvolvimento do sentido estético, científico e técnico. Junta, assim, dois campos de formação, a artística e a técnica, de modo a explorar a relação dialéctica indivíduo/sociedade, a incentivar a participação activa dos alunos, motivando-os a identificar problemas e a criarem soluções.

Com o objectivo de formar futuros cidadãos em harmonia com o seu meio envolvente, os conteúdos programáticos direccionam-se para o relacionamento do aluno com o outro e com o meio específico. As particularidades de cada aluno obrigam o professor a adoptar uma pedagogia orientada. Para que o interesse do aluno seja constante e possa aumentar, o professor deve adaptar situações e problemas do dia-a-dia às unidades de trabalho. Com isto, haverá mais hipóteses do aluno ter maior compreensão, criatividade, capacidade de comunicação, capacidade crítica, sensibilidade estética, assim como capacidades técnica e manuais. Resolver problemas será o mote para que os conteúdos sejam apreendidos de forma operativa e focalizada. Como estamos a falar de um programa comum de dois anos diferentes do mesmo ciclo do ensino básico, será aconselhável que no primeiro ano as unidades sejam leccionadas de forma mais sintética para que haja a possibilidade dos alunos obterem soluções de forma mais rápida. Já no segundo ano é aconselhável que os conteúdos sejam mais aprofundados para que os alunos solidifiquem as suas competências. Assim, o aluno poderá aprender a importância dos campos da arte, da ciência e da técnica de uma forma relacionada.

⁵ DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991) – “Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem Ensino Básico 2º Ciclo.” Ministério da Educação. Volume II. Lisboa.

1.3 ESTÁGIO NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O estágio na disciplina de Educação Tecnológica do 3º ciclo do Ensino Básico foi realizado na Escola Secundária Miguel Torga na cidade de Bragança. Começou a 17 de Dezembro de 2009 terminando a 22 de Abril de 2010. Foram executadas duas unidades de trabalho no total de catorze aulas.

Igualmente esta reflexão de estágio circunscreve uma breve síntese relativamente ao enquadramento geográfico da cidade onde foi realizado este mesmo estágio (cidade de Bragança), a caracterização e identificação do meio escolar, como também a descrição do trabalho realizado.

Pretendíamos que as crianças do 3º Ciclo do Ensino Básico se exprimissem de forma pessoal e que sentissem prazer nas múltiplas experiências que iam realizando. Na nossa meta final pedíamos aos alunos que identificassem as principais características das grandes famílias dos materiais, comparando as suas diferentes características, segundo as suas áreas de aplicação específica. O nosso objectivo central era que os alunos utilizassem ferramentas e materiais para que posteriormente, aplicassem em processos técnicos de trabalho de modo seguro e eficaz.

1.3.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DE BRAGANÇA

Já referido no capítulo anterior.

1.3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Secundária Miguel Torga de Bragança situa-se no Bairro de São Sebastião, na rua Miguel Torga. Está implantada nas imediações da zona histórica da cidade de Bragança, usufruindo da vizinhança do Castelo e do Arquivo Distrital, antigo Convento de São Francisco. O edifício escolar iniciado em 1986 tem, a particularidade de apresentar uma configuração singular que se enquadra harmoniosamente no meio. Para além do 3º ciclo a escola oferece a frequência de dois cursos do 1º e 4º agrupamentos, EFA´S, CEF´S.

1.3.3 DESCRIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

Calendarização do estágio de Educação Tecnológica		
Unidade 1 "Pintura em azulejo"	17/12/2009 07/01/2010 14/01/2010 21/01/2010 28/01/2010 04/02/2010 11/02/2010 18/02/2010 25/02/2010	Conceitos, princípios operadores tecnológicos: materiais, comunicação, higiene e segurança, organização e gestão.

Unidade 2 "Casa em Madeira"	11/03/2010 18/03/2010 25/03/2010 15/04/2010 22/04/2010	Conceitos, princípios operadores tecnológicos: materiais, higiene e segurança, organização e gestão, fabricação/construção; Representação do espaço: axonometrias (perspectiva cavaleira, dimétrica e isométrica)
--------------------------------	--------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 5 - Calendarização do estágio de Educação Tecnológica

Trabalho realizado ao longo do estágio			
Escola Secundária Miguel Torga			3º Ciclo do Ensino Básico Educação Tecnológica
Ano: 8º ano	Turma: B	Horário: 15h30m/17h	Estagiária: Carina Oliveira

Unidade	Conteúdos	Campos de actividade tecnológica
1ª Unidade de trabalho "Pintura em azulejo"	Conceitos, princípios operadores tecnológicos: materiais, comunicação, higiene e segurança, organização e gestão.	Sistemas organizativos/informativos;
2ª Unidade de trabalho "Casa em madeira"	Conceitos, princípios operadores tecnológicos: materiais, higiene e segurança, organização e gestão, fabricação/construção; Representação do espaço: axonometrias (perspectiva cavaleira, dimétrica e isométrica)	Sectores de actividades tecnológica, casa/ lar;

Tabela 6 - Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Tecnológica

1.3.4 REFLEXÃO CRÍTICA

Na aula de observação, dia dezassete de Dezembro de 2009, os alunos estavam a passar um desenho para um azulejo com a ajuda do papel químico e do lápis. O professor cooperante optou por um tema livre neste trabalho, para depois os alunos ficarem com um trabalho ao gosto deles. Os alunos revelaram-se empenhados, aplicados e participativos.

Devido à planificação anual já estar definida pelo professor cooperante, limitei-me a dar continuidade ao que ele pretendia para aquela turma.

Em conjunto com o professor cooperante, reservamos nove aulas de noventa minutos para os alunos finalizarem esta unidade de trabalho da pintura sobre azulejo.

Na primeira aula de responsabilização os alunos continuaram a decalcar o desenho no azulejo. Para passarmos à parte da pintura em azulejo, expliquei oralmente aos alunos e concluí com uma pequena demonstração. Os materiais utilizados para a aula foram tintas acrílicas, pincéis e azulejos. O professor cooperante reservou dez minutos no final da aula para fazer a auto e hetero-avaliação referente ao 1º período.

Nesta primeira aula a turma esteve completa, mas nas seguintes aulas a turma dividiu-se em dois grupos.

Na segunda aula deu-se continuidade à pintura em azulejo. Estavam presentes na sala de aula catorze alunos que equivale a metade da turma. Os alunos começaram a pintar, utilizaram pincéis número um, dois e quatro, isto porque os trabalhos dos alunos continham muitas minuciosidades.

Estes alunos desenvolveram este trabalho em mais quatro aulas, até ao final de Fevereiro.

Na terceira aula, a outra metade da turma começou também a pintar no azulejo. Tiveram também mais três aulas para terminarem a actividade.

Pretendeu-se com esta actividade que os alunos conhecessem as principais características dos materiais; garantissem comportamentos seguros perante certos materiais e produzissem objectos plásticos explorando temas e ideias.

Os conteúdos abordados foram conceitos, princípios operadores tecnológicos: materiais, comunicação, higiene e segurança, organização e gestão.

Na décima aula de responsabilização demos início a uma nova unidade de trabalho. O tema para esta segunda unidade foi a "casa em madeira". Esta unidade de trabalho alongou-se por cinco aulas de noventa minutos.

Confesso que ao início senti um pouco de receio porque tinha medo de falhar, mas o professor cooperante tornou as coisas mais fáceis.

Comecei assim por referir que para se gerar um objecto ou peça, seja em madeira, cartão ou ferro é necessário realizar antes um projecto, um desenho ou esquema. Para esse projecto é necessário esquematizarmos o que pretendemos fazer. Como nós queríamos fazer uma casa em madeira primeiro tínhamos de definir a função desse mesmo objecto. Em conjunto com os alunos e o professor cooperante decidimos, que aquela casa feita em madeira, seria para os alunos levarem para as suas casas para colocarem CDS, bijutaria ou loiças.

Seguidamente, passou-se ao desenho da peça. Foi necessário abordar as perspectivas. A perspectiva é a forma encontrada pelo homem para representar figuras tridimensionais (altura, largura e comprimento) numa superfície plana.

Das três perspectivas, isométrica, dimétrica e cavaleira, apenas uma foi a seleccionada para se fazer o esboço da peça, foi a perspectiva cavaleira. A perspectiva cavaleira é uma projecção cilíndrica oblíqua sobre um plano paralelo a uma das faces principais do objecto.

O desenho em perspectiva cavaleira é um auxiliar essencial na visualização e resolução de problemas de geometria no espaço, tendo em consequência uma grande importância no

ensino da geometria, devendo ser aprendido e utilizado pelos alunos como meio principal de representação.

Foi desenhado e explicado no quadro as três perspectivas, para os alunos terem uma visão e lembrarem. Os alunos tiraram alguns apontamentos e fizeram numa folha A4 o desenho da peça em perspectiva cavaleira com as respectivas medidas. Para realizar o exercício precisaram da régua, esquadro e transferidor. Relativamente, às medidas usaram uma escala de 1:2 (todas as dimensões reais do objecto aparecem com valores de duas vezes menor no desenho).

Para os alunos perceberem melhor e aprofundarem um pouco a parte dos esboços e esquematizações fizemos ainda uma planificação com as três vistas da peça – o alçado principal, o alçado lateral esquerdo e o alçado lateral direito com as respectivas medidas.

No fim, foi mostrado aos alunos alguns dos materiais que iriam utilizar para a concepção da peça em madeira. Os materiais mostrados aos alunos foram as ferramentas de serrar e cortar (fita métrica, esquadro, grampo, serrote universal, serra de rodear, cola de madeira).

A unidade de trabalho não ficou finalizada, devido a finalizar o estágio a vinte e dois de Abril de 2010, no entanto o professor cooperante deu continuidade á planificação da unidade de trabalho.

Pretendíamos com esta unidade de trabalho que os alunos identificassem e usassem racionalmente os instrumentos e ferramentas, valorizassem o sentido de rigor e precisão, estabelecessem um plano racional de trabalho e os meios técnicos disponíveis, conhecessem e utilizassem os diapositivos de segurança de ferramentas e máquinas e representassem um objecto simples em perspectiva cavaleira.

Com este estágio pretendi que as crianças do 3º Ciclo do Ensino Básico se exprimissem de forma pessoal e que sentissem prazer nas múltiplas experiências que iam realizando. A prioridade absoluta neste estágio foi o desenvolvimento do desenho.

No entanto, o *Currículo Nacional do Ensino Básico (2001)* refere que a Educação Tecnológica deverá concluir através do desenvolvimento e aquisição de competências, numa continuidade gradual de aprendizagens durante a escolaridade básica e tendo o pensamento e a acção como referência, perspectivando assim o acesso à cultura tecnológica. As aprendizagens completam saberes que deverão ser comuns a outras áreas curriculares e farão suceder novas situações para as quais os alunos mobilizam, transferem e aplicam os conhecimentos que vão obtendo progressivamente.

Segundo o *Programa de Educação Tecnológica*⁶, a disciplina de Educação Tecnológica “assume a sua autonomia e especificidade” e “é uma disciplina de formação geral, destinada a todos os alunos, de construção curricular própria”.

O mesmo documento refere que:

A disciplina está centrada no objecto técnico, estrutura-se a partir de competências universais que promovem o pensamento tecnológico, operações cognitivas e experimentais da técnica, através de

⁶ DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001) – “Educação Tecnológica. 3º Ciclo do Ensino Básico. Programa do 7º e 8º Anos.” Ministério da Educação. Lisboa.

aprendizagens realizadas em ambientes próprios, mobilizando e transferindo conhecimentos tecnológicos e de outras áreas, procurando dar um sentido integrado ao trabalho escolar e à formação pessoal. Ela deverá ser a conclusão de uma aprendizagem básica que proporcione aos alunos o prosseguimento de estudos específicos, a aprofundar ao longo da vida. (p.3)

O período de estágio foi enriquecedor para a minha formação, apontando o meu olhar crítico - reflexivo sobre a educação e a minha posição, na busca de soluções para os problemas observados na escola. O contacto prévio com os alunos favoreceu a construção de afectividade, facilitando o relacionamento dentro da sala de aula, permitindo assim conhecer as particularidades de cada um permitindo assim, pensar antecipadamente sobre a melhor maneira de lidar com cada aluno.

Sou da opinião que o primeiro contacto com os alunos é deveras importante, na medida que proporciona ao estagiário, integração no seio da turma com que vai trabalhar durante alguns dias. Os dois primeiros momentos dão certamente a oportunidade de poder conhecer e ambientar o estagiário à turma e também à comunidade escolar.

Contudo, a prioridade absoluta neste estágio foi o desenvolvimento do desenho. Devemos realçar que o desenho é fundamental para as crianças. Esta, mesmo antes de falar já sabe garatujar. O aperfeiçoamento vai depois com o passar do tempo. Mesmo assim, deve ser desenvolvida de forma ordenada, verificando-se isso em registos livres, registo de observação ou na representação rigorosa. Tudo isto, não só ajuda para activar a imaginação como também a criatividade dos alunos.

Contudo, tentei proporcionar aos alunos e às minhas aulas a utilização de diversos materiais, dando prioridade ao contacto dos alunos com os materiais, apesar de alguns dilemas presentes como a indisciplina da turma.

1.4 ESTÁGIO NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O estágio na disciplina de Educação Visual do 3º ciclo do Ensino Básico foi realizado na Escola EB 2, 3 Augusto Moreno na cidade de Bragança. Iniciou a 3 de Dezembro de 2009 terminando a 11 de Março de 2010. Foram executadas duas unidades de trabalho no total de treze aulas.

Também esta reflexão de estágio circunscreve uma breve síntese relativamente ao enquadramento geográfico da cidade onde foi realizado este mesmo estágio (cidade de Bragança), a caracterização e identificação do meio escolar, como também a descrição do trabalho realizado.

Neste estágio pretendíamos que os alunos manifestassem sentido crítico, que aplicassem adequadamente vocabulário específico, que utilizassem com precisão instrumentos de desenho rigoroso, que manifestassem capacidade de utilização das técnicas e que aplicassem a geometria na resolução de problemas práticos.

Mas, o imprescindível nestas aulas era que, os alunos se sentissem motivados, que participassem e que estivessem concentrados nas aulas.

1.4.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DE BRAGANÇA

Já referido no capítulo anterior.

1.4.2 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Em 1968 foi criada, em Bragança, a 1ª Escola Preparatória do Ensino Secundário. Por proposta da Câmara Municipal de então, foi-lhe atribuído o nome do professor Augusto Moreno. Em 1995, a Escola Preparatória Augusto Moreno passou a receber, também, alunos do 3º Ciclo e mudou-se do velho e histórico edifício do centro da cidade, para um outro, recente e moderno, na Avenida General Humberto Delgado, construído em meados da década de oitenta para a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

1.4.3 DESCRIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

Calendarização do estágio de Educação Visual		
Unidade 1 "A geometria e o seu meio"	03/12/2009 10/12/2009 17/12/2009 07/01/2010 14/01/2010 21/01/2010 28/01/2010	Formas geométricas no ambiente; A geometria nas obras; Património local; Elementos visuais/formas bidimensionais e tridimensionais; Linhas, formas e volumes; As formas geométricas no desenho técnico e rigoroso; Instrumentos de desenho rigoroso; Traçados geométricos elementares.

Unidade 2 "Perspectiva"	04/02/2010	Espaço - Axonometrias Perspectiva Isométrica, Dimétrica e Cavaleira.
	11/02/2010	
	18/02/2010	
	25/02/2010	
	04/03/2010	
	11/03/2010	

Tabela 7 - Calendarização do estágio de Educação Visual

Trabalho realizado ao longo do estágio			
Agrupamento de Escolas EB 2, 3 Augusto Moreno			3º Ciclo do Ensino Básico Educação Visual
Ano: 8º ano	Turma: B	Horário: 12:00/13:30m	Estagiária: Carina Oliveira

Unidade	Conteúdos	Áreas de exploração
1ª Unidade de trabalho "A geometria e o seu meio"	Formas geométricas no ambiente; A geometria nas obras; Património local; Elementos visuais/formas bidimensionais e tridimensionais; Linhas, formas e volumes; As formas geométricas no desenho técnico e rigoroso; Instrumentos de desenho rigoroso; Traçados geométricos elementares.	Geometria Desenho
2ª Unidade de trabalho "Perspectiva"	Espaço - Axonometrias	Geometria Desenho Espaço

Tabela 8 - Trabalho desenvolvido ao longo do estágio de Educação Visual

1.4.4 REFLEXÃO CRÍTICA

Devido à planificação anual já estar definida pelo professor cooperante, tive de dar continuidade ao que ele pretendia para aquela turma.

O tema que o professor cooperante estava a abordar em aulas anteriores era a geometria e o seu meio.

O professor cooperante mostrou no final da aula de cooperação e intervenção, imagens de castelos, de pontes e fachadas de edifícios com o arco de volta perfeito.

Para aproveitar a aula anterior, na minha primeira aula, solicitei que os alunos realizassem um exercício de aplicação da matéria da aula anterior. O exercício consistia na produção do arco de volta perfeita. Para a realização do exercício no quadro da sala, tive um aluno que se ofereceu, pediu-me se podia fazer o exercício no quadro enquanto eu explicava os passos do exercício. Não me limitava a dizer “faz uma recta á esquerda”, “faz outra à direita”, mas explicava o porquê de ser daquela maneira. Os alunos mostraram-se empenhados e isso verificou-se quando eles próprios fizeram o exercício nas suas folhas e não necessitaram da ajuda dos professores. O professor cooperante também já me tinha referido que aquela turma era muito activa e que só compreendiam se fossem eles próprios a descobrir. De catorze alunos presentes na sala de aula, todos eles mostravam interesse na realização do exercício. O tempo da aula foi de noventa minutos, sendo distribuídos dez minutos para recordar o que se falou na aula anterior e setenta minutos para a realização de um exercício.

Pretendia com esta aula que os alunos manifestassem sentido crítico, aplicassem adequadamente vocabulário específico, utilizassem com precisão instrumentos de desenho rigoroso, manifestassem capacidade de utilização das técnicas e aplicassem a geometria na resolução de problemas práticos.

Os conteúdos abordados nesta aula foram as formas geométricas no desenho técnico e rigoroso, instrumentos de desenho rigoroso e traçados geométricos elementares. Como áreas de exploração tivemos a desenvolver a geometria e o desenho. Os recursos utilizados foram folhas brancas A3 e os instrumentos de desenho rigoroso: a régua, o esquadro, o compasso e o transferidor.

Na segunda aula de responsabilização os noventa minutos foram repartidos por vinte minutos para uma breve revisão da matéria dada na aula anterior, e o restante tempo para os alunos fazerem o arco de volta perfeita e transformarem o exercício num objecto.

Os alunos neste exercício mostraram-se empenhados, participativos e produziram objectos muito criativos. A actividade não foi finalizada, pois muitos dos alunos não chegou a finalizar a parte o desenho.

Na terceira aula desta unidade os alunos continuaram a desenhar o seu objecto que tinham começado na aula anterior. Depois, os alunos podiam dar cor ao seu trabalho se assim o pretendessem, podendo colorir com lápis de cor ou marcadores. Como áreas de exploração usamos a pintura e o desenho.

Para finalizar a última aula do primeiro período, o professor cooperante fez a auto e hetero-avaliação dos alunos.

O tempo de realização do trabalho foi aproximadamente setenta minutos e o restante foi reservado para a avaliação dos trabalhos por parte do professor cooperante.

Na quarta aula de responsabilização fez-se uma breve revisão da matéria dada na aula anterior, e um breve diálogo com os alunos sobre os diversos arcos. Os arcos referidos por mim nesta aula foram os arcos em ogiva perfeita e o arco contracurvado ou em quilha. Depois disto, os alunos comentaram já conhecerem alguns destes arcos e que até já tinham visto estes arcos nas portas das igrejas, nos castelos, etc.

Estes dois arcos referidos anteriormente, o arco em ogiva perfeita e o arco contracurvado, foram explicados e realizados no quadro. Os alunos tiveram um pouco de dificuldades neste arco que referimos anteriormente, devido a ser um pouco mais delicado.

Mas, aqueles alunos que tinham dificuldades chamavam-me e eu explicava-lhes novamente e assim, compreendiam melhor. É normal que, explicar para catorze alunos, não é igual que explicar individualmente. No entanto, não foram muitos os alunos que não compreenderam logo no início.

Os alunos realizaram dois exercícios, um do arco em ogiva perfeito e o outro do arco contracurvado. Os recursos utilizados para estes exercícios foram folhas brancas A3 e os instrumentos de desenho rigoroso: a régua, o esquadro, o compasso e o transferidor.

Pretendia com esta aula que os alunos continuassem a manifestar sentido crítico, aplicassem adequadamente vocabulário específico, utilizassem com precisão instrumentos de desenho rigoroso.

Os conteúdos abordados nesta aula foram os mesmos da aula anterior, as formas geométricas no desenho técnico e rigoroso, instrumentos de desenho rigoroso, elementos visuais na comunicação e traçados geométricos elementares. Como áreas de exploração tivemos a desenvolver a geometria e o desenho.

No início da quinta aula, recordamos a aula anterior que durou cerca de cinco a dez minutos. Os alunos estavam curiosos para saber que exercícios iam fazer nesta aula. Verifiquei que aquelas crianças não podem estar muito tempo quietas, têm de estar sempre entretidas e a realizar trabalhos, eles próprios diziam que não podiam estar muito tempo a ouvir a matéria e que queriam ir logo para a parte prática, na realização de exercícios. As minhas explicações ou apresentações teriam de ser muito curtas, senão depois os alunos não produziam nada na aula e não se sentiam motivados. O professor cooperante avisou-me logo no início da aula que os alunos eram muito activos e que eles só queriam era exercícios práticos e também me alertou para não fazer aulas teóricas porque depois de eles ouvirem dez minutos de matéria que eles chegavam mesmo a não fazer “nadinha” até ao final da aula.

Posteriormente, foi mostrado aos alunos uma apresentação em powerpoint com diversas imagens de alimentos com o formato de um óvulo. Utilizei mais um powerpoint para referir novamente, o traçado geométrico de um óvulo.

Foi proposto aos alunos realizarem um exercício. Este consistia na construção de um óvulo. Neste exercício os alunos necessitaram da ajuda da régua, do esquadro, e do compasso.

Foi lançada uma actividade no final da aula, esta consistia num trabalho livre de traçado onde os alunos teriam de desenhar numa folha A4 uma forma ou criarem uma composição, onde incluíssem um arco, poderia ser um ou mais arcos de volta perfeita, em ogiva ou contracurvado ou o óvulo. O trabalho pode ter um ou mais destes elementos referidos. Para tal, forneci aos alunos uns livros de alguns artistas como Matisse, Van Gogh, Picasso, Magritte ... para que eles tivessem uma visão diferente daquilo que eles estavam habituados, que era produzirem coisas reais e não experimentarem o desenho surrealista. Visualizamos posteriormente, um powerpoint com imagens de diversos trabalhos e artistas.

Esta aula acabou com os alunos a observarem os livros. Os alunos analisaram as obras de cada artista com muito cuidado, observando página a página.

Na sexta aula os alunos começaram a realizar o trabalho final desta unidade de trabalho. Cada aluno executou o trabalho a seu gosto. Aqueles alunos que gostaram de observar os livros do Matisse, Van Gogh, Magritte e Picasso, basearam-se neles, retiraram algumas ideias,

igualmente pequenos fragmentos dos desenhos artísticos. Os alunos levaram os noventa minutos para elaborarem o seu trabalho.

Dia vinte e oito de Janeiro foi a última aula da unidade de trabalho, os alunos finalizaram o seu trabalho.

No início dos noventa minutos os alunos terminaram a parte do desenho, o resto do tempo ilustraram o seu trabalho.

Os alunos nesta aula mostraram-se empenhados e terminaram o trabalho proposto.

Na oitava aula de responsabilização demos início a uma nova unidade de trabalho. O tema para esta segunda unidade foi a “perspectiva”. Esta unidade de trabalho alongou-se por seis aulas de noventa minutos.

Pretendia com esta unidade que os alunos conhecessem vários sistemas de representação axonométricas e que representassem um objecto simples em perspectiva Isométrica, Dimétrica e Cavaleira. Os conteúdos abordados foram Espaço – Axonometrias, e as áreas de exploração o desenho, a geometria e o espaço. Foi também necessário o computador, o projector de vídeo, folhas brancas A3 e instrumentos de desenho (lápiz, régua, transferidor, compasso).

A aula começou com um breve diálogo com os alunos sobre a noção de perspectiva. Seguidamente, assistimos a uma apresentação em powerpoint sobre perspectivas, a Perspectiva Isométrica, Dimétrica e Cavaleira. Até ao final da aula abordamos apenas uma das perspectivas, a perspectiva Isométrica. Foi resolvido no quadro a perspectiva isométrica de um cubo. Os alunos realizaram esse mesmo exercício sobre a perspectiva Isométrica numa folha A4, utilizaram assim a régua, o transferidor e o lápis. O próximo exercício consistia na realização de um paralelepípedo para obterem uma mola.

Os alunos mostraram-se interessados, participativos e cuidadosos na realização da mola em perspectiva. O exercício ficou inacabado, dando assim continuidade na aula seguinte.

Na nona aula, os alunos continuaram a realização do exercício da aula anterior. Os restantes dez minutos praticamente foram para começarem a representação da mola em perspectiva Isométrica. Os alunos demoraram duas aulas a finalizarem o exercício.

Mais uma vez os alunos mostraram-se interessados, participativos e cuidadosos na realização do exercício.

A décima primeira aula começou com um breve diálogo com os alunos sobre as perspectivas referidas anteriormente, a perspectiva Isométrica, Dimétrica e Cavaleira. Até ao final da aula abordamos outra perspectiva, a perspectiva Cavaleira. Foi resolvido no quadro a perspectiva Cavaleira de um cubo. Os alunos realizaram esse mesmo exercício numa folha branca A3.

O próximo exercício consistia na realização de um paralelepípedo para desenharem depois uma mola.

Os alunos mostraram-se interessados, participativos e cuidadosos na realização da mola em perspectiva. O exercício ficou inacabado, dando assim continuidade na aula seguinte.

Os alunos terminaram a representação da mola em perspectiva Cavaleira. Para finalizar esta unidade deu-se início à perspectiva Dimétrica com uma apresentação de um powerpoint. Posteriormente, seguiu-se um exercício prático. Este consistia na representação de um cubo em perspectiva Dimétrica.

Mais uma vez os alunos mostraram-se interessados, participativos e cuidadosos na realização do exercício.

Na décima terceira aula, dia onze de Março de 2010, os alunos finalizaram esta unidade, contudo continuaram a desenhar a mola, em perspectiva Dimétrica com o auxílio do lápis, da régua e do transferidor. Para concluir, coloriram o objecto feito em perspectiva.

Contudo, posso dizer que o estágio que realizei, na Escola EB2, 3 Augusto Moreno em Bragança foi uma experiência enriquecedora.

Todavia, deparei-me que naqueles noventa minutos reservados para a aula de Educação Visual, os alunos tinham de se sentir motivados, para poderem participar na aula. Como apreciação geral, os alunos conseguiram atingir os objectivos que lhe foram propostos, verificando-se assim no resultado dos trabalhos.

Com este estágio pretendi que as crianças do 3º Ciclo do Ensino Básico se exprimissem de forma pessoal e que sentissem prazer nas múltiplas experiências que iam realizando. A prioridade absoluta neste estágio foi o desenvolvimento do desenho. Verificamos também que os alunos mais mal comportados eram também os alunos que necessitavam de mais atenção e que tinham mais carências. Na nossa vida futura vamos sempre adquirindo conhecimentos novos, no entanto, considero importante a aproximação da relação do professor com o aluno, permitido assim aos alunos maior sucesso educativo. Porém, a Escola, o aluno e a família têm de ser vistos como sistemas abertos sendo que, as trocas entre si e o sucesso das mesmas depende irremediavelmente da relação dinâmica que estabelecem. Com o surgimento dos novos tipos de famílias bem como as escolas repletas de alunos oriundos de diferentes estratos económicos, sociais e culturais, a comunicação que se estabelece entre os diferentes intervenientes exige uma maior compreensão e aceitação por parte de todos.

Tudo isto me faz reflectir que ser professor não é somente ter nome nem estatuto é necessário gostar do que se faz como em tudo na vida.

1.5 CONCLUSÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO

Uma ponderação reflexiva sobre a Prática de Ensino Supervisionado e as tarefas nelas concretizadas permite tecer algumas conclusões. Numa primeira análise, generalizada, é possível afirmar que foram anos de grande empenho e investimento pessoal. Tentei absorver os conteúdos científicos transmitidos, tirar partido das experiências vividas e ultrapassar as dúvidas conseguindo as conquistas de ensino/aprendizagem.

Foram anos lectivos pautados pela mudança de espaço físico, de responsabilidades e expectativas. Foram sem dúvida essenciais para a minha formação, tanto a nível académico, profissional como pessoal. Encaro os estágios como um momento importante para a formação do professor, visto que as experiências vividas vão dar suporte para o início da vida profissional. Foi nesses momentos que pude perceber realmente o grande papel que o professor desempenha não somente na vida dos alunos, mas também dentro da instituição escolar. Foi possível perceber também que o conhecimento, apesar de ser indispensável para o professor, só por si, não o torna um bom educador. Pois este, além do conhecimento necessita de ser humano, ético, responsável, competente, criativo e algumas vezes flexível, características que não se encontram em todos os professores. É no estágio que há a possibilidade de vivenciarmos a realidade da escola e fazermos a relação entre a teoria e a prática. Estas caminham juntas, pois sem a parte teórica proporcionada ao longo deste mestrado, não saberia como agir dentro da sala de aula e tendo apenas a prática não entenderia que metodologia utilizar. Estes estágios, trouxeram novamente os desafios que já ao longo da licenciatura em Educação Visual e Tecnológica me permitiram ter noções mais exactas na área da educação e, conseqüentemente, um melhor desenvolvimento pedagógico.

A preocupação fundamental nos estágios foi promover um ensino/aprendizagem, com estratégias e metodologias diversificadas de tal modo que, conduzisse ao sucesso da turma. O objectivo foi, é, e será sempre, a aprendizagem dos alunos, com vista à obtenção de conhecimentos e desenvolvimentos de competências tais que lhes permitam transferi-los para a sua vida futura, a nível profissional, pessoal e social.

É importante perceber que vivemos num mundo em constante transformação e o conhecimento torna-se cada vez mais importante. Nós, professores, temos a responsabilidade de transmitir uma parte desse conhecimento na sala de aula, mas nunca cair no erro de nos acomodar. Procuramos sempre um aperfeiçoamento constante. Além de transmissor do conhecimento, o professor precisa de ser também um pesquisador.

Assim sendo, o percurso feito neste mestrado permitiu fortalecer a minha formação direccionada ao ensino. Como parte deste processo, a capacidade de investigação e pesquisa inerente à natureza deste curso, deu-me competências para dominar melhor esta actividade. Se pudéssemos fazer uma comparação entre a experiência de ensino supervisionada na licenciatura e, agora, neste mestrado poderia afirmar que, o grau de profundidade do trabalho exigido ganha um corpo mais desenvolvido, e portanto, uma maior exigência e empenho em todo o meu trabalho.

Se compete ao professor ensinar (diversificar estratégias, guiar e motivar), e é o dever do aluno predispor-se a aprender, podemos mesmo assim, não obter condições ideais para que

o ensino/aprendizagem se torne efectivo. As particularidades da relação professor/aluno fazem com que muitas vezes os momentos de leccionação dos conteúdos, das matérias e das actividades lúdicas e pedagógicas não sejam as mais importantes. Quero com isto dizer que, a gestão de um público (uma turma) para o efectivo aproveitamento e domínio das competências definidas no início, faz com que muitas vezes haja necessidade de criar estratégias que levem a um clima de confiança nas aulas, ajudando os alunos a reconhecerem e expressarem os seus sentimentos, expectativas e dúvidas, proporcionando também ocasiões para desenvolverem e revelarem a sua independência, assim como, a sua responsabilidade e para envolver os alunos em projectos que estimulem a cooperação.

Se por um lado, parece haver hoje em dia uma desvalorização da profissão de professor, sendo este indivíduo considerado, de uma maneira generalista um simples técnico reproduzidor do conhecimento, por outro, prefiro destacar a importância do professor no processo de construção da criança. Considero que ser professor é estar definitivamente comprometido com a sociedade de amanhã. Não é só ensinar, mas também aprender e criar, com o aluno. O professor deverá ser capaz de efectivar o desenvolvimento das capacidades de evoluir e agir num ambiente complexo, de aprender a aprender ao longo da vida, de reconstruir permanentemente conhecimentos e saberes.

Os estágios realizados neste mestrado deram-me a oportunidade de ter um meio por onde pude experimentar práticas científico-pedagógicas que de outra forma, não seriam tão frutuosas como se tivesse necessidade de as colocar num contexto completamente profissional. O contexto académico deste mestrado permitiu-me revelar e solucionar uma série de dúvidas e questões que, desde a licenciatura e passando pela minha experiência profissional, ainda não tinham sido resolvidas. Por isso, considero que a experiência na prática de ensino é fundamental para uma formação de qualidade, pois de outra forma, torna-se mais difícil ter hipóteses de solucionar os problemas e as dúvidas que continuamente vão surgindo ao longo da actividade profissional.

Lembro-me de um comentário que li, ainda no meu tempo de estudante no Secundário, que um médico ao cometer uma falha, pode naquele exacto momento tirar a vida de uma pessoa. Com o professor não é muito diferente. Ao falhar, o professor, tira do aluno a oportunidade de conhecer outra realidade, de ampliar o seu horizonte, ele tira o direito que todo o cidadão tem ao conhecimento, que é a ferramenta principal para a evolução da humanidade.

Sendo assim, o professor deve ter consciência, todos os dias de sua vida profissional, da sua enorme responsabilidade com o “amanhã”.

Como última reflexão mas não a menos importante, poderia afirmar que no decorrer destas quatro experiências na Prática de Ensino Supervisionado, consegui implementar uma prática lectiva definindo um projecto curricular de ensino, na busca da inovação nas práticas pedagógicas, derivada da prática continuada da investigação – acção. Ou seja, nesta relação formação/investigação/docência, encontrei caminhos que me permitem ter uma maior consciência dos problemas inerentes à profissão, uma maior capacidade para dominar os meios possíveis de resolver esses problemas e uma maior competência para conseguir melhores resultados de aprendizagem.

2 INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA

A Banda Desenhada foi durante largas décadas alvo de críticas a vários níveis. Criticava-se o seu intuito exclusivamente comercial e questionava-se o seu valor moral, cultural e pedagógico. Identificada com aspectos lúdicos que levavam os jovens a uma atitude ociosa.

João Paulo Cotrim (in DEUS,1997) realça que:

A Banda Desenhada desperta um fenómeno de entusiasmo que tende a torná-la objecto de um museu das infâncias, peça de colecionismos fanáticos, lugar de encontro de melosas simpatias símbolo de mundos melancólicos em extinção. (p.11)⁷

Partindo do princípio que a Banda Desenhada estimula uma série de leitores (de todas as idades), esta poderá funcionar como motivação intrínseca para a execução de tarefas a ela associadas na sala de aula. Sendo este estudo realizado na disciplina de Educação Visual e Tecnológica pretendemos que a Banda Desenhada desenvolva a percepção, a sensibilidade estética e estimule a criatividade das crianças.

2.1 A BANDA DESENHADA

O programa da disciplina de Educação Visual e Tecnológica incluída no *Currículo Nacional do Ensino Básico (2001)* faz uma abordagem aos conteúdos programáticos da disciplina, centrando o ensino/aprendizagem no aluno, segundo uma pedagogia de centro de interesses e resolução prática de problemas. Os saberes teóricos e práticos devem ser trabalhados em simultâneo, no desenvolvimento de Unidades de Trabalho, com aplicação do “método de resolução de problemas” e/ou “estimulação criativa”. Ou seja, é uma disciplina que pretende promover o desenvolvimento do sentido estético, científico e técnico. Junta, assim, dois campos de formação, a artística e a técnica, de modo a incentivar a participação activa dos alunos, motivando-os a identificar problemas e a criarem soluções.

Com o objectivo de formar futuros cidadãos em harmonia com o seu meio envolvente, os conteúdos programáticos direccionam-se para o relacionamento do aluno com o outro e com o meio específico. As particularidades de cada aluno obrigam o professor a adoptar uma pedagogia orientada. Para que o interesse do aluno seja constante e possa aumentar, o professor deve adaptar situações e problemas do dia-a-dia às unidades de trabalho. Com isto, haverá mais hipóteses do aluno ter maior compreensão, criatividade, capacidade de comunicação, capacidade crítica, sensibilidade estética, assim como capacidades técnica e

⁷ DEUS, António D. (1997) – “Os Comics em Portugal – Uma História da elBanda Desenhada”. Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa. Lisboa.

manuais. Resolver problemas será o mote para que os conteúdos sejam apreendidos de forma operativa e focalizada. Como estamos a falar de um programa comum de dois anos diferentes do mesmo ciclo do ensino básico, será aconselhável que no primeiro ano as unidades sejam leccionadas de forma mais sintética para que haja a possibilidade dos alunos obterem soluções de forma mais rápida. Já no segundo ano é aconselhável que os conteúdos sejam mais aprofundados para que os alunos solidifiquem as suas competências. Assim, o aluno poderá aprender a importância dos campos da arte, da ciência e da técnica de uma forma relacionada.

Paralelamente ao trabalho de lançamento de propostas práticas que abordem os diferentes conteúdos da disciplina, o professor deve ser também um modelo de análise crítica sobre os resultados obtidos pelos alunos, de modo a estes sentirem a importância de uma reflexão sobre o acto da criação. Por este caminho, o aluno poderá ter ao seu alcance um mecanismo de pensamento que o ajude a ultrapassar as limitações que, ao longo do processo de trabalho, se lhe deparam. Deste modo, cria-se um ênfase na capacidade de aprendizagem e, susceptíveis de resultados mais satisfatórios. A relação entre professor e aluno passará então por determinar níveis de motivação no aluno e, com essa referência, traduzi-las em estratégias pedagógicas direccionadas ao mesmo. Tal como refere **Fernando Gomes** na sua dissertação de mestrado⁸, “*esta caracterização implica uma alteração do relacionamento entre professor e aluno, bem como da redefinição do que lhe era tradicionalmente atribuído*”. (**GOMES, 2008, p.3**)

Podemos relativizar a importância da Banda Desenhada para além da sua mera forma visual, como defende o autor **Jean-Bruno Renard** que: “*A Banda Desenhada é um fenómeno social não apenas pelo número dos seus leitores, mas também pelo lugar que ocupa no sistema cultural da nossa sociedade*”. (**RENARD, 1981, p.78**)⁹

Ou seja, a Banda Desenhada tanto é influenciada como é influente relativamente aos meios de expressão que a rodeiam. Contudo, a Banda Desenhada faz parte do Plano Curricular do Ensino Básico, nomeadamente da disciplina de Educação Visual e Tecnológica baseada no método de resolução de problemas e os professores podem utilizar a Banda Desenhada como molde para desenvolver outros projectos.

A ligação da Banda Desenhada ao universo infantil é aquela que mais rapidamente fazemos, pois torna-se difícil encontrar jovens que não gostem de ler um livro que não traga ilustrações. Assim as histórias desenhadas são as preferidas pelas crianças que, muita das vezes sem saberem ler, encontram nelas a forma de se projectarem nas suas aventuras e fantasias. Porém, a ilustração com texto torna a leitura mais leve e menos monótona, e por isso não será de estranhar que a ilustração e a Banda Desenhada sejam objectos pedagógicos e de motivação.

Na dissertação de mestrado de **Anabela Soares**¹⁰, a autora deixa referenciado que:

⁸ Fernando da Silva Carrusca Gomes, autor da dissertação de mestrado Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação “*Percepção dos professores de Educação Visual e Tecnológica sobre a respectiva disciplina*”, em 2008, sob a orientação do Professor Fernando Humberto Santos Serra. Documento disponível na página online <http://pt.scribd.com/doc/44838285/LC439> (acedido a 10-05-2012)

⁹ RENARD, Jean-Bruno (1981) - “*A Banda Desenhada*”. Col. Dimensões nº10. Editorial Presença. Lisboa.

¹⁰ Anabela Henriques de Matos Soares, professora efectiva do 4º grupo- A do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária de Oliveira do Hospital, autora da dissertação de mestrado “*A Química na Banda Desenhada – Um estudo das*

ler significa descodificar a mais variada informação vertiginosamente transmitida pelos mais diversos meios de comunicação. A leitura passa então a ser considerada como um instrumento precioso e indispensável ao indivíduo que se quer activo, participante e útil à sociedade. (p.21)

Deste modo a leitura da Banda Desenhada pode fornecer igualmente uma visão do mundo, não sendo apenas mais uma visão, ela consegue ter particularidades suficientes para se destacar das restantes.

Sendo a Banda Desenhada um produto comercial, a sua evolução dependeu constantemente do investimento dos consumidores. No entanto, como produto comercial, é igualmente concorrente com os vários produtos de comunicação, e daí que, desde o aparecimento do cinema, da televisão, dos discos de música, dos jogos de computador, dos telemóveis até às tecnologias digitais mais recentes como por exemplo a realidade aumentada, a Banda Desenhada tenha tido a necessidade de se adaptar e reinventar.

Em Portugal podemos encontrar algumas referências no que toca a estudos direccionados aos hábitos de leitura e que tocam particularmente a Banda Desenhada. Um desses estudos foi realizado pelas escritoras **Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada**¹¹ publicado em 1993 com o título “*Os jovens e a leitura. Nas vésperas do século XXI*”. Dos inúmeros dados e informação construídos neste estudo interessa-nos referir que foi evidenciado que os alunos do 2º ciclo colocavam como segunda opção de leitura os livros de Banda Desenhada. Sendo que a sua primeira opção estava dirigida para os livros de aventuras parece-nos que estes dados dão uma pista sobre a importância que as crianças, desta faixa etária, dão à banda desenhada. Sendo que o nosso estudo se dirige a um grupo da mesma faixa, achamos que por estes dados, temos uma forma de legitimar a aplicação do nosso próprio estudo.

Na dissertação de mestrado de **Anabela Soares** acima referenciada, quando esta faz a incidência na sua revisão da literatura abordando os hábitos de leitura da Banda Desenhada, partilha desta mesma opinião quando conclui que os estudos “*posicionam e demonstram de certa forma a importância, interesse e preferência que os livros de B.D. têm para crianças e jovens de idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos.*” (SOARES, 2004, p.29)

Antoine Roux (1970) no seu estudo sobre Banda Desenhada afirmava que a abordagem da Banda Desenhada na aula poderia ter duas funções:

(...) por um lado, constituir uma espécie de iniciação à imagem. Por outro lado, permitir aos jovens consumidores de bandas desenhadas lê-las correctamente e escolher as boas Bandas Desenhadas (devendo o adjectivo “boas” ser interpretado não no sentido moral, mas antes no

interpretações e opiniões de professores e alunos do 3º ciclo”, em 2004, sob a orientação da Professora Doutora Laurinda Leite. Documento disponível na página online <http://hdl.handle.net/1822/590> (acedido a 27-03-2012)

¹¹ MAGALHÃES, Ana e ALÇADA, Isabel (1993) – “*Os jovens e a leitura. Nas vésperas do século XXI*”. Caminho. Lisboa.

sentido qualitativo, estreitamente dependente das características gráficas destas Bandas Desenhadas). (p.57)¹²

Contudo, **João Ferro** afirma que “*hoje já se trabalha nesse sentido, sendo a importância da Banda Desenhada reconhecida no mundo da criança e do adulto*”. (**FERRO, 1987, p.17**)¹³ Este mesmo autor salienta ainda um conjunto de factores que, na sua perspectiva, a criança pode desenvolver: “*o gosto pela leitura e, conseqüentemente, melhor aprendizagem da mesma; o gosto pela arte; o sentido de observação, o qual é muito mais difícil no contexto do que num texto verbal*”. (**FERRO,1987, p.17**)

Nesta perspectiva, se pensarmos como tirar partido da Banda Desenhada na sala de aula, os professores deverão criar relações entre a gramática da Banda Desenhada e o papel social que desempenha. Para isso, deverá ser desenvolvido uma articulação da narração com a imagem e com os textos, em exercícios que o professor poderá fazer para maximizar o potencial deste meio. A título de exemplo, dada uma pequena história com base num episódio marcante da vida do aluno, este poderá conceber uma Banda Desenhada; ou então, dadas algumas vinhetas de uma tira ou faixa, construir o resto da história; ou ainda dada uma vinheta isolada, narrar os momentos da história que a antecedem e também aqueles que se lhe seguem. Estes exercícios poderão ser assim boas experiências que aliam a capacidade criativa assim com a forma de expressão e comunicação do aluno.

¹² ROUX, Antoine (1970) – “*La bande dessinée peut être éducative*”. Editions de l'école. Paris.

¹³ FERRO, João P. (1987) - “*História da Banda Desenhada Infantil Portuguesa*”. Coleção Dimensões. Lisboa.

2.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O presente tema foi aplicado numa turma do 6º ano da Escola Secundária D. Afonso III em Vinhais, no ano lectivo de 2010/2011. A amostra é constituída por 21 alunos (9 raparigas e 12 rapazes), entre os 11 (17 alunos) e 12 anos de idade (4 alunos).

Após as evidências vantajosas na abordagem da Banda Desenhada neste ciclo de estudos, decidimos, numa primeira fase, recolher dados sobre o conhecimento que os alunos tinham acerca de conceitos gerais dentro deste tema. Para o efeito, aplicamos dois testes diagnósticos [apêndice p.99 e 100].

No primeiro teste [apêndice p.99], com nove questões, procuramos saber por meio de questões directas, quais os meios de comunicação que os alunos já conheciam, os que mais usavam, os que achavam mais importantes (questão 1 a 6) e, que conhecimentos gerais e específicos tinham sobre Banda Desenhada e sobre a linguagem da mesma (questão 7 e 8). Por fim, tentamos que os alunos nos dissessem que temas ligados a problemas sociais actuais, gostariam de abordar num possível trabalho prático de criação de uma Banda Desenhada (questão 9).

2.2.1 RESULTADOS DO 1º TESTE DIAGNÓSTICO

1. Diz quais são os meios de comunicação que conheces?

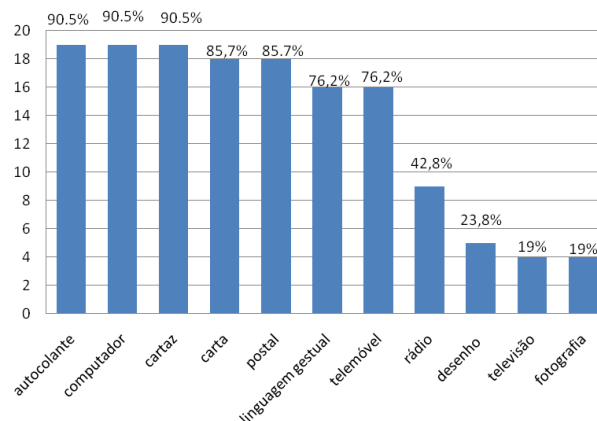


Gráfico 1 – Meios de Comunicação

Os dados mais significativos a retirar deste gráfico são o de uma equivalência entre as respostas “autocolante”, “computador” e “cartaz” e numa quantidade ligeiramente inferior “carta”, “postal” seguido de “linguagem gestual” e “telemóvel”.

É interessante observar como a resposta “televisão” foi dada apenas por 19% (4 alunos) ao contrário da resposta “rádio” que obteve mais do dobro das respostas (9 alunos), já que a televisão é provavelmente o meio de comunicação mais popular e presente no dia-a-dia. Ganhando neste aspecto à rádio, podemos deixar aqui uma questão que poderia analisar se a nossa população estudada tem a experiência da televisão menos presente e distante que a rádio?

Igualmente interessante, são as respostas “postal” e “linguagem gestual” pois, não tínhamos colocado de início a possibilidade de os alunos as poderem mencionar.

2. Qual o meio de Comunicação Visual que mais usas?

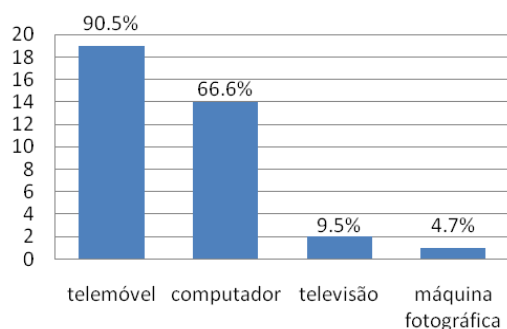


Gráfico 2 – Meios de Comunicação Visual

Neste gráfico percebemos que os dispositivos electrónicos têm uma importância significativa no dia-a-dia pois não foram referidos nenhuns meios de comunicação analógicos. Novamente existe um grande declive no número de alunos (2) que referiram a “televisão” como meio de comunicação mais usual.

3. O que achas mais importante na Comunicação Visual?

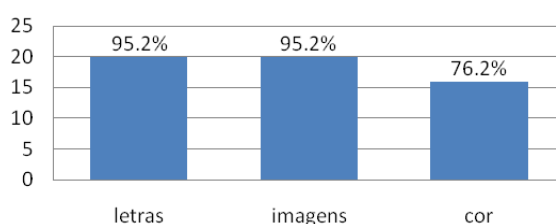


Gráfico 3 – Opinião dos alunos sobre Comunicação Visual

Os dados aqui verificados revelam que os três campos mais significativos da comunicação visual foram confirmados pelas respostas dos alunos e pela equivalência dos resultados.

4. Diz por palavras tuas o que entendes por Banda Desenhada?



Gráfico 4 – Opinião dos alunos sobre Banda Desenhada

Relativamente à definição de Banda Desenhada, verifica-se que a grande maioria não soube responder à questão. Temos no entanto que referir que existiram 8 alunos (38%) que responderam usando os conceitos de uma “história com vinhetas” o que nos pareceu aproximado à definição pretendida mas mesmo assim longe da possível resposta correcta.

5. Que Bandas Desenhadas conheces?

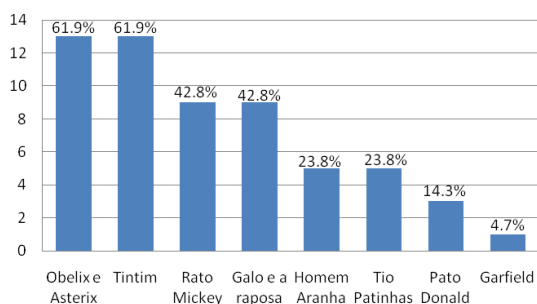


Gráfico 5 – Exemplos de Bandas Desenhadas

Estes resultados demonstram uma diversidade de conhecimento sobre publicações de Banda Desenhada. Na medida em que a nossa questão procurava saber sobre quaisquer tipos de Banda Desenhada e não especificamente colecções, não estranhámos que a resposta “Galo e a Raposa” seja considerada por 9 vezes. Parece-nos também natural que as respostas “Obelix e Asterix” e “Tintim” pela sua popularidade tenham sido as mais referenciadas.

6. Que temas poderiam ser abordados numa Banda Desenhada?

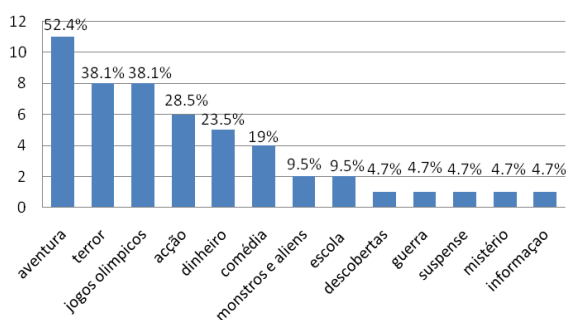


Gráfico 6 – Temas que poderiam ser abordados numa Banda Desenhada

Novamente neste gráfico verifica-se uma grande diversidade de respostas, com o destaque para a resposta “aventura” mencionada 11 vezes. No entanto, verificamos que esta diversidade dá origem a que existam 7 respostas, que representam 53,8% da quantidade total de respostas, mas que são apenas pontuais pois são referenciadas por uma ou no máximo duas vezes.

7. A Banda Desenhada obedece a um conjunto de regras e código predefinidos. Diz por palavras tuas o significado de:

Metáfora visual

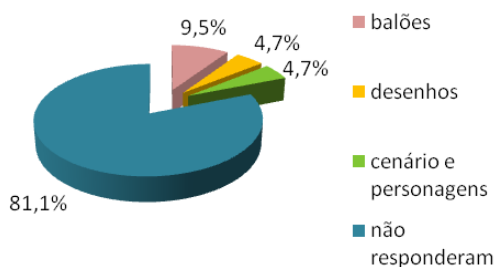


Gráfico 7 – Respostas á definição de metáfora visual

Vinheta

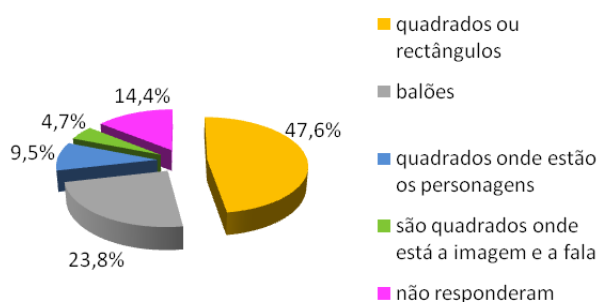


Gráfico 8 – Respostas á definição de vinheta

Plano médio

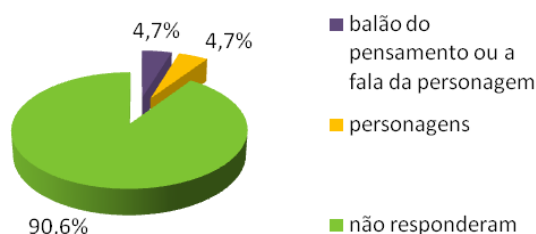


Gráfico 9 – Respostas á definição de plano médio

Plano americano; Onomatopeias; Balão; Legenda; Signos cinéticos e Ponto de vista contrapicado

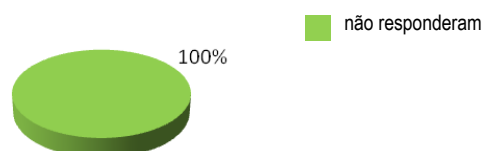


Gráfico 10 – Resposta á definição de plano americano, onomatopeias, balão, legenda, signos cinéticos e ponto de vista contrapicado

A primeira grande evidência a retirar destes dados é o facto de que a maioria dos conceitos pedidos para serem definidos, não foram respondidos por nenhum aluno. Sendo que as respostas, plano americano, onomatopeias, balão, legenda, signos cinéticos e ponto de vista contrapicado constituíam a maioria das questões colocadas, tivemos assim a percepção que existiria o primeiro problema neste diagnóstico.

Para além disto, embora as repostas a metáfora visual, vinheta e plano médio tenham sido respondidas, existe a evidência que, tanto “metáfora visual” como “plano médio”, a esmagadora maioria dos alunos não responderam e todas a outras respostas obtidas foram erradas.

8. Diz nomes de autores de Banda Desenhada que conheças?

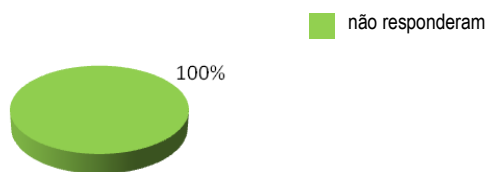


Gráfico 11 – Autores de Banda Desenhada

Mais uma vez verificamos uma total ausência de respostas. Neste caso, nenhum dos alunos conseguiu mencionar um autor de Banda Desenhada. Deste modo, pensamos que os alunos têm uma percepção correcta e rigorosa do que é a Banda Desenhada, faltando-lhes apenas algum desenvolvimento cultural.

9. Se tivesses de pensar num problema social actual para depois fazeres uma Banda Desenhada, que tema escolherias?

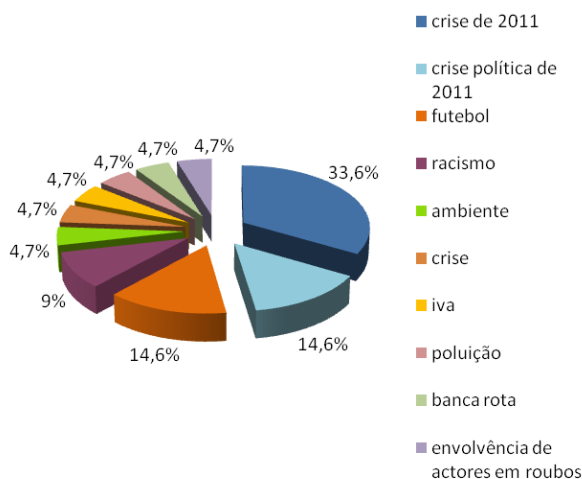


Gráfico 12 – Problemas sociais actuais para a realização de uma Banda Desenhada

Neste último gráfico do 1º teste diagnóstico os alunos continuaram a evidenciar uma diversidade significativa de dados. Verificamos que um terço das respostas diz respeito à resposta “crise de 2011”, que pensamos ser o resultado da informação mais recorrente nos meios de comunicação social assim como pelo próprio contexto social quotidiano. A juntar a este dado podemos ainda referir que a resposta “crise política de 2011” dada por 14,6% (3 alunos) é a nosso ver apenas uma pequena variação mais específica da resposta anterior, mas que pensamos ser perfeitamente incluída neste tema geral, “crise” que assim representaria quase metade das respostas. Logo a seguir a resposta “futebol” aparece com algum destaque 14,6% (3 alunos), em conjunto com a resposta “racismo” que obteve ainda opinião comum. Todas as outras resultam de perspectivas pessoais.

Após a execução do mesmo, e a realização da nossa análise, verificamos que em cinco das nove respostas dadas, os alunos demonstraram conhecimentos razoáveis por toda a turma. No entanto, as respostas às perguntas 1, 4, 7 e 8 levaram-nos a determinar alguns problemas existentes.

A saber:

na questão um, não houve nenhum aluno que mencionasse a Banda Desenhada como um meio de comunicação; na questão quatro, 62% dos alunos (13) não conseguiram definir Banda Desenhada na sua definição estipulada¹⁴ ou usando termos e conceitos aceitáveis e compreensíveis próximos da mesma; na questão sete, nenhum aluno conseguiu definir os conceitos da linguagem da Banda Desenhada e na questão oito, nenhum aluno conseguiu mencionar autores de Banda Desenhada

Como meio de verificar em concreto estes problemas, realizamos um segundo teste diagnóstico [apêndice p.100] pelo qual levantamos questões direccionadas a estes conhecimentos específicos. Para o efeito, optamos por uma estratégia de uso de um teste com um carácter mais visual. O nosso objectivo prendeu-se com a tentativa de analisar se, o recurso a imagens possibilitaria a demonstração do conhecimento efectivo dos conteúdos, que no primeiro teste diagnóstico se revelaram deficientes. Tentamos assim por um outro método confirmar se o défice cognitivo se prendia por uma questão de défice de linguagem escrita, ou se a falta de conhecimento se dava por razões manifestas.

Assim, criamos seis questões direccionadas novamente à linguagem da Banda Desenhada, mas através de exercícios lúdicos e de raciocínio, nos quais se evidenciavam imagens e esquemas gráficos que permitissem ao aluno, não a escrita directa da resposta, mas antes fazer ligações entre imagens e palavras, a criação de desenhos que representassem o nosso pedido, identificação de figuras e até mesmo o complemento de textos e/ou palavras-chave.

2.2.2 RESULTADOS DO 2º TESTE DIAGNÓSTICO

1. Completa a figura.

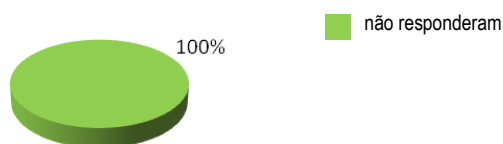


Gráfico 13 – Preenchimento da figura

Usando uma imagem exemplificativa de uma prancha de Banda Desenhada, o exercício proposto passava por identificar partes destacadas na mesma, para que o aluno as pudesse escrever no local próprio. Pretendia-se que o aluno conseguisse identificar “tira” “prancha” e “vinheta”. No entanto como resultado final nenhum aluno conseguiu identificar nenhum dos elementos.

¹⁴ A definição de Banda Desenhada por nós adoptada neste estudo tem por base um manual de Educação Visual e Tecnológica do 5º e 6º anos – FALEIRO, Armando, GOMES, Carlos, (2001) - “Gesto Imagem”. Porto Editora. Porto. (p. 54)

2.As imagens seguintes pertencem à gramática da Banda Desenhada. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.

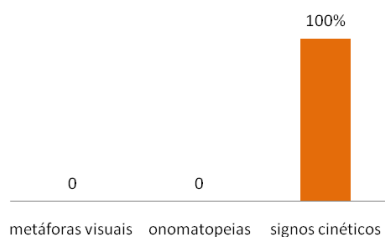


Gráfico 14 – Identificar a gramática da Banda Desenhada

Neste segundo exercício pretendia-se que o aluno completasse uma série de palavras relacionadas com a gramática da Banda Desenhada. Colocamos à disposição três imagens exemplificativas de uma “metáfora visual”, de uma “onomatopeia” e um “signo cinético”, e a consequente palavra incompleta. Os dados daqui retirados revelam que mesmo dando pistas para a execução do exercício apenas em “signos cinéticos” os alunos conseguiram identificar a palavra. Não havendo nenhum aluno que tivesse identificado as restantes, revela-se uma vez mais um desconhecimento significativo destes conteúdos.

3.Completa as seguintes frases, utilizando as palavras do quadro ao lado.



Gráfico 15 – Preenchimento dos espaços em branco

Este terceiro exercício tinha por objectivo associar palavras-chave para que as mesmas fossem incluídas nos espaços correctos de um texto no qual se davam as definições de “signos cinéticos”, “ponto de vista contrapicado”, “ponto de vista-picado” e “ponto de vista normal”. Tal como o gráfico demonstra a maioria dos alunos não conseguiram responder sendo que os restantes (9 alunos) o fizeram incorrectamente.

4.No interior do rectângulo seguinte, desenha um balão do pensamento e um balão de fala alta.

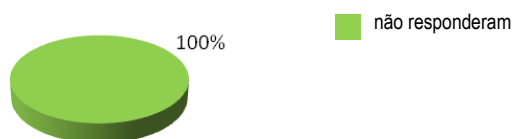


Gráfico 16 – Desenhos do balão do pensamento e do balão de fala alta

Este quarto exercício tinha como objectivo criar a tarefa do desenho associado à identificação de dois elementos da linguagem da Banda Desenhada: “balão de pensamento” e “balão de fala alta”. Colocávamos à disposição dos alunos um espaço para criarem o seu desenho podendo os mesmos usarem qualquer tipo de material. No entanto, nenhum dos alunos conseguiu realizar a tarefa.

5. Completa.

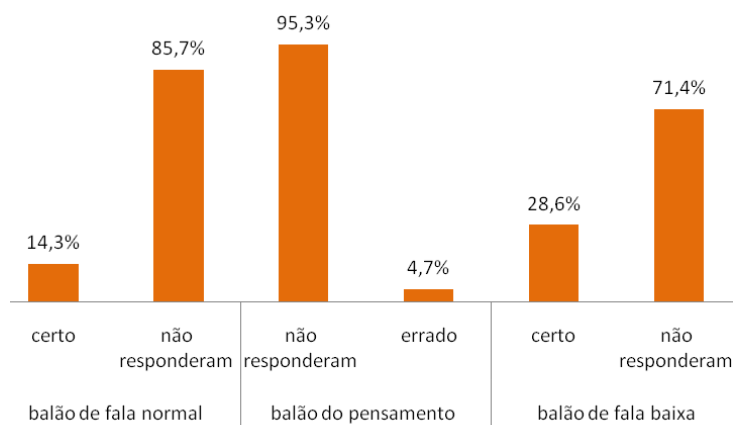


Gráfico 17 – Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens

Na sequência do exercício anterior pedimos aos alunos que identificassem três elementos da linguagem da Banda Desenhada: “balão de fala normal”, “balão do pensamento” e “balão de fala baixa”. Eram dadas três imagens exemplificativas de cada um dos elementos em conjunto com uma legenda na qual teriam de completar com a palavra-chave em falta. Verifica-se no gráfico que a maioria dos alunos não respondeu às questões. No entanto, 3 alunos (14,3%) acertaram no balão de fala normal e 6 alunos (71,4%) acertaram no balão de fala baixa. Relativamente ao balão do pensamento apenas um aluno responde mas fê-lo mas incorrectamente.

6. Faz a correspondência.

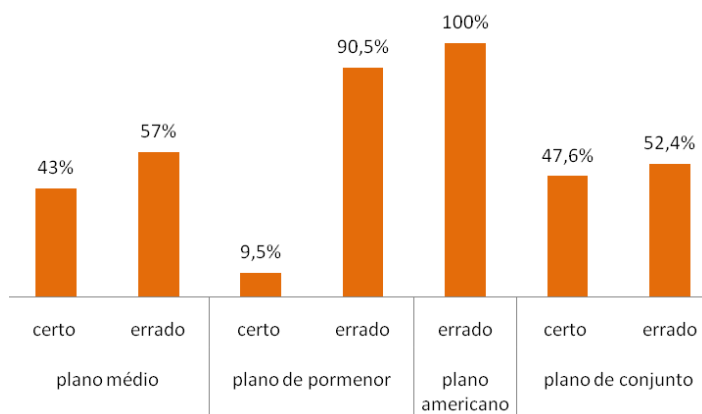


Gráfico 18 – Ligação correspondente de imagens às palavras-chave

Como exercício final usamos o tema da escala de planos. Eram dadas quatro imagens numa coluna exemplificativas de “plano médio”, “plano americano”, “plano de pormenor” e “plano de conjunto”, para que os alunos fizessem a ligação correspondente com uma segunda

coluna onde se encontravam numa outra ordem as palavras-chave. Como resultado final é evidenciado uma maioria de respostas erradas. Dos 21 alunos, 9 (43%) acertaram na resposta plano médio, 2 alunos (9,5%) acertaram no plano de pormenor e 10 alunos (47,6%) acertaram no plano de conjunto.

Quando analisamos os resultados deste segundo teste diagnóstico, verificamos que os alunos continuaram a não responder às questões ou fazê-lo de forma incorrecta a todos os exercícios. Pensamos então que este segundo teste diagnóstico veio comprovar que os alunos não compreendem efectivamente a linguagem da Banda Desenhada.

Perante esta análise, definimos que este universo de alunos tinha défice cognitivo ao nível da gramática da linguagem da Banda Desenhada, assim como na sua percepção de que, a mesma, poderia ser considerada como um meio de comunicação. Para além disso, percebemos que a sua cultura geral sobre a mesma não era muito fundamentada e segura.

Levantou-se, assim, um problema relacionado com o conteúdo Comunicação Visual na disciplina de Educação Visual e Tecnológica no 6º ano.

Sabendo que a Banda Desenhada é um conteúdo geralmente ausente neste nível de escolaridade, pretendemos com este trabalho prático, dar respostas a esta falta de conhecimento, criando soluções, que possam ampliar a visão dos alunos relativamente a este assunto, de modo a que no futuro, possam ter uma maior e específica cultura visual ligada à Banda Desenhada.

Para compreender a Banda Desenhada mais a fundo, e para fundamentar a nossa estratégia pedagógica, estudamos as suas características formais, a sua linguagem e realizamos um enquadramento histórico que se apresentam nos seguintes capítulos.

2.3 REVISÃO DA LITERATURA

Para transmitirmos aos alunos, os conhecimentos sobre a gramática da linguagem da Banda Desenhada fizemos uma pesquisa bibliográfica em publicações, estudos académicos e no universo da internet para podermos fundamentar o nosso conhecimento, assim como desenvolver a metodologia. Para tal, a revisão da literatura aqui proposta contém a informação necessária e direccionada para que a metodologia seja concretizada no objectivo da resolução do nosso problema inicial.

2.3.1 DEFINIÇÃO DE BANDA DESENHADA

Concretamente, no que toca à definição de Banda Desenhada, vários autores das áreas mais diversas deram o seu contributo. No nosso ponto de vista, pensamos que existe validade em várias delas mesmo que, a posição dos seus autores seja até mais baseada naquilo que não é Banda Desenhada. Queremos com isto dizer que, a Banda Desenhada tem ela própria a sua filosofia e por isso, podemos encontrar inter-relações com, basicamente, tudo aquilo que anda à volta do homem.

Quando **Jean-Paul Grespelle (in Marny, 1970)** diz que:

Dentro de mil anos os sociólogos não disporão de fontes mais seguras para estudarem os costumes e as ideias da nossa época, do que as histórias aos quadrinhos. Estas são, ao mesmo tempo, o reflexo e o prolongamento da nossa civilização. (p.14)¹⁵

Queremos dizer que, a Banda Desenhada não é independente dos costumes humanos. As histórias aos quadrinhos, por si só, tendem a reflectir as alegrias, as angústias, os desejos, os sonhos, as necessidades, as perdas, as conquistas, etc. Mesmo que muitas vezes, até de maneira fantasiada, estas histórias não deixam de se basear numa cultura em que o próprio autor pertence.

Quando **André Jean Paraschi** no seu livro *Filosofia da Banda Desenhada*¹⁶, diz que “cerca de 67% das personagens da Banda Desenhada têm origem na classe média pequeno-burguesa, 15% na alta burguesia, 12% nas classes baixas e 17% não têm definição de classe” (**PARASCHI, 1977, p.20**) está-nos a fazer um levantamento sociológico que provavelmente se relaciona directamente com os seus autores.

Podíamos pelo mesmo raciocínio fazer um levantamento das relações da Banda Desenhada com, por exemplo, os diferentes desportos, as diferentes actividades profissionais, os diferentes conflitos bélicos, etc. Provavelmente com esta estratégia poderíamos definir mais a fundo o que é a Banda Desenhada, pois tudo o que é dito mais à frente acerca de balões, de vinhetas, de legendas, etc, nunca será suficiente para que possamos dar uma resposta à necessidade da sua definição. Sabemos que balões, vinhetas, legendas, etc, são necessários para que a Banda Desenhada exista, no entanto, admitimos que não é isto que a define.

¹⁵ MARNY, Jacques (1970) – “Sociologia das Histórias aos Quadrinhos”. Livraria civilização. Porto.

¹⁶ PARASCHI, André J. (1977) – “Filosofia da Banda Desenhada”. Edições Magazine. Lisboa.

Partindo desta posição queremos lembrar que o nosso problema não está na definição de Banda Desenhada mas sim na necessidade de criar uma estratégia pedagógica para que um conjunto de alunos possa conhecer a gramática da linguagem da Banda Desenhada. Assim sendo, achamos mais conveniente, basearmo-nos em autores de mérito reconhecido que já se preocuparam o suficiente em defini-la nas suas obras.

Para o nosso estudo interessa-nos sobretudo que a definição de Banda Desenhada seja adequada à criação de informação direcionada ao nível de escolaridade em que se insere este estudo.

Segundo **Francis Lacassin**¹⁷, citado por **João Ferro**, refere que “ (...) a Banda desenhada é uma forma de discurso baseada, como num filme, numa harmonia entre a imagem e o som”. (**FERRO, 1987, p.20**)

Um outro autor francês, **Jean-Bruno Renard**, no seu livro *A Banda Desenhada*, deixa-nos a ideia que “... a Banda Desenhada pode ser uma história traduzida em desenhos e impressa.” (**RENARD, 1981, p.20**)

Sabemos assim, que a Banda Desenhada tem de contar uma história, isto é, tem de haver uma sucessão temporal de acontecimentos, mais ao menos imaginários, que, geralmente se centram numa ou em várias personagens ou objectos. O encadeamento dos acontecimentos vai-se exprimir numa sequência de cenas desenhadas.

Renard (1981) refere que:

O poder da imagem é tal que um único desenho, através do seu dinamismo estético interno, pode por vezes evocar uma duração, mas trata-se então mais de um desenvolvimento sugerido por uma cena única, do que uma sucessão de situações narrativas. (p.21)

Partindo da ideia da Banda Desenhada como uma expressão ideal para contar histórias, defendida também por **Cristina Sá** na sua tese de doutoramento em 1995¹⁸, dirigimos o nosso ponto de vista para as particularidades narrativas que a Banda Desenhada contém e que se diferenciam de outro tipo de narrativas literárias, visuais, sonoras, etc. Estas particularidades são referenciadas por **Anabela Soares** quando defende que “é a organização dos signos icónicos e/ou verbais numa sequência que constitui o desenrolar da acção”. (**SOARES, 2004, p. 20**)

Para além disto, é necessário contar com a parte semântica que é inerente a um determinada linguagem. Ou seja, também a Banda Desenhada possui as características pelas quais o receptor constrói um sentido narrativo associado à sua própria cultura baseado, neste caso específico, em imagens desenhadas e textos. Perante isto, sendo que o nosso estudo é direccionado a crianças do 2º ciclo do ensino básico, não poderemos esquecer que, por um lado, a sua natural condição de crianças dentro de uma faixa etária dos 11/12 anos, e por outro, o seu grau de escolaridade atingido farão, com certeza ter uma visão da Banda Desenhada que não se encontrará num outro grupo de pessoas, com mais ou menos idade e com mais ou menos escolaridade.

¹⁷ Francis Lacassin (1931 – 2008) fundador do clube de Banda Desenhada francês em 1962, também foi jornalista, editor, e professor da 1ª cadeira de história da Banda Desenhada, na Universidade de Paris em 1971.

¹⁸ Sá, Cristina (1995) – Tese de Doutoramento “A Banda Desenhada: uma linguagem narrativa ao serviço do português (Língua Materna).” Universidade de Aveiro. Aveiro.

Esta organização dos signos icónicos e/ou verbais dentro de uma semântica própria, pode, em situações determinadas, constituir problemas de leitura e compreensão que poderão ser consideradas naturais no contexto cognitivo daquele grupo específico. Ou seja, tal como a mesma investigadora refere **Sá (in SOARES, 2004)**:

O facto de a narração ser feita a partir de imagens ou, pelo menos, recorrendo a imagens, põe problemas na análise que são específicos deste tipo de narrativas: dificuldades ligadas ao desenho, que se prendem com problemas de reconhecimento formal e de ilusão óptica e que afectam a percepção do cenário ou ainda relacionadas com a deficiente distinção entre balões de fala normais (...), balões de pensamento (...) e legendas. (p.20)

Mas para além destas contingências, que nos parecem muito mais do âmbito da construção da narração e semântica e não tanto da sua linguagem, interessa-nos acima de tudo referenciar o seu carácter de obra criativa.

Deus (2002) menciona no seu livro *História da BD publicada em Portugal*¹⁹ que:

Uma das razões pela qual se demonstra a importância da Banda Desenhada é o facto de ela ser popularmente designada como a Nona Arte de entre as Artes Plásticas, que compreendem espaços e formas, segundo uma definição de Morris (criador de Lucky Luke e de Rantanplan), que a apresentou pela primeira vez na secção “9^o. Art, Musée de la bande dessinée”, que assinou entre 1964 e 1967 na revista belga Spirou. (p.46)

No nosso país a designação mais usual é Banda Desenhada ou BD, que deriva directamente do termo francês *bande dessinée*. Este termo surgiu por influência da grande quantidade de publicações franco-belga que nos anos 60 e 70 do século XX, apareceram em Portugal. No entanto, encontramos igualmente outras designações que dependem dos países que as usam como por exemplo *Comics* nos Estados Unidos da América, *Tebeos* ou *Historietas* na Espanha, *Fumetti* em Itália, *Manga* no Japão, entre outras.

2.3.2 TÉCNICAS DA BANDA DESENHADA

As definições e as visões descritas no capítulo anterior com base nos diferentes autores, retiramos a ideia geral de que a Banda Desenhada necessita, para a sua formatação, de textos e imagens que tem por finalidade contar histórias. Na sua tradição, estas histórias são encontradas em publicações em formato de revistas, livros, secções de jornais etc. Se considerarmos a Banda Desenhada como um produto de comunicação, então ela necessita de um canal concreto para que a sua mensagem seja transmitida, assim como de um código próprio que seja tangível pelas pessoas que usufruem dela.

Deus (1997) evidencia a importância do meio impresso para legitimar o conceito da Banda Desenhada, referindo que:

¹⁹ DEUS, António D. (2002) – “*História da BD publicada em Portugal*”. Nonarte cadernos do centro nacional de Banda Desenhada e imagem. Edições época de ouro. Lisboa.

Histórias aos Quadrinhos, Banda Desenhada, ou Comics só ganham identidade ao atingirem em cheio os objetivos para que foram criados, o que acontece quando divulgados através da imprensa. (p.17)

A relação texto e imagem na Banda Desenhada não funciona de forma empírica mas antes, decorre de três códigos, ou seja, de três conjuntos de correspondência entre os significantes gráficos e os significados narrativos. Para entendermos em que se baseiam estes três códigos **Renard (1981)** define-os como:

- o código pictórico (é a imagem da Banda Desenhada: articulação imagem/texto, traçado gráfico, utilização da cor ou do preto e branco);
- o código ideográfico (dá a ilusão de vida: imagens em movimento, sons e a psicologia das personagens).
- o código cinematográfico (é a apresentação de cada imagem: enquadramento, planos, pontos de vista e a planificação). (p.117)

Com base neste argumento analisamos cada um dos códigos, de modo, a entender quais os elementos gramaticais que fundamentam cada um deles. Entendemos que a clarificação desta teoria ajudará a que, posteriormente, a metodologia usada para a resolução do nosso problema tenha uma base de sustentação, que permita não só identificar os significantes e significados, mas também, compreender a sua função num todo que os suporta, ou seja, cada um dos códigos.

Deste modo, a expressão “código pictórico” aparece pelo facto da Banda Desenhada se apresentar como um desenho circunscrito numa esquadria, com uma linha negra contínua, formando uma casa rectangular, ou seja, como um pequeno quadro. A este espaço é acrescentado um pequeno texto. Este domínio da comunicação, imagem/texto, encontra-se nos livros ilustrados, nos filmes, nas novelas fotográficas, nos cartazes ou até mesmo no bilhete de identidade (texto e fotografia).

Para que haja Banda Desenhada são cumpridas duas condições: primeiramente, os desenhos devem ocupar um espaço pelo menos igual ao do texto, por outro lado, a história deve estar planificada de tal modo que, a cada imagem corresponda um fragmento de texto, se bem que existam na Banda Desenhada imagens sem texto e textos sem imagens.

Por exemplo, pode-se verificar essa simplicidade numa linha curva virada para cima, que figurará como um sorriso ou um contentamento. Por outro lado, uma boca toda aberta, acompanhada por um balão, significará que o personagem grita.

A linha negra que rodeia o personagem de Banda Desenhada constitui igualmente uma simplificação, pois evidencia a silhueta relativamente à espessura do corpo. No entanto, algumas partes do corpo podem também ser simplificadas, como por exemplo as orelhas, os dedos das mãos, etc. Esta tendência para a simplificação gráfica é predominante nas Bandas Desenhadas cómicas e satíricas, onde o traço é caricatural: verifica-se nos *Peanuts*, no *Popeye*, nos *Schtroumpfs* e no *Mickey*.

No que respeita à Banda Desenhada realista, encontra-se também uma simplificação, mas por exagero de certos traços. Nas séries realistas, os factos e os gestos são exagerados,

teatralizados, daí a importância do corpo e do cenário. Como exemplos, encontramos as publicações dedicadas aos heróis *Tarzan, Superman, Batman, Spider-Man*, etc.

Também a cor faz parte da definição deste código e com ela a Banda Desenhada ganha diferentes dimensões que muitas vezes reflectem estilos e identidades dos próprios autores. “*O uso da cor pode, com efeito, ter como fim a legibilidade, a verosimilhança do desenho, ou o simbolismo afectivo da acção contada.*” (RENARD, 1981, p.129)

Sabe-se que durante muito tempo, nos jornais americanos, só as pranchas de domingo eram coloridas e que, entre 1929 e 1946, as *Aventuras de Tintin* foram publicadas apenas a preto e branco.

Quando as Bandas Desenhadas americanas chegaram à Europa, o seu êxito deveu-se em parte à sua impressão a cores, pois só depois da Segunda Guerra se universalizou o uso da cor. A primeira Banda Desenhada notável, do ponto de vista do uso do preto e branco é a *série policial de Chester Gould, Dick Tracy* (1931). Esta Banda Desenhada influenciou todos os autores que pretenderam dar às suas aventuras desenhadas maior tensão e vigor através do uso contrastante do preto e branco.

Com o progresso das técnicas de reprodução, o número de cores disponíveis aumentou, e as três ou quatro cores fundamentais foram substituídas por tons intermédios. A cor é útil para tornar acessível e compreensível o grafismo da Banda Desenhada. As cores são escolhidas a fim de acentuar a verosimilhança do desenho: o céu é azul, as folhas verdes, as árvores castanhas, as caras rosadas, etc. Uma imagem colorida parece mais semelhante à realidade do que um desenho a preto e branco.

Renard (1981) refere que:

(...) verifica-se na Banda Desenhada um jogo simbólico das cores: as cores frias (azul, verde) assinalam a passividade, ou seja tanto o repouso e a calma como a espera ansiosa ou o mistério, pelo contrário as cores quentes (vermelho, amarelo) simbolizam a actividade, ou o dito por outras palavras, a excitação colérica e agressiva, e ainda a excitação alegre e triunfante. (p.130)

Perante a tonalidade de uma cara, de um vestuário ou de um cenário devemos interrogar-nos se a cor não desempenhará um papel simbólico. As variações da imagem, do traçado e das cores visam um mesmo fim: assegurar um bom desenvolvimento da história contada, das suas passagens de uma situação para a seguinte.

O código pictórico permite assim, a criação de um conjunto de convenções que ajudam o leitor a compreender de forma mais eficaz a narrativa. Recordemos o princípio mais básico da Banda Desenhada: contar uma história, mais ou menos imaginária que, geralmente se centra numa ou em várias personagens ou objectos. Partindo desta ideia, questionámos como materializar visualmente, no meio impresso, essa narrativa? Para respondermos a esta pergunta nada melhor que enunciar e definir os elementos gramaticais da Banda Desenhada.

A prancha é o primeiro elemento de composição visual que ajuda a organizar a leitura, ela própria baseada no princípio comum ocidental da leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo [figura 10].

O conjunto de convenções do código pictórico tem, de certa forma uma hierarquia estabelecida e que parte daquilo a que se designa PRANCHA [figura 11].

Zink (1999) explica as possíveis formas de organização de uma prancha:

A prancha (ou página) está organizada, no plano gráfico, como uma macro- unidade significativa, que pode corresponder a uma unidade de significado identificável - o caso das histórias de uma só página, as histórias de continuação – ou ser parte integrante de uma unidade de sentido superior: o conjunto de duas pranchas que formam uma só unidade gráfica, ou a um nó da narrativa, ou um número superior de número variável. (p. 30)²⁰

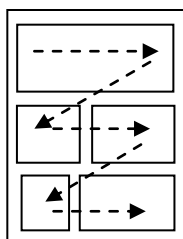


Figura 10 - A leitura de uma Banda Desenhada



Figura 11 – Prancha (fonte: PEYO,1982, p.10)

No entanto, uma prancha só ganha efectivo sentido perante uma subdivisão materializada no que se define como TIRAS [figura 12]. A tira é uma macro-unidade da Banda Desenhada inferior à prancha e consiste no conjunto composto, normalmente, por três ou quatro vinhetas dispostas na horizontal.



Figura 12 – Tira (fonte: PEYO,1982, p.10)

A tira por sua vez é dividida em VINHETAS, ou seja, o que popularmente se designa por quadradinhos [figura 13]. São espaços limitados onde a acção se desenvolve e podem ter dimensões variáveis, dependendo da cena que nela se desenrola. Rui Zink define-a como a “*unidade sintáctica mínima*”. (ZINK, 1999, p.24)

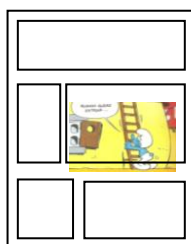


Figura 13 – Vinheta (fonte: PEYO,1982, p.10)

²⁰ ZINK, Rui (1999) - “Literatura gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea.” Celta Editora. Oeiras.

Relativamente ao enquadramento, e ao contrário do cinema, a Banda Desenhada tem a possibilidade de manipular o seu próprio ecrã. Decorre daqui a grande variedade de formas, dimensões, etc., das vinhetas. A imagem mais simples e lógica tem o formato rectangular, ligeiramente mais alto do que largo, é esta a forma dos quadros, ou das fotografias quando estas representam pessoas “*em pé*”.

O formato quadrado é cómodo, pois a reunião horizontal de dois quadradinhos permite obter outro formato. O formato triangular é muitíssimo raro na Banda Desenhada clássica, europeia ou americana. Encontra-se por vezes a imagem rectangular cortada na diagonal, representando duas cenas complementares, por exemplo dois interlocutores ao telefone. Nada se opõe a que qualquer forma tome quaisquer dimensões, mas constata-se uma nítida predominância do rectângulo. É curioso notar que a forma circular surge muito cedo na história da Banda Desenhada, por exemplo nas histórias de *Bécassine* (1905), antes até da sua utilização cinematográfica [figura 14]. O enquadramento circular permite usar diversos processos narrativos: um *flash-back*, ou seja, um retorno rápido ao passado, muitas vezes uma recordação do herói, uma referência ou uma alusão, um objecto ou um acontecimento para a qual o autor da história, ou o próprio herói, deseja chamar a atenção.



Figura 14 – Vinheta circular (fonte: *Bécassine*, 1905)

Sendo que a vinheta serve essencialmente para enquadrar não só fisicamente a imagem assim como, o momento narrativo, provavelmente esta tornar-se-ia frágil se não conseguisse enquadrar também a informação textual. Na Banda Desenhada, a imagem e o texto complementam-se mutuamente, referindo-se continuamente um ao outro. O sentido da mensagem é construído a partir desta constante implicação mútua. A importância das relações imagem/texto caracterizam-se essencialmente, por um jogo de “tensões”, que resulta do conflito constante entre a tendência para mostrar (ligada aos aspectos pictóricos, portanto à imagem) e a tendência para contar (associada aos aspectos narrativos e, portanto, predominantemente ao texto).

A sintaxe da Banda Desenhada, ou seja, o modo como os elementos que constituem a Banda Desenhada se combinam entre si, baseia-se essencialmente, nestas relações imagem/texto. Neste caso, o termo “texto” refere-se não só às LEGENDAS e aos CARTUCHOS, mas também ao conteúdo linguístico dos BALÕES.

Fresnault-Deruelle (1972), professor de Artes Visuais, diz que:

O espaço entre as vinhetas pode ser ocupado pelo texto (lado linguístico da Banda Desenhada) que surge em maior ou menor quantidade. Esse texto apresenta-se sob duas formas diferentes: como legenda (um pequeno texto situado quer na parte superior quer na

parte inferior), que representa a voz do narrador, fornecendo informações sobre a situação espaço-temporal da acção que se está a desenrolar, e como cartucho, (vinhetas totalmente preenchidas por texto, muito raras), que introduzem outras vinhetas ligadas a um novo momento da história e relembram um precedente da acção ou explicam a elipse. (p.72)²¹

Na realidade, as legendas [figura 15] e os cartuchos [figura 16] funcionam para a Banda desenhada como o equivalente à voz *off*²² do audiovisual.



Figura 15 – Legenda (fonte: PEYO,1982, p.35)



Figura 16 – Cartucho (fonte: HERGÉ,2010, p.23)

Existem diversas formas de BALÕES. Esta diversidade faz com que cada balão possua uma função. Inserido em cada balão encontramos os diálogos das personagens, ideias ou sentimentos. Nas primeiras histórias aos quadrinhos os textos eram colocados por baixo do desenho como legendas. Só mais tarde surgiu o balão tal como o definimos hoje e que torna a relação entre texto e imagem mais cúmplice. Junto ao balão existe um ou mais apêndices, estes surgem no balão para indicarem a que personagem refere o diálogo. A sua leitura faz-se, também, segundo as regras do código de leitura, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Tendo como objectivo especificar a natureza da fala, ou do pensamento contêm discurso directo tornando-se assim, um dos elementos mais importantes na Banda Desenhada. As variações de forma, de dimensão e de cor do balão, assim como a tipografia, irão servir para exprimir as características sonoras de cada palavra. Todos estes métodos produzem uma ilusão notável da realidade. Acima de tudo, permitem esclarecer o leitor sobre o que se passa, quando a imagem parece ser demasiado ambígua por si só.

O BALÃO DE FALA NORMAL é o balão mais usado na Banda Desenhada [figura 17]. Tipicamente, este balão tem uma forma em elipse com um apêndice que aponta para a personagem à qual pertence essa mesma fala.



Figura 17 – Balão de fala normal (fonte: PEYO,1982, p.10)

²¹ FRESNAULT-DERUELLE, P. (1972) – “*Dessins et bulles: la bande dessinée comme moyen d'expression*”. Bordas. Paris.

²² Designa-se por voz *off*, a existência de uma personagem que tem por função fazer uma narração complementar à acção visual. Esta estratégia é regularmente explorada no campo audiovisual e daí a analogia criada por nós.

Outro tipo de balão é aquele que representa o que as personagens imaginam. São os **BALÕES DE PENSAMENTO** [figura 18]. Tipicamente têm formas próximas às do balão de fala normal, no entanto, usam pequenas formas circulares que vão diminuindo de tamanho desde o balão até próximo da personagem em vez do apêndice pontiagudo do balão anterior.



Figura 18 – Balão de pensamento (fonte: PEYO,1982, p.26)

Quando na acção é necessário colocar um personagem falando num tom de voz baixo, utiliza-se o que se designa por **BALÃO DE FALA BAIXA** [figura 19]. O seu aspecto gráfico define-se por uma forma próxima à do balão de fala normal mas usando um contorno tracejado ou interrompido para delimitar a sua forma. Por vezes, utiliza-se este tipo de balão não só quando os personagens sussurram, mas também para satirizar o tom de voz de determinada personagem.



Figura 19 – Balão de fala baixa (fonte: WaltDisney, 1993, p.14)

Ao contrário do balão anterior, quando na acção, os personagens necessitam transmitir ao leitor um tom de voz exagerado, usa-se o **BALÃO DE FALA ALTA** [figura 20]. Este balão caracteriza-se pela sua forma irregular de zonas pontiagudas, com um texto a negrito e muitas das vezes usando só letras maiúsculas. Assim, consegue-se dar ênfase ao personagem e aquilo que ele está dizendo de uma forma exaltada.



Figura 20 – Balão de fala alta (fonte: WaltDisney, 1993, p.96)

Também encontramos na Banda Desenhada, personagens que falam em conjunto. Quando isto acontece temos de usar um **BALÃO DE FALA COLECTIVA**. É importante referir que esse balão só aparece quando as personagens transmitem a mesma mensagem.

[figura 21].Este balão não é mais do que um balão de fala normal, com a particularidade de ter tantos apêndices quanto os personagens que fazem uso dessa mesma fala.



Figura 21 – Balão de fala colectiva (fonte: WaltDisney, 1993, p.159)

Existe, ainda, outro tipo de balão que se usa não directamente com personagens mas sim com objectos. Designa-se por **BALÃO ELÉCTRICO** tipicamente com um contorno em ziguezague dando a noção que a sua mensagem é proveniente de um aparelho electrónico como por exemplo telefone, televisor, rádio, etc.

Todavia é importante mencionar que o balão é importante na banda desenhada, pois esta concede expressividade ao discurso “ (...) o balão é, para o leitor, mais um elemento visualmente perceptível, capaz de influenciar, de forma decisiva, o equilíbrio e a leitura da cena representada.” (ZINK, 1999, p.117). Para além do seu carácter funcional, ou seja, transmitir a mensagem verbal, podemos dispor a partir de algumas estratégias gráficas, colocar a ênfase da acção de forma mais efectiva. Por exemplo, quando um personagem possui um balão com linhas irregulares, ele expressa-nos fragilidade, abatimento, ou também, sofrimento devido a uma dor física ou simplesmente timidez.

Também no que toca ao uso da tipografia dentro dos balões, podemos assumir diferentes dimensões. Tal como dissemos atrás sobre os balões de fala alta, o aumento significativo da letra aumenta a intensidade sonora do que é revelado e pode também expressar pedidos de ajuda. Por outro lado a diminuição significativa do tamanho da letra diminui a intensidade da voz. Os balões de fala baixa têm a tendência de usar um corpo de letra mais pequeno que o normal. Ainda nesta questão tipográfica o formato da letra é portador de significado.

Concluindo, **Renard (1981)** refere que:

(...) a maioria das Bandas Desenhadas contém uma mensagem verbal.
Essa mensagem surge como tentativa de explicar e de facilitar a sua compreensão. (p.21)

Relativamente ao código ideográfico **Renard (1981)** refere que a Banda Desenhada escapou desde muito cedo ao peso da tradição “ilustrativa” e procurou novos processos gráficos que dessem o máximo de vida às suas imagens. Assim os objectos que se partem, as fontes de luz, os espirros, etc., encontram-se rodeados de pequenos traços circulares que indicam a propagação de ondas sonoras ou luminosas. Estes desenhos não representam objectos que existem real e materialmente na cena representada pela imagem, trata-se de

desenhos simbólicos, destinados a levar o leitor a compreender melhor certas coisas. Por outras palavras, são ideogramas.

A representação do movimento pode nascer da própria composição da imagem, sem que o desenhador recorra a qualquer sinal gráfico artificial. A ilusão de movimento é dada por uma posição de desequilíbrio tendente a um novo equilíbrio, pelas linhas de força do desenho, pela repartição das massas contrastadas do branco e negro.

O processo mais divulgado é aquele que emprega todo um arsenal de traços dispostos segundo as mais diversas formas, em arco de círculo, em serpentina, etc., para figurar o movimento, os choques, a velocidade, etc. Estes ideogramas são de certa forma ONOMATOPEIAS visuais, ou seja, têm a sua origem numa imitação dos gases de escape, dos aviões ou automóveis, da poeira levantada pelo galope de cavalos, da persistência óptica dos pontos luminosos que se deslocam, dos estilhaços de objectos que se partem, pegadas na neve ou na areia, pingos de água, etc. Por vezes, a desfocagem torna-se eficaz para representar uma enorme velocidade. O autor desenha a parte anterior de um automóvel de corrida, desfocada para mostrar grande velocidade [figura 22].

As onomatopeias tendem a aproximar-se ao máximo à imitação dos sons. Para além da sua expressividade natural baseada no seu aspecto gráfico elas procuram uma força visual assim como um carácter simbólico. Podemos encontrá-las dentro e fora dos balões, muitas vezes extravasando o limite das vinhetas, podendo estar sobrepostas às personagens ou em segundo plano e têm uma tendência a procurar estrangeirismos (crash, splash, click, etc).



Figura 22 – Onomatopeias (fonte: PEYO,1982, p.28)

Muito embora o texto apresentado nos balões respeite as normas e regras da linguagem escrita, esta terá que ter um carácter aproximado da linguagem oral. Na realidade podemos considerar como uma questão de “disfarce” (SOARES, 2004, p.19) Exemplos típicos são aqueles que evidenciam exclamações, interjeições, interrogações, etc que se baseiam em estratégias que tentam aproximarem-se ao máximo da linguagem comum.

Outro dos elementos da gramática da linguagem da Banda Desenhada que tem por objectivo complementar o sentido da acção é aquilo que se designa por SIGNOS CINÉTICOS.

Na Banda Desenhada, a função dos signos abstratos é cinestésica porque funde as sensações, sonora e visual, “o *significante é assim explorado e potenciado na sua vertente fonética, e sobretudo na sua vertente visual*”. (ZINK, 1999, p.26)

Também como refere Joana Gomes na sua dissertação de mestrado²³, “os signos cinéticos correspondem à preocupação de representação do movimento. São traços que

²³ Joana Isabel Querido Rodrigues Santos Gomes, autora da dissertação de mestrado em português língua segunda/estrangeira “As potencialidades pedagógicas da Banda Desenhada nas aulas de Português língua não materna”,

pretendem transmitir a direcção ou a trajectória do movimento da personagem e/ou de objectos” (GOMES, 2010, p.32) [figura 23]. Funcionam como um acordo gráfico e de certa forma, intervêm na estrutura interna da própria vinheta. De facto, tanto a expressividade visual como a sonora estão patentes neste recurso, recorrentemente utilizado na Banda Desenhada.



Figura 23 – Signos cinéticos (fonte: PEYO,1982, p.12)

No mesmo âmbito do que se pode designar como convenções gráficas, já referidas com os signos cinéticos, podemos agora falar nas METÁFORAS VISUAIS. Estas têm por objectivo representar estados de espírito, sentimentos, emoções, pensamentos das personagens decorrentes da história. [figura 24]. Certos ideogramas não se encontram fechados num balão. Por exemplo, a expressão de uma qualquer emoção poderá ser fornecida por pequenas gotas em torno da cabeça do personagem. A dor que se segue a um golpe é figurada por campainhas, por um grande número de velas, ou por estrelas multicolores. A surpresa é curiosamente figurada pela súbita projecção do chapéu do personagem no ar, enquanto o terror é representado pelos cabelos levantados sobre a cabeça. A surpresa é traduzida por pontos de exclamação e de interrogação cujo número, dimensões e cor variam com a intensidade do sentimento. A cólera interior é representada por balões imitando nuvens negras, mas atravessadas por relâmpagos, no entanto, uma cólera que rebenta, dará lugar a múltiplos relâmpagos e à acumulação de objectos agressivos, bombas, revólveres, facas, etc.



Figura 24 – Metáforas visuais (fonte: PEYO,1982, p.42)

Também como refere **Gomes (2010)**:

As metáforas visuais socorrem-se de vários tipos de linguagens. Para além da linguagem icónica, fazem uso em certos casos da grafia musical e da linguagem escrita. A título de exemplo, para exprimir sensações de estranheza recorrem à linguagem escrita através da

utilização de uma sucessão de pontos de exclamação. Estes signos abstractos derivam em grande parte de expressões da linguagem coloquial como “ficar a ver as estrelas” ou por exemplo “ter uma ideia luminosa”. (p.33)

A partir deste ponto a Banda Desenhada resultaria numa amálgama de elementos visuais não fosse a existência de um sentido compositivo a partir da figura das personagens. Entramos assim no código cinematográfico, pelo qual se fundamenta as opções de organização e coesão dos elementos imagéticos e textuais. Para percebermos este campo, diremos que a Banda Desenhada é “*absolutamente o contrário de um álbum de desenhos onde cada qual constitui um todo*” (MARNY, 1970, p.260). A simples disposição pela qual os vários elementos aparecem na moldura narrativa (vinheta) e o tamanho de uns em relação aos outros são significativos e demonstram que nada é fortuito. Neste sentido, para o estudo da Banda Desenhada é necessário perceber que uma imagem pode ter diferentes tipos de composição (diferentes planos) e traduzir diversos pontos de vista e a focalização do narrador (diferentes ângulos de visão). Na realidade tal como refere Marny o problema inicial da Banda Desenhada foi organizar um ritmo de forma a sugerir o movimento.

Marny (1970) diz:

O desenhador joga ao mesmo tempo com o espaço e o tempo. Com o espaço, pelo corte judicioso dos planos. Com o tempo, pela escolha dos momentos privilegiados da narrativa. (...) a sua arma secreta é a elipse (...) (p.262)

Muito antes do cinema, a Banda Desenhada foi levada a praticar a arte da montagem, ou seja, de uma sucessão esteticamente eficaz das cenas. Esta inspiração cinematográfica e com fortes influências da pintura, os vários planos correspondem a diferentes abordagens que se podem fazer das imagens que são reproduzidas nas vinhetas, aproximando ou distanciando o campo de visão.

O ritmo e a sucessão das imagens vinheta a vinheta vem provar o sentido pelo qual os planos são essenciais para a narrativa na Banda Desenhada. Isto acontece pois há uma ilusão de movimento sugerida no leitor.

Novamente **Marny (1970)** dá-nos um exemplo:

Peguemos numa gravura de uma história aos quadradinhos e percorramo-la várias vezes com os olhos, cada vez mais depressa, sem querermos compreender o texto. Preocupemo-nos apenas com a imagem. Passa-se um fenómeno curioso; a imagem saltita como numa sessão de cinematógrafo do princípio do século; anima-se e articula-se: as imagens ligam-se umas às outras para formarem uma espécie de farândola! (p.261)

Inicialmente, “as cenas na Banda Desenhada eram quase sempre representadas em plano médio, e a esquadria que as representava mantinha sempre a mesma forma”. (RENARD, 1981, p.133). No entanto, a sua evolução levou a que a diversidade de planos fosse mais benéfica para o ritmo necessário de diferentes narrativas. Existindo uma grande variedade de planos descrevemos cada um deles para percebermos as diferenças de significado que se traduzem a partir da utilização de cada um deles.

No PLANO GERAL verificamos que existe uma “visión panorámica, bien paisagística o bien de todos los elementos participantes en la acción”. (VARILLAS, 2009, p.129)²⁴ O objectivo deste plano é localizar a história. [figura 25].



Figura 25 – Plano geral (fonte: PEYO,1982, p.5)

Já no PLANO DE CONJUNTO existe uma aproximação do espaço, pois já apresenta as personagens. Estas aparecem no cenário de corpo inteiro. [figura 26]. Segundo Joana Gomes o plano de conjunto “funciona como um plano de contextualização.” (GOMES, 2010, p.30)



Figura 26 – Plano de conjunto (fonte: PEYO,1982, p.5)

Muito embora haja definições diferentes quanto ao plano médio, sendo que uma delas se baseia no corte pela cintura, neste caso concreto optamos pela definição baseada no manual escolar da Porto Editora²⁵ que explica que as personagens aparecem da altura da vinheta. Pode-se ver nas personagens a sua expressão corporal, que por exemplo pode dar a ideia de uma certa sensualidade ou provocar humor ao leitor. [figura 27].



Figura 27 – Plano médio (fonte: PEYO,1982, p.28)

²⁴ VARILLAS, R. (2009) - “La arquitectura de las viñetas: Texto y Discurso en el cómic”. Bizancio Editores. Sevilla.

²⁵ VELOSO, Helena; ALMEIDA, Luís (2007) – “Educação Visual e Tecnológica 5º e 6º anos”. Porto Editora. Porto.

As personagens, no PLANO AMERICANO, encontram-se cortadas à altura dos joelhos. Este plano também tem a capacidade de transmitir alguns detalhes da acção. Utiliza-se este plano para cenas onde intercedam duas pessoas ou em conversações. Evidencia-se no plano americano as expressões faciais e corporais [figura 28].



Figura 28 – Plano americano (fonte: PEYO,1982, p.11)

No PLANO APROXIMADO o cenário fica em segundo plano (desaparece) e as personagens aparecem da cintura para cima. No entanto, a expressão facial começa a ganhar alguma preponderância [figura 29].



Figura 29 – Plano aproximado (fonte: PEYO,1982, p.11)

Mais restringido ainda é o GRANDE PLANO que representa apenas o rosto da pessoa [figura 30]. Este plano coloca a expressão facial mais pormenorizada.



Figura 30 – Grande plano (fonte: PEYO,1982, p.31)

O PLANO DE PORMENOR representa objectos, em grande plano, pondo em evidência as suas características. Este plano funciona como um aviso para o leitor, chamando a atenção daquele pormenor na história [figura 31].



Figura 31 – Plano de pormenor (fonte: PEYO,1982, p.28)

É importante referir que no código da linguagem da Banda Desenhada existe diferentes tipos de planos. Cada plano tem uma função diferente. Cada autor de Banda Desenhada escolhe os planos e os ângulos de visão que pretende usar nas suas histórias.

Para além dos planos, os ângulos de visão também ajudam no enquadramento na Banda Desenhada. Segundo **Joana Gomes** o artista de banda desenhada é “*uma espécie de realizador que direcciona o olhar do leitor, segundo as suas intenções*”. (**GOMES, 2010, p.31**)

Agustín Fernández Paz (1984), professor de Línguas e Literatura galega destaca a importância dos ângulos na narrativa:

O ángulo de visión tiene (...) unha función narrativa. Cando o autor escolle un determinado ángulo para representa-la escea, faino porque ese é o xeito como quere que a vexamos, de maneira que uns elementos queden máis enfatizados que outros. (p.19)²⁶

Os ângulos utilizados na Banda Desenhada são o picado, o contrapicado e o normal.

No ângulo picado a cena vê-se de cima para baixo provocando sensações de encurralamento e esmagamento [figura 32].



Figura 32 – Ângulo picado (fonte: PEYO,1982, p.11)

O ângulo contrapicado apresenta uma vista de baixo para cima. Com este ângulo inferior tudo fica exagerado (grande). [figura 33].



Figura 33 – Ângulo contrapicado (fonte: PEYO,1982, p.10)

²⁶ PAZ, Agustín (1984) - “*Para lermos comics*”. Xunta de Galicia. Galicia.

Por sua vez, o ângulo normal, apresenta a cena à altura dos olhos do observador. Este ângulo é o mais apropriado para o leitor porque observa tudo de frente [figura 34].



Figura 34 – Ângulo normal (fonte: PEYO,1982, p.10)

Eis a magia da Banda Desenhada. Com os diferentes planos e ângulos e visão que fazem da Banda Desenhada uma linguagem única: é na impossibilidade de contar tudo, de mostrar tudo, de enumerar todas as etapas que surgem em cada vinheta, em cada tira e em cada prancha que resta apenas o necessário, ou seja, a escolha dos tempos e dos espaços mais intensos e significativos.

2.3.3 AUTORES PORTUGUESES DE BANDA DESENHADA

Segundo Sá e Deus (1999)²⁷ afirmam que, o maior artista gráfico português do século XIX e início do XX foi Rafael Bordalo Pinheiro.²⁸ É também considerado como o primeiro artista português que criou histórias com sequência lógicas. Citam que o período que vai de 1910 a 1940 é considerado o momento artístico da BD nacional. Estes autores referem também que Stuart Carvalhais participou em muitas publicações. No Diário de Lisboa houve *cartoons* de Stuart de 1922 a 1932. Os *cartoons* e história aos quadrinhos (HQ) de crítica social, desenhados em 1921-22 para a revista *ABC e Rir*, têm um significado muito mais profundo do que as obras anteriores. Esta revista, pertença da empresa *ABC*, teve o primeiro número a 1 de Janeiro de 1921, sob a direcção artística de Jorge Barradas, substituído por Stuart Carvalhais, a partir do nº8. Com o nome de baptismo inventado por Stuart Carvalhais, foi posto à venda a 15 de Outubro de 1921, o primeiro número de *ABC-zinho*, jornal infantil para onde também desenharia algumas histórias aos quadrinhos.

Por detrás da revista estava apenas a empresa editorial *ABC*, o dinamismo de Cottinelli Telmo e uma prodigiosa equipa de desenhadores e escritores. Foi vasta a sua colaboração para esta revista, com textos de ficção, correspondência diversões e histórias aos quadrinhos (argumento e desenho). Entre os eleitores destacam-se António Cardoso Lopes Júnior (Tiotónio) e Amélia Pae da Vida. Quanto ao quadro de desenhadores veteranos de BD sobressaem Rocha Vieira, Emmérico Nunes, Ofélia Marques, Stuart Carvalhais, Alfredo de Morais, entre outros.

Em relação à colaboração literária do *ABC-zinho*, muitos são os nomes, mas alguns devem ser particularmente lembrados: Ângelo Cottinelli Telmo, Teresa Leitão de Barros,

²⁷ DEUS, António D.; SÁ, Leonardo De (1999) – “*Dicionário dos autores de Banda Desenhada e cartoon em Portugal*”. Edições Época de Ouro – cadernos do centro nacional de banda desenhada e imagem. Costa da Caparica.

²⁸ Rafael Bordalo Pinheiro (1846 - 1905) foi o mais importante caricaturista português do século XIX, responsável por uma autêntica revolução gráfica e também na indústria da cerâmica, para além de ter sido o criador das histórias aos quadrinhos em Portugal.

Henriques Marques Júnior e Maria Paula de Azevedo. Foi com o título de *ABC-zinho* que se estreou a primeira revista infantil de BD, ou para sermos mais concisos, a primeira revista de BD portuguesa. E, pelo menos no início era 100% portuguesa. O sucesso da revista infantil *ABC-zinho* fez ver aos editores a viabilidade de uma imprensa periódica juvenil. E, entre as décadas de 1920 e 1930, inúmeros títulos, uns duradouros, outros não, chegavam às mãos da mocidade lusitana. Além disso, nos anos compreendidos entre as duas Grandes Guerras, os próprios portugueses diziam que houve tanta proliferação de revistas humorísticas, quanto o número de tendências e partidos políticos. O arranque do *ABC-zinho* foi uma passada de gigante. Quando acabou a revista, os seus rivais andavam à deriva. Só passado 15 anos após o seu nascimento se marcaria outra etapa na evolução da revista de BD em Portugal.

Como rival do *ABC-zinho* apareceu em 1922 (sempre sem data registada) *O Carlitos*, inicialmente impresso no Brasil, depois transferido para Portugal. O director Gaspar de Almeida misturava BD, histórias infantis e páginas de divulgação cinematográfica. No *Carlitos*, só há presença portuguesa em Gaspar de Almeida e ilustrações soltas de Stuart Carvalhais e Alfredo de Moraes.

O primeiro grande suplemento independente surgiu em 1924 no Diário de Notícias, intitulava-se *Notícias Miudinho* e durou até 1933. O mais famoso e duradouro suplemento infantil viria a pertencer a *O Século*, chamava-se *Pim Pam Pum!*, começou em 1925 e durou até 1977. Por lá passaram grandes desenhadores como Eduardo Malta, Tiotónio, Almada Negreiros, José Viana, Mário Costa, Fernando Bento, entre outros.

Na década de 1930 aparece a revista *O Papagaio* da imprensa católica infantil. É um caso único e exemplar de revistas concebidas para as crianças mais jovens. Outro precioso valor adicional com que *O Papagaio* nos concedeu, foi as aventuras de *Tintim*, do belga Hergé, tendo sido nós, o primeiro país não francófono a publicá-las. Surgiu *O Senhor Doutor* a 18 de Março de 1933 com grande formato, papel incorporado e branco, colorido vivo e bons *comics* ingleses. Ficaram famosas as Bandas Desenhadas de *A Família Pipocas* de Ernesto Silva.

Houve ainda dois acontecimentos que fizeram com que a produção dos quadrinhos portugueses tomasse um rumo ainda mais forte. O primeiro foi durante a Segunda Guerra Mundial, na qual Portugal manteve neutralidade absoluta, mas proibiu a publicação dos quadrinhos estrangeiros. Desta maneira, o país manteve-se livre da avassaladora influência norte-americana, o que motivou o aparecimento de novos artistas e séries e difundiram hábitos de leitura.

Logo depois da vitória dos aliados, com o fortalecimento da ditadura salazarista, surgiu uma lei exigindo que 75% das histórias aos quadrinhos publicadas fossem de origem portuguesa. Dessa maneira, não é preciso perguntar porque as histórias aos quadrinhos tiveram tanta força em Portugal, apesar da censura. Aliás, sabemos nós, que a censura política aguça ainda mais o espírito criador dos artistas.

Ainda mais influente do que o *ABC-zinho* foi *O Mosquito*, criado em 1936, e que durou até 1977. A criação de *O Mosquito* foi a sequência natural da carreira natural gráfica de Cardoso Lopes (Tiotónio) e literária de Raul Correia. Terminado *O Mosquito* mais os seus colaterais álbuns, colecção de aventuras, engenhocas, etc, foi um capítulo terminado na Banda Desenhada Portuguesa.

A revista *Camarada* começou a ser publicada a 1 de Dezembro de 1947, Dia da Independência e, simultaneamente, dia da Mocidade Portuguesa. Era dirigida por Baltazar Rebelo de Sousa, que viria a ser figura proeminente no governo salazarista e tinha como chefe de redacção António Manuel Couto Viana. A revista pretendia educar, informar e divertir, sob a forma de histórias aos quadrinhos, poemas, contos, curiosidades e passatempos.

No Outono de 1954, a Fomento de Publicações, Lda., inicia um período de grande actividade no sector da edição de história aos quadrinhos com o lançamento de dois semanários juvenis, *Titã* e *Flecha*, seguidos por outras publicações. *Titã* surgiu a 12 de Outubro e Vítor Péon colaborou na ilustração da capa. Na mesma altura são enunciados os dois primeiros números de colecção *Capuchinho Vermelho*, *Marina* e *O Papagaio* e *A Filha do Moleiro*. A *Flecha*, surgiu a 28 de Outubro de 1954, e o último número é distribuído a 19 de Agosto de 1955, nove dias depois do encerramento do *Titã* e, tal como ele, deixa por acabar as numerosas séries.

A revista *Falcão* começou a ser publicada a 18 de Dezembro de 1958, sob a direcção de Gabriel Ferrão. É de salientar que *O Falcão* foi a última tentativa para criar uma grande revista juvenil. O interesse da revista foi progressivamente diminuindo e o final da revista ocorreu devido à fraca adesão entre os leitores e os coleccionadores.

O *Tintim* nunca teve uma aventura ambientada em Portugal, nem sequer por cá passou de viagem, mas foi uma revista portuguesa, *O Papagaio*, que primeiro internacionalizou os relatos das viagens do jovem repórter, em 1936. A revista *Tintim* começou a ser publicada a 1 de Junho de 1968 e terminou com histórias incompletas a 20 de Outubro de 1982. Ao longo da sua publicação esta revista teve vários directores e chefes de redacção. Faziam parte da revista vários jogos, concursos, contos de autores estrangeiros e nacionais e as habituais rubricas das revistas de Banda Desenhada – correio dos leitores, passatempos, secção humorística e artigos sobre cinema e animação. É nas páginas da revista *O Papagaio*, que os desenhos de Hergé são apresentados pela primeira vez a cores.

Adolfo Simões Muller, então director de *O Papagaio*, não escondia o seu entusiasmo pelo trabalho de Hergé e assegurou, na sua saída da revista, levar as histórias de *Tintim* para outras publicações que depois dirigiu: *Diabrete*, *Cavaleiro Andante*, *Foguetão*, *Zorro*.

A revista *Spirou* tem 2 séries com 8 anos de intervalo. A 1ª série começou a ser publicada a 21 de Outubro de 1971 e terminou a 13 de Abril de 1972. A 2ª série começou a 10 de Abril de 1979 e terminou a 13 de Outubro de 1979. Teve as habituais rubricas de correio dos leitores, passatempos e como director Vasco Granja.

Começou a ser publicada a revista *Jacto* a 3 de Novembro de 1971 e terminou a 24 de Abril de 1973. Tinha como chefe de redacção Manuel Cordeiro e um dos responsáveis gráficos era José Garcês. Envolvia palavras cruzadas, correio e páginas dos leitores e assuntos de cultura geral variada.

A revista *Fungagá* publicava-se quinzenalmente às terças-feiras, com 16 páginas (depois, 20 a partir do nº 9), e o preço inicial de 10\$00 foi aumentado para 15\$00, próximo do final, quando as dificuldades se agravaram e a cor começou a desaparecer de algumas das suas páginas.

Dirigida por Júlio Isidro, o popular e versátil apresentador da televisão, esta revista assinala o fim de uma época de ouro da BD infantil portuguesa. Herdeira de uma tradição

ilustre, que remonta aos anos 30 com *O Papagaio* e prosseguiu, depois, com o *Diabrete* (nos seus primeiros números e na fase final), o *Camarada* (2ª série), o *João Ratão*, o *Rato Mickey*, o *Pumby* e o *Pisca-Pisca*, enfeitava-se com a mesma distinção dos seus antecessores, misturando a beleza das ilustrações à simplicidade das histórias e dos textos, feitos realmente a pensar nas crianças.

Além da colaboração portuguesa, o *Fungagá* não prescindiu de alguns originais estrangeiros, que, aliás, não destoam do conjunto, como as histórias tradicionais ilustradas por A. Rué, *Peter Pan*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Princesa e a Ervilha*, *O Fato do Rei*, *Hansel e Gretel* e duas produções dos estúdios Hanna-Barbera, *Zé Colmeia* e *O Coelho Pernalonga*. Além de histórias aos quadradinhos e de contos, passatempos, curiosidades, publicou também retratos e desenhos dos leitores, bem como jogos e construções de armar.

Com o título *Flecha 2000* existem duas séries de revista, sendo uma delas, suplemento semanal dum jornal. A 1ª série pertencia à Editora de Banda Desenhada *Meribérica*²⁹ começou a ser publicada a 23 de Março de 1978 e terminou a 21 de Dezembro do mesmo ano. Tinha passatempos e páginas sobre Banda Desenhada. Os álbuns editados pela *Meribérica* foram vários, destacamos apenas alguns, *Doze Trabalhos de Astérix*, episódios de *A Espada do Paladino*, *O Segredo dos 7 Templos*, e vários episódios de *Lucky Luke* entre outros. A 2ª série era propriedade da *Meribérica* e do *Diário Popular* (jornal semanal). Começou a ser publicada às quintas-feiras como suplemento, a 3 de Janeiro de 1985 e terminou a sua publicação a 27 de Novembro de 1986. Todas as Bandas Desenhadas eram a preto e branco apenas tinha a cores a capa e a página central onde era normalmente um *poster* com heróis de BD. Além de passatempos, tinha também uma rubrica que se intitulava como *Artesão a brincar*, que ensinava a construir casa, brinquedos, bonecos, a partir de material fácil de encontrar. As Bandas Desenhadas apresentadas tinham já sido, álbuns editados pela *Meribérica*.

A revista *Diabrete* começou a sua publicação a 4 de Janeiro de 1941 e terminou a 29 de Dezembro de 1951 com 887 números publicados. Foi rival de *O Mosquito*, e já no final da sua publicação de *O Mundo de Aventuras*. Organizou concursos e espectáculos de variedades, publicou diversos romances célebres nas suas páginas.

O *Cavaleiro Andante* começou a sua publicação a 5 de Janeiro de 1952, foi uma continuação do *Diabrete* sem interrupção e terminou no dia 25 de Agosto de 1962 com 556 números publicados semanalmente. Teve concursos com excelentes prémios: selos misteriosos, histórias da Carochinha e João Ratão, trajes regionais, monumentos de todo o mundo, cidades de Portugal. Tinha exemplares numerados para sorteios semanais de prémios tais como aparelhos de rádio, máquinas fotográficas, lambretas.

O *Cavaleiro Andante* teve vários suplementos destacáveis que formam outras tantas colecções: *O Pajem*, *Andorinha*, *Desportos*, *Bip-Bip*, *Números Especiais*, *Números Especiais de Natal*, *Álbuns de Cavaleiro Andante*, *Obras-Primas Ilustradas*, *Oásis*, *João Ratão*, *Alvo*, *Foguetão*.

²⁹ Editora portuguesa, com sede em Lisboa.

O *Pajem* começou a 5 de Julho de 1952 no nº 27 do Cavaleiro Andante, foi suplemento destacável, terminando a 19 de Novembro de 1960. Os desenhadores publicados: Stuart, Fernando Bento, Artur Correia, Hergé, entre outros.

A *Andorinha* só teve seis números publicados. Acabou á semelhança do *Pajem*, por ser uma das secções do *Cavaleiro Andante*.

Com a colaboração de Carlos Pinhão (jornalista desportivo) – *Desportos* começou a sua publicação a 7 de Março de 1953 e terminou a 28 de Dezembro de 1957. Como o seu próprio nome indica foi dedicado aos desportos – futebol, natação, atletismo, hóquei em patins, voleibol, etc, com a publicação de fotografias e de biografias dos atletas mais destacados na época.

Números Especiais e *Números Especiais de Natal*, foram publicados em 1953 com a colaboração de Fernando Bento e Eduardo Teixeira Coelho, envolviam presépios para construir, contos, secções de desporto, problemas policiais, curiosidades e também eram incluídos com direito a sorteio.

Em Abril de 1954 foram publicados os *Álbuns do Cavaleiro Andante* e terminaram no mesmo mês de 1963. Os álbuns que foram publicados foram: *A Pista Misteriosa*, *O Cavalo de Ferro*, *O Desfiladeiro da Traição*, *O Terror de Bessy*, *Perigo no Rio*, *O Enigma da Jóia Desaparecida*, *O Segredo do Velho Feiticeiro*, *O Rei da Noite*, *Tempestade no Rio*, entre outros.

Obras-Primas Ilustradas teve uma publicação muito irregular, começou em Julho de 1955 e terminou em Abril de 1964, já o *Cavaleiro Andante* tinha suspenso a sua publicação.

A revista *Oásis* começou a sua publicação em 1956. É de realçar *Os Três Mosqueteiros* de Alexandre Dumas entre outros.

O *João Ratão* foi uma colecção dedicada aos mais pequenos, teve início a 15 de Dezembro de 1956 e finalizou a 15 de Junho de 1963. Além de curtos contos infantis teve secções de adivinhas, curiosidades, etc.

Alvo estreou-se a 4 de Agosto de 1959 e acabou a 21 de Janeiro de 1961.

O Foguetão é uma das maiores revistas portuguesas de histórias aos quadrinhos. Começou a ser publicada a 4 de Maio de 1961 e terminou no mesmo ano a 27 de Julho. Tinha contos, secções de curiosidades, magia, enigmas policiais e palavras cruzadas. Quanto a *Bip-Bip* começou a 4 de Maio de 1961 como suplemento do *Foguetão*. Era uma revista patrocinada pela BP (Companhia de Petróleo).

O *Zorro* teve início a 13 de Outubro de 1965 e terminou a 11 de Junho de 1966. Além de HQ teve contos, curiosidades, magia, biografias de artistas nacionais e estrangeiros cujas fotografias apareciam geralmente nas contracapas.

A segunda série dos Quadrinhos era incluída no jornal *A Capital*. Começou a 24 de Maio de 1980 e terminou a 27 de Novembro de 1982, com aventuras incompletas. Tinha artigos de Ferreira da Silva - Especial Quadrinhos, de Leonardo Sá - Introdução à Figuração Narrativa Clássicos da BD, e de António Dias de Deus – Desenhadores Portugueses.

A Banda Desenhada é um fenómeno espantoso a nível mundial, de tal forma se expandiu. No entanto, faz parte do dia-a-dia das crianças e do que resta de inocência em cada adulto.

A BD acompanha-nos desde a escola primária, com bonecos e histórias desenhadas, que na maior parte dos casos, pela sua beleza e interesse, conseguem diluir o conteúdo maçador dos textos escolares.

Desde sempre a Banda Desenhada foi servida por artistas de enorme talento. Temos Harold Foster, Alex Raymond, Hogarth, Hergé, Oscar Jacobson, Rafael Bordallo Pinheiro, Augusto Pinta, Stuart Carvalhais, Fernando Bento, José Garcês, José Ruy, Júlio Gil, Luís Louro e E. T. Coelho.

Depois com as revistas *ABC-zinho*, *Sr. Doutor*, *Tic-Tac*, *PimPamPum*, *O Papagaio*, *O Mosquito*, *O Diabrete* entre muitas outras, aparecem variadíssimos nomes como Sérgio Luíz com o Boneco Rebelde, José Garcês que ainda hoje continua a editar obra, um excelente desenhador a par de José Ruy com muitos trabalhos sobre história. Já pós década de 70 a lista é mais longa, temos Pedro Massano, Carlos Barradas, Zé Paulo, Rui Pimentel e muitos outros.

Após à leitura, e como forma de concluirmos este subcapítulo **Sá e Deus (1999)** referem que o período que vai de 1910 a 1940 é considerado a era artística da história aos quadrinhos Português. Isso quer dizer que as produções eram fruto de um trabalho individual aperfeiçoado. Como grande exemplo destes tempos, citamos Stuart Carvalhais (1887 - 1961).

Contudo, no livro *Stuart e o modernismo em Portugal*³⁰ de **José Pacheco (s.d.)**³¹, Stuart Carvalhais é considerado o verdadeiro criador das histórias aos quadrinhos portugueses quando publica, a 21 de Janeiro de 1915, no nº 898 de *O Século Cómico*, a sua primeira prancha de aventuras dos mais famosos heróis das histórias cómicas portuguesas: *O Quim e o Manecas*. O primeiro é um garoto magricela, alcoviteiro, alto, cabelo escuro e escorrido, calças compridas com suspensórios e chapéu. O Manecas era o mais novo e mais malandro. Vestia um bibe às pintinhas, tinha rosto redondo e matreiro, nariz arrebitado e três cabelos no alto da cabeça. Tratam-se das peripécias de dois malandros, tipicamente anarquistas juvenis, e o seu aparecimento coincide com a mudança política do autor, quando abandona os seus ideais monarquistas e passa a apoiar a república.

2.3.4 AUTOR PORTUGUÊS - STUART CARVALHAIS

Neste levantamento histórico da Banda Desenhada Portuguesa achamos importante referenciar o autor José Herculano **Stuart** Torrie de Almeida **Carvalhais**. Esta escolha é justificada pelo facto de Stuart Carvalhais ser o nome mais remoto no que toca às publicações de histórias aos quadrinhos para crianças.

Deus (1997), conta que:

³⁰ PACHECO, José (s.d.), “*Stuart e o modernismo em Portugal*”. Coleção artes/ilustradores. Vega. Lisboa.

³¹ José Pacheco, nascido a 1954, em Lagos, no Algarve. Professor do Ensino Secundário. Licenciado em Design de Comunicação pela E.S.B.A.L. Autor, no âmbito da escrita, de alguns artigos sobre “Artes”, de “Na Crista de um Sonho” (literatura infanto-juvenil) entre outros.

Na decoração de contos infantis Leal da Câmara e Raquel Roque Gameiro começaram a obter resultados interessantes. Porém, faltava ainda a fixação de um processo, de um personagem e de uma série em quadradinhos para crianças. O acontecimento memorável nos anais do jornalismo infantil deu-se em 1915, com a criação de Quim e Manecas por Stuart Carvalhais. (p.89)

Nascido a 7 de Março de 1887, na freguesia de S. Pedro, em Vila Real desenvolveu trabalho como pintor, caricaturista, humorista, ilustrador e claro, como autor de Banda Desenhada. O conjunto da sua obra é impressionante. Existem inúmeras capas de partituras, postais, ementas, calendários, cenários, programas de teatro, quadros a óleo, azulejos e principalmente desenhos criados em diversos tipos de papel a partir de diversos materiais como por exemplo caneta, pincel, palito, fósforo, lápis, tinta-da-china, etc.

Tendo, aos 16 anos entrado para o *atelier* de azulejaria de Jorge Colaço, consegue, algum tempo mais tarde, ingressar no jornal *O Século – Suplemento Humorístico*, pois o Próprio Jorge Colaço era o seu director artístico, o que terá facilitado a sua entrada. Com isto, em 1906 surge a sua primeira publicação neste jornal em formato *cartoon* e cerca de um ano mais tarde a sua primeira história aos quadradinhos. Com esta abertura, Stuart Carvalhais consegue elaborar uma série de histórias, em vários números do jornal, com diversas personagens como por exemplo, *História de Mr. Berimbau*, *Triste História de Zé Alonso* e *Aventuras de um Governador*. Será importante referir que, é num destes primeiros trabalhos que Stuart usa já onomatopeias e balões.

Podemos salientar também, que a sua produção artístico-gráfica esteve ligada à crítica político-partidária, fosse no tempo ainda da Monarquia até 1910, fosse já com a República ou depois durante o Estado Novo. Colaborando com diversas publicações, fosse em formato *cartoon*, fosse em Banda Desenhada, o seu carácter crítico estava sempre presente. A miséria, a fome, a carga insuportável do trabalho, estão presentes em imagens publicadas em jornais como o *ABC* ou *A Batalha*.

Vasco Granja citado por **José Pacheco (s.d)** no livro *Stuart e o modernismo em Portugal* descreve Stuart Carvalhais como sendo:

(...) um crítico implacável da política oficial. Defendia com a sua arte os humilhados e ofendidos, fustigando tudo o que lhe parecia o resultado da prepotência e da repressão. Tinha uma maneira muito subtil de dar a volta à nefasta acção dos censores salazaristas. O seu espírito combativo salientava-se na crónica do quotidiano, retratando com fidelidade figuras populares que muito o sensibilizavam: os vendedores se jornais, as crianças, os estudantes, as varinas, os bêbados, os vagabundos (...). (p.21 e 22)

Para além desta afirmação de Vasco Granja reforçamos este mesmo sentido com a ideia de **Paraschi** quando diz que “*a Banda Desenhada tem uma tese política, que habitualmente reflecte a do seu criador*” (**PARASCHI, 1977, p.63**)

A 21 de Janeiro de 1915, enquanto o mundo se preocupava com a Primeira Guerra Mundial, Stuart publicou no suplemento o *Século Cómico*, a primeira Banda Desenhada *Quim e Manecas*. No início, tem-se a noção que Stuart não tinha uma linha editorial bem definida, pois os primeiros números viviam bastante ao sabor do improvisado, sendo o pretexto da história mais ou menos gratuito. As próprias personagens, Quim, um garoto magricelas, alto, mexeriqueiro, cabelo escorrido, calças compridas com suspensórios e chapéu, Manecas, mais novo e mais malandro com um bibe às pintinhas, rosto redondo, matreiro, nariz arrebitado, e três cabelos no alto da cabeça, não parecem ter nada à partida que os una sendo eles próprios irmãos. A própria figura de Manecas não pode ser vista sem termos referência da personagem Yellow Kid. Mesmo assim, Stuart consegue criar uma dupla endiabrada de rapazes cujas acções têm sempre conclusões surpreendentes.

“A acção de *Quim e Manecas*, de início, é rápida e remexida, com uma gag por número. Depois começa a haver continuidade (lógica ou disparatada) entre as pranchas sucessivas” (DEUS, 1997, p.92).

Mas, mesmo tratando-se de uma publicação infantil, Stuart caracteriza as duas personagens principais como anarquistas juvenis, mantendo assim, o seu estilo crítico perante a sociedade. As referências ao contexto político do seu tempo são comuns. Não raras vezes, muitos dirigentes de partidos e militares foram caricaturados nas suas histórias, assim como, a referência aos alemães no tempo da Primeira Guerra segundo o tom pejorativo *boches*. Igualmente o texto inserido nos balões, é bastantes vezes, descrito em calão. No contexto total das histórias de *Quim e Manecas*, conseguimos categorizá-las em quatro tipos: partidas ingénuas; aventuras policiais e de espionagem; episódios de cariz político, social ou cultural e a participação na Primeira Guerra Mundial.

Após o último número saído em 1918, a importância de *Quim e Manecas* continuou a existir, já que vários foram os autores tais como Jorge Barradas, Fernando Bento e Vasco Lopes de Mendonça que se serviram das suas figuras para os seus trabalhos.

Deus (1997) mencionou que:

A figura dos dois maraus foram copiados vezes sem conta por outros desenhadores (...), as suas imagens serviram de reclame a produtos alimentares (...) revistas variadas, novelas, poesias, brinquedos articulados, jogos e charadas. (p.93)

Tal como dissemos anteriormente, sobre o pioneirismo de Stuart Carvalhais no contexto nacional, podemos alargá-lo ao contexto europeu. Queremos com isto dizer que, a importância da Banda Desenhada de Stuart extravasou as fronteiras mas só relativamente há pouco tempo lhe foi reconhecido esse mérito.

Boléo (2010)³² referiu que:

Em 1997, quando teve lugar a exposição “A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945” na Fundação Calouste Gulbenkian, Charles

³² BOLÉO, João Paulo Paiva (2010) – “*Quim e Manecas 1915 - 1918*”. Edições Tinta-da-china. Lisboa.

Dierick, um dos mais argutos especialistas europeus de BD e então director do Centre Belge de la Bande Dessinée, viu as páginas iniciais do Quim e Manecas n' *O Século Cómico* e exclamou imediatamente que se tratava do *missing link*. (p. 21 e 22)

Se a Banda Desenhada europeia atinge a sua maturidade a partir da década de 30 do século XX, e se já, 15 anos antes, existia um autor português que conseguia com qualidade gráfica, modernidade, humor e desenvolvimento técnico atingir o mesmo nível, era como se a ligação que faltava entre a influência da Banda Desenhada Americana para a maturidade da europeia, passasse inevitavelmente por Stuart Carvalhais.

Assim, não é descabido dizer que Stuart é o pai da Banda Desenhada em Portugal e por isso mesmo, 51 anos depois da sua morte, seja importante fazer a sua referência e portanto inclui-lo neste estudo.

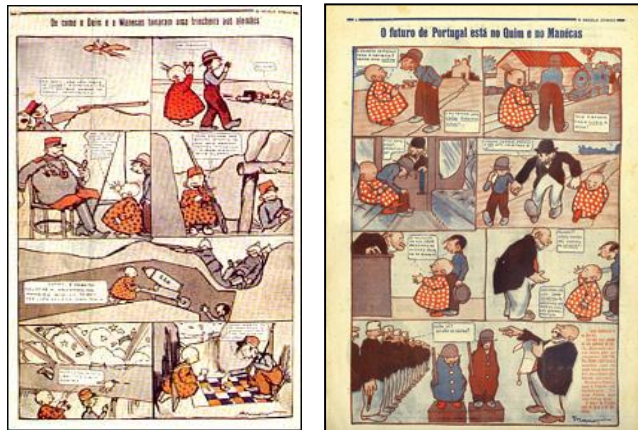


Figura 35 - O Quim e o Manecas - Bandas Desenhadas de Stuart Carvalhais. (fonte: PACHECO, s.d.)

2.4 METODOLOGIA

Perante os problemas detectados, através dos dois testes e do estudo da Banda Desenhada, a estratégia que utilizamos foi a planificação de uma unidade de trabalho.

Para combatermos a falta de conhecimento sobre a gramática da linguagem da Banda Desenhada, planificamos uma unidade de trabalho [apêndice p.107], com nove aulas, com a duração de 90 minutos cada. A definição desta quantidade de tempo deu-se por razões externas, pelas quais fomos, de certo modo, obrigados a aceitar. A implementação deste projecto teve de ficar constringida, à disponibilidade dada pela Escola Secundária D. Afonso III, já que esta não permitiu criar uma unidade de trabalho com um tempo mais expandido.

Para atingirmos o nosso objectivo, definimos quais as variáveis independentes e dependentes do nosso estudo.

Como variável independente destaca-se todo o material usado nas aulas. Numa primeira fase apresentamos um conjunto de slides em formato powerpoint com a origem e a gramática da linguagem da Banda Desenhada [apêndice p.118]. A realização de uma ficha de trabalho sobre a linguagem da Banda Desenhada [apêndice p.102] teve por objectivo averiguarmos se os alunos estariam a assimilar os conceitos e conteúdos abordados. Numa segunda fase os alunos observaram livros de Banda Desenhada com vários tipos de linguagens gráficas e de diversos autores nacionais e estrangeiros. Pensamos que a resposta a um teste formativo [apêndice p.104] revelar-se-ia de relativa importância, pois este seria o nosso instrumento de recolha de dados para esta fase. No final, os alunos realizaram um trabalho prático, que se baseou na realização de uma Banda Desenhada no espírito *Quim e Manecas* do autor Stuart Carvalhais tendo por base um tema relacionado com problemas sociais actuais. A variável dependente foi o resultado de aprendizagem sobre a gramática da linguagem da Banda Desenhada.

Depois de implementada a unidade de trabalho, pretendia-se fundamentalmente que os alunos conhecessem a linguagem da Banda Desenhada. Em segundo plano, que compreendessem a evolução deste meio de comunicação, que utilizassem correctamente a gramática da Banda Desenhada, ou seja, regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais. Também que desenvolvessem a capacidade de comunicação através da criação de histórias, elaborando uma Banda Desenhada, estimulando assim a criatividade, desenvolvendo o sentido social, articulando saberes e conhecimentos.

2.4.1 PLANIFICAÇÃO DO PROCESSO EXPERIMENTAL

A parte experimental fixou-se num plano de unidade constituída por 9 sessões, com a duração de 90 minutos cada que começou a 29 de Março terminando a 10 de Maio de 2011.

Nesta unidade de trabalho pretendíamos que houvesse inicialmente um diálogo com os alunos sobre o conhecimento deles relativamente, ao conteúdo Comunicação Visual. Com este diálogo tentamos fazer uma troca de experiências pessoais sobre as noções e evidências relativas a este universo.

Para abordarmos a Banda Desenhada pensamos em criar uma estratégia com base no recurso à visualização de imagens. Com o objectivo de mostrar a cronologia e a linguagem da

Banda Desenhada, pensamos desde início que as imagens favoreceriam a rápida assimilação do conhecimento. Também por se tratar de conteúdos eminentemente visuais consideramos que esta relação seria natural.

Como meio de averiguar se os alunos conseguiriam assimilar os conteúdos, realizamos uma ficha de trabalho. Para o nosso objectivo, dar a conhecer a gramática da linguagem gráfica optamos por mostrar publicações (livros e revistas) para que os alunos sentissem *in loco*, os suportes originais e a sua importância enquanto objecto.

Após esta tarefa retomamos a estratégia de mostra de publicações de Banda Desenhada com ênfase no autor português Stuart carvalhais e nas suas histórias *Quim e Manecas*. Para facilitar a aprendizagem sobre a linguagem da Banda Desenhada trabalhamos um artista português. Pretendemos também dar a conhecer aos alunos, uma figura histórica e introduzimos o conceito de abordagem de problemas sociais demonstrados na Banda Desenhada portuguesa.

Depois disto, aplicamos um teste formativo que funcionou como instrumento final da recolha de dados para o nosso estudo.

Queríamos igualmente definir que a assimilação dos conteúdos poderia ser demonstrada por um trabalho prático. Para o efeito foi sugerido aos alunos que criassem uma Banda Desenhada no espírito *Quim e Manecas* tendo por base um tema relacionado com problemas sociais actuais [anexos p.123],

Para que esta planificação pudesse ser colocada em prática utilizamos o computador portátil e um projector multimédia, como ferramentas fundamentais para a exposição dos conteúdos. Para além, dos livros de Banda Desenhada já referidos, utilizamos folhas brancas, lápis, borracha, lápis de cor, régua e esquadro para o restante trabalho.

Esta planificação foi tida em conta para que a relação ensino/aprendizagem pudesse fornecer aos alunos, não só meios para ultrapassar a falta de conhecimento sobre a linguagem da Banda Desenhada mas também experiências que lhes permitissem criar uma memória para futuras aplicações práticas e o aumento da sua cultura dentro deste tema.

2.4.2 EXECUÇÃO DA PLANIFICAÇÃO DEFINIDA

A primeira aula começou com um breve diálogo com os alunos acerca do conteúdo Comunicação. Começamos por definir o conceito de Comunicação, quais os modos e meios de comunicação que existiam, para depois abordarmos o conceito de Banda Desenhada. Durante o diálogo os alunos evidenciaram que a cor, as letras e as imagens ligadas à fotografia e ao desenho como exemplos conhecidos e usados por eles quando relacionavam com comunicação. Demonstraram também através de exemplos do dia-a-dia como encontravam aplicados estes elementos e a forma como as mensagens visuais chegavam até eles. Deste modo, constatamos, que este conteúdo estava bem compreendido por parte dos alunos. Para terminarmos esta primeira aula mostramos uma pequena apresentação visual em formato powerpoint com a definição, e a origem da Banda Desenhada, esclarecendo a cronologia da mesma [apêndice p.109].

Na segunda aula começamos por recapitular a matéria dada na aula anterior. De seguida, continuamos com a apresentação visual em formato powerpoint com a linguagem da

Banda Desenhada. Não só definimos o que era uma prancha, uma vinheta, uma tira, como também o que são balões, legendas e cartuchos. A visualização destes conteúdos acompanhados pela demonstração de exemplos práticos pôde dar aos alunos um conhecimento realista da matéria e a consequente compreensão [apêndice p.110].

Na terceira aula fizemos a continuidade do ensino dos conteúdos abordando deste modo, aquilo que são onomatopeias, metáforas visuais e signos cinéticos. Estes, símbolos e representações gráficas foram abordados isoladamente por se tratar de uma matéria com bastante informação e exigente do ponto de vista de concentração por parte dos alunos. Pois, se os alunos não assimilassem bem estes conteúdos, não poderiam mais tarde identificar a essência da linguagem da Banda Desenhada [apêndice p.111].

Na quarta aula concluímos a apresentação com os conteúdos relacionados com a escala de planos (plano geral, plano de conjunto, plano americano, plano médio, plano aproximado, grande plano, plano de pormenor) assim como pontos de vista (normal, picado, contra-picado). Sendo que esta quarta aula continuava a ser bastante expositiva e com uma quantidade significativa de dados tentamos que a aula decorresse em diálogo constante pedindo aos alunos que participassem na construção prática da matéria citada [apêndice p.112].

Na quinta aula os alunos responderam a uma ficha de trabalho. De seguida, foi distribuído pelos alunos, vários livros e revistas de diferentes autores de Banda Desenhada. Pensando na faixa etária dos alunos em estudo, definimos a nossa escolha nas obras de Walt Disney, entre os clássicos *Pato Donad*, *Rato Mikey* e *Tio Patinhas*, assim como as criações franco-belgas, de Pierre Culliford (Peyo), Goscinny e Uderzo, Maurice de Bevere (Morris), sobre os *Estrunfes*, *As Aventuras de Asterix* e *Lucky Luke* respectivamente. Usamos também os *Peanuts* de Charles Schulz, alguns livros da colecção de heróis da Marvel como *Batman* e *Homem Aranha*. A escolha de exemplos de Banda Besenhada portuguesa recaiu sobre Stuart Carvalhais com as aventuras de *Quim e Manecas...* e o autor mais contemporâneo Filipe Melo e Juan Cavia com as *Incríveis Aventuras de Dog Mendonça e Pizzaboy*. Na segunda parte da aula os alunos responderam a uma ficha de trabalho que incidia sobre todos os conteúdos até aqui apresentados [apêndice p.113].

Na sexta aula os alunos tiveram a possibilidade de observar várias Bandas Desenhadas da colecção *Quim e Manecas* do autor Stuart Carvalhais. No contexto actual da nossa sociedade resolvemos demonstrar que a Banda Desenhada pode abordar temas relacionados com problemas sociais e políticos. Assim, a colecção de Bandas Desenhadas *Quim e Manecas* ajudaram os alunos a compreender à luz de um tempo passado esta importância, e para que pudessem eles próprios iniciar uma reflexão para desenvolverem um tema do mesmo âmbito mas à luz dos nossos dias [apêndice p.114].

Na sétima aula os alunos responderam a um teste formativo. Sendo que após a sua conclusão procedemos à sua correcção. Consideramos este momento como a conclusão da parte teórica desta planificação, servindo como instrumento fundamental para a recolha dos últimos dados [apêndice p.115].

Na oitava e nona aula dedicamos o tempo para a execução das Bandas Desenhadas dos alunos. Partindo dos temas já pensados e escolhidos na sexta aula, os alunos foram desenvolvendo um argumento que desse origem a uma narrativa no espírito *Quim e Manecas*.

Com o recurso de matérias de desenho à escolha de cada um fomos, com uma forte ênfase no acompanhando individual o desenvolvimento de cada trabalho. Fomos dando críticas e levantando questões sobre as ideias dos alunos e pontualmente pedíamos à restante turma para darem igualmente a sua opinião. Durante todo o processo não podemos esquecer o objectivo principal deste estudo na qual tentávamos que os conhecimentos sobre a linguagem da Banda Desenhada fossem implementados neste trabalho prático.

Para finalizar esta planificação pedimos aos alunos que apresentassem a sua Banda Desenhada discutindo assim os resultados obtidos [apêndice p.116 e 117].

2.5 RESULTADOS

Após a colocação em prática da planificação criada, pela qual implementamos a parte da metodologia, que tinha por objectivo a recolha de dados, iniciamos neste capítulo a apresentação dos mesmos. Dividimos esta tarefa em duas fases nas quais tentaremos analisar, em primeiro lugar de forma quantitativa e em segundo, de forma qualitativa.

Para a primeira tarefa apresentamos um conjunto de gráficos nos quais estão evidenciados os valores absolutos e o tratamento estatístico da ficha de trabalho e do teste formativo. Para cada pergunta ou exercício presente nestes documentos, realizamos um gráfico no qual identificamos a questão em causa, as respostas obtidas, os valores absolutos da população do estudo e o seu tratamento estatístico.

Para a segunda tarefa apresentamos no fim de cada documento uma análise dos resultados obtidos, onde tentaremos justificar o porquê destes mesmos resultados. Esta síntese será a forma pela qual afirmaremos no final, se o problema de partida para este estudo foi resolvido ou não.

2.5.1 RESULTADOS DA FICHA DE TRABALHO

1. Completa a figura.

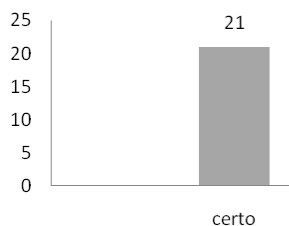


Gráfico 19 – Preenchimento dos espaços em branco

Este exercício tinha o mesmo âmbito e objectivo do primeiro exercício do 2º teste diagnóstico [apêndice p.100]. Os resultados revelam que a totalidade dos alunos respondeu correctamente à questão.

2. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.

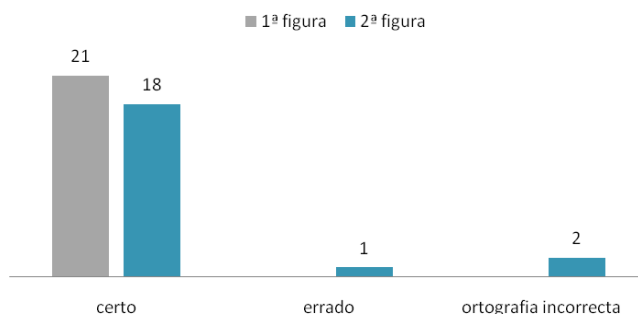


Gráfico 20 – Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens

No segundo exercício pretendíamos a identificação, através de duas imagens de “metáforas visuais” e “onomatopeias”. Relativamente ao primeiro exemplo, obtivemos a totalidade das respostas correctas. Quanto ao segundo, apenas um aluno deu uma resposta incorrecta, sendo que, outros dois erraram na ortografia. Pensamos que neste último caso, os

alunos tinham a percepção correcta da definição, mas não dominavam a soletração e consequente escrita.

3. No interior do rectângulo seguinte, desenha um balão do pensamento e um balão de fala alta.

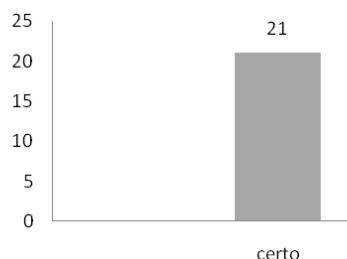


Gráfico 21 – Desenhos do balão do pensamento e do balão de fala alta

Novamente neste exercício, tal como no exercício 4 do 2º teste diagnóstico [apêndice p.100] pedia-se aos alunos para desenharem um “balão do pensamento” e um “balão de fala alta”. Este resultado revela que a totalidade dos alunos executou correctamente a tarefa.

4. Completa.

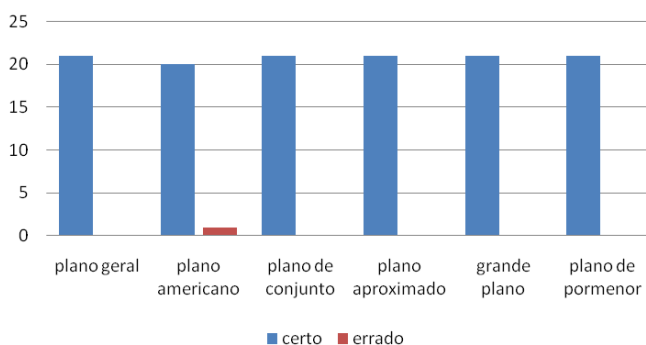


Gráfico 22 – Preenchimento dos espaços com designações relativas às imagens

Neste exercício, pretendíamos que os alunos completassem as legendas das figuras, correspondentes à escala de planos. Dos resultados obtidos, verifica-se apenas numa legenda que um dos alunos não respondeu correctamente.

5. faz a correspondência.

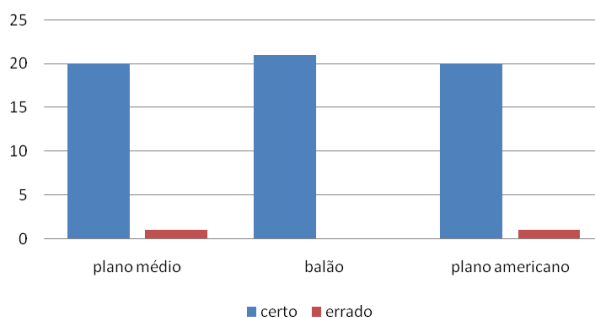


Gráfico 23 – Ligação de imagens a palavras-chave

Como último exercício, pretendia-se a correspondência entre imagens e palavras. Dadas numa coluna, três figuras, relativas a “plano médio”, “balão” e “plano médio” os alunos tinham por objectivo fazer a ligação com a coluna oposta onde se encontravam as palavras-chave. Os resultados desta tarefa mostram que da totalidade dos alunos apenas um errou a correspondência de “plano americano” e “plano médio”.

2.5.2 RESULTADOS DO TESTE FORMATIVO

1.Preenche os espaços.

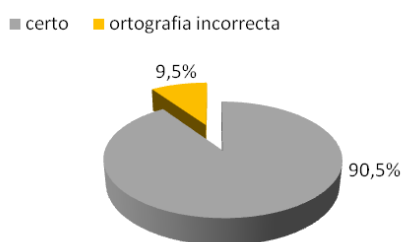


Gráfico 24 – Preenchimento dos espaços em branco

Na primeira questão deste teste formativo, os alunos tinham que completar um dado texto com palavras-chave e que lhe dessem o sentido correcto. Pretendia-se que as palavras “banda desenhada”, “visual”, “icónica”, “texto”, “narrativa”, “acontecimento”, “tempo” e “espaço”, fossem colocadas nos espaços correspondentes, obrigando assim aos alunos, a pensar na definição de Banda Desenhada. Os resultados revelam que todos os 21 alunos acertaram à questão. No entanto, 2 alunos não escreveram correctamente a palavra “icónica”, pensamos assim que os alunos em causa tinham a noção correcta da ideia mas não dominavam a sua ortografia.

2.Os planos referem-se à distância a que se representam os personagens e os objectos. Podemos considerar sete planos. Indica-os.

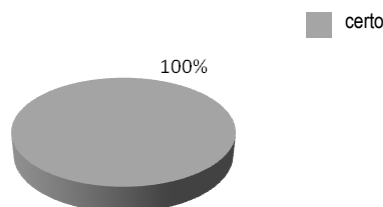


Gráfico 25 – Planos de visão referentes à Banda Desenhada

Pretendia-se neste exercício que os alunos referissem o conjunto total da escala de planos. Pelas respostas dadas todos os alunos mencionaram sem falhas “plano geral”, “plano de conjunto”, “plano americano”, “plano médio”, “plano aproximado”, “grande plano” e “plano de pormenor”.

3. Analisa as seguintes imagens e desenha os balões apropriados para cada uma das acções. E define cada um dos balões que utilizaste.



Gráfico 26 – Desenho dos balões apropriados a cada acção

Neste exercício, pedia-se ao aluno que completasse duas figuras dadas, com as quais se dava a entender duas acções diferentes em duas personagens. Deste modo, o aluno teria que desenhar um “balão do pensamento” e um “balão de fala alta” para cada imagem respectivamente. Os resultados obtidos evidenciaram que apenas um aluno não realizou o exercício.

3.1. Define o nome de cada um dos balões que utilizaste.

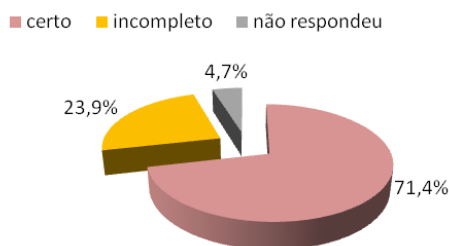


Gráfico 27 – Definição dos balões

No seguimento do exercício anterior pretendia-se que os alunos definissem pela escrita os balões utilizados. A grande maioria dos alunos conseguiu fazer a correspondência correcta do nome com o desenho. No entanto, 23,9% (5 alunos) mesmo tendo acertado na designação dos balões acabaram por não fazer uma definição suficientemente correcta dos mesmos. Novamente apenas um aluno não respondeu.

4. As imagens seguintes pertencem à gramática da Banda Desenhada. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.

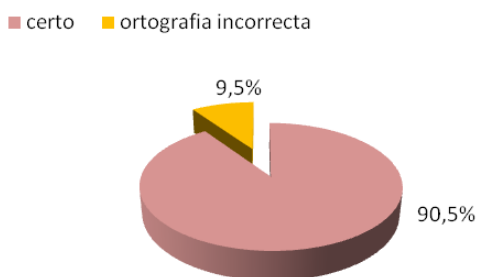


Gráfico 28 – Legenda para as figuras dadas

Com base na gramática da Banda Desenhada pedia-se nesta questão que os alunos criassem a legenda para as figuras dadas. Sendo que para a primeira deveriam escrever “signos cinéticos” e para a segunda “onomatopeias” todos os alunos conseguiram responder correctamente ao pedido. No entanto, não podemos considerar 100% de correcção pois existiram dois alunos (9,5%) que usaram uma má ortografia. Mais uma vez pensamos que os alunos em causa tinham a noção correcta do pedido mas não dominavam a questão ortográfica.

5.Preenche os balões com uma metáfora visual.

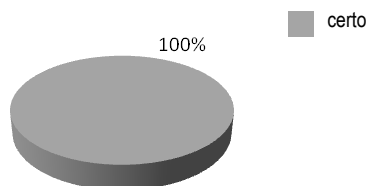


Gráfico 29 – Ilustração de metáforas visuais

Neste exercício, pedia-se novamente uma tarefa de desenho, para que os alunos criassem duas metáforas visuais em duas figuras diferentes. Deixava-se assim, ao critério de cada aluno, a possibilidade de imaginar uma dada situação que, contextualiza-se as representações dadas. Dentro das soluções criadas as mais comuns foram, a “lâmpada”, o “ponto de interrogação” e o “coração” para a primeira figura e as “notas de música” e “coração” para a segunda. Assim, não detectamos que nenhum dos desenhos, não fosse adequado à ideia de metáfora visual e por isso obtivemos os 100% de sucesso.

6.A Banda Desenhada obedece a um conjunto de regras e código predefinidos. Diz por palavras tuas o significado de:

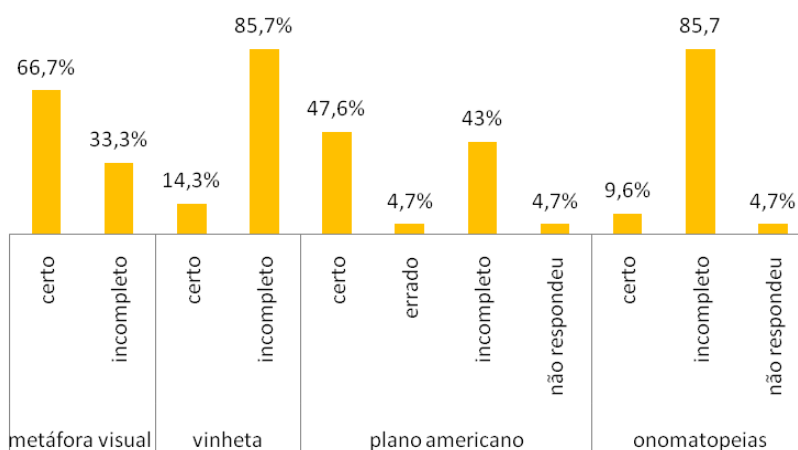


Gráfico 30 – Significado de metáfora visual, vinheta, plano americano e onomatopeias

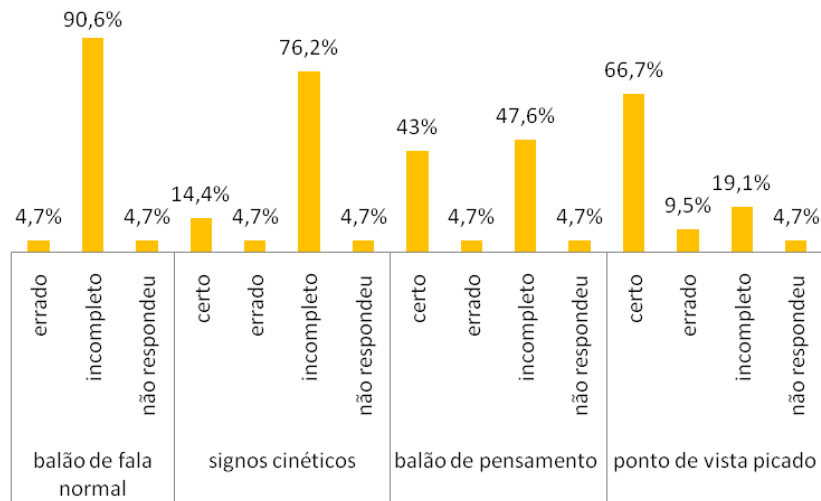


Gráfico 31 – Significado de balão de fala normal, signos cinéticos, balão de pensamento e ponto de vista picado.

O sexto exercício, exigia a escrita das definições de “metáfora visual”, “vinheta”, “plano americano”, “onomatopeias”, “balão de fala normal”, “signos cinéticos”, “balão de pensamento”, e “ponto de vista picado”. Pelos resultados obtidos evidencia-se que apenas em “metáfora visual” e “ponto de vista picado” podemos afirmar um sucesso relativo das respostas correctas. Nas restantes respostas, existiu um padrão definido pelo carácter incompleto das definições dadas. Muito embora não tenhamos considerado as mesmas erradas, não podemos aceitá-las como respostas suficientes. Relativamente às respostas erradas ou não respondidas, elas evidenciam um carácter homogéneo na medida em que a percentagem de alunos envolvidos, definem-se apenas por 1 (4,7%) ou no máximo 2 (9,5%).

7.Preenche o seguinte crucigrama.

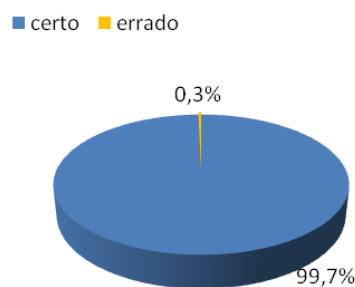


Gráfico 32 – Preenchimento do crucigrama

Como exercício final, propôs-se a execução de uma crucigrama com 13 definições, que abrangiam a linguagem e a técnica da Banda Desenhada. Pretendia-se que os alunos conseguissem identificar “balões”, “onomatopeias”, “vinhetas”, “cinéticos”, “legenda”, “prancha”, “americano”, “picado”, “cartucho”, “banda desenhada”, “tira”, “pintando” e “margens”. Dos resultados evidenciados, apenas um aluno não escreveu correctamente uma das definições. Assim, no conjunto total das respostas possíveis (273) a percentagem de 0,3% parece-nos perfeitamente residual.

2.6 SÍNTESE DOS RESULTADOS

No seguimento da análise dos resultados achamos conveniente fazer uma síntese dos mesmos para aglomerar as ideias fundamentais retiradas deste processo.

No 1º teste diagnóstico conseguimos identificar que o problema mais significativo revelado pelos alunos prendia-se com a não compreensão da linguagem da Banda Desenhada. Chegamos a esta conclusão através da pergunta directa sobre as regras e os códigos da Banda Desenhada, na qual os alunos não conseguiram dar uma resposta perfeitamente correcta. No seguimento das questões directas sobre Banda Desenhada é de realçar que a grande maioria dos alunos não conseguiu mencionar uma definição correcta sobre a Banda Desenhada nem conseguir citar autores de Banda Desenhada, muito embora o conhecimento sobre publicações nos parecesse razoável. Sobre as restantes questões pareceu-nos significativo o facto de os alunos não mencionarem a Banda Desenhada como um meio de comunicação. Por outro lado, pareceu-nos normal que os alunos mencionassem que os meios de comunicação que mais usam sejam o telemóvel e o computador, pois achamos que o mesmo se deve à presença constante dos dispositivos electrónicos e do paradigma actual de comunicação existente sobre os meios digitais.

No seguimento do nosso estudo, o 2º teste diagnóstico teve como objectivo comprovar a existência do problema central identificado no 1º teste diagnóstico. Para o efeito todas as questões direccionaram-se sobre a linguagem e os códigos da Banda Desenhada com exercícios diversificados. Do conjunto total de respostas dadas, identificamos a continuidade do problema já que a taxa de sucesso foi manifestamente negativa. Mesmo nas respostas que consideramos aceitáveis não podemos afirmar que as mesmas sejam totalmente correctas, para além, da sua percentagem ser constantemente baixa.

Sendo a ficha de trabalho um ponto intermédio de avaliação dos conhecimentos adquiridos, após a primeira fase da exposição dos conteúdos, ele veio revelar-se uma premonição do que seria mais tarde o teste formativo. Assim, no cômputo geral, os resultados foram bastante positivos e a bem dizer diametralmente opostos ao 2º teste diagnóstico. Obteve-se assim uma melhoria significativa na demonstração de conhecimentos que apenas pontualmente não corresponderam aos perfeitos resultados por falhas de execução e não tanto de percepção.

Por fim, o teste formativo veio confirmar os bons resultados da ficha de trabalho. Mesmo tratando-se de um teste mais complexo, os alunos continuaram com uma taxa de sucesso bastante alta na quase totalidade dos exercícios. O maior desconhecimento evidenciado nos testes diagnósticos foi aqui ultrapassado na medida em que as questões levantadas no teste formativo, ao serem definidas em diferentes géneros, exigiram dos alunos diferentes estratégias para criarem as respostas correctas. Logo, se através de diferentes tipos de pensamento e raciocínio os alunos continuaram a responder correctamente pensamos que isso é uma evidência que os conhecimentos foram adquiridos. As falhas mais significativas deram-se ao nível gramatical a quando da definição dos vários elementos ligados ao código da Banda Desenhada. Sendo que as respostas completamente erradas quando aconteciam definiam um valor relativamente baixo (entre 1 a 3 alunos), todas as outras falhas davam-se ao nível do raciocínio para a construção gramatical das definições. Pensamos assim, tratar-se de falhas ligadas ao domínio da Língua Portuguesa e não tanto dos conteúdos aqui abordados. Não queremos com isto excluir-nos da nossa responsabilidade de combater estas falhas mas, pensamos que este teria que ser um problema a resolver ao longo do tempo e não no âmbito deste estudo.

2.7 CONCLUSÕES

Com a realização desta investigação pretendeu-se dar a conhecer aos alunos a linguagem da Banda Desenhada. Para o efeito foram criadas estratégias pedagógicas e didácticas segundo uma metodologia baseada na criação, análise e interpretação de dados. Esta metodologia pretendia que o problema que deu origem a este estudo, ou seja, a não compreensão da linguagem da Banda Desenhada na turma B, do 6º ano da Escola Secundária D. Afonso III, pudesse ser resolvido num espaço de tempo concreto.

Este problema surgiu após a aplicação de um teste diagnóstico sobre Comunicação Visual, Banda Desenhada e linguagem gramatical da mesma. O objectivo deste teste passava por identificar qual o conhecimento e cultura dos alunos sobre estes temas. Na análise deste teste verificamos uma falha significativa, que este conjunto de alunos tinha em relação aos códigos, regras e linguagem da Banda Desenhada. Para comprovarmos a existência efectiva deste problema usamos um segundo teste diagnóstico que se direccionava especificamente para a linguagem da Banda Desenhada e que assim revelou, sem dúvidas, a hipótese levantada.

A metodologia aplicada a partir deste momento baseou-se em aulas expositivas para que os alunos pudessem ter um conjunto de informações em quantidade significativa e acompanhadas de uma sólida estratégia de exemplos visuais. Pensamos assim que os alunos ao terem acesso não só à informação teórica mas também na sua aplicação na prática, os pudesse ajudar a criar um conhecimento mais diversificado possível em termos de exemplos. Foi desde início nossa estratégia, acompanhar as aulas com publicações de Banda Desenhada, pois achamos importante que a experiência *in loco* resultasse numa rápida percepção dos conteúdos. Sentimos da parte dos alunos que foi exactamente neste ponto de acesso, às publicações, em que eles demonstraram mais interesse e curiosidade.

Como passo intermédio para avaliarmos esta primeira fase implementamos uma ficha de trabalho na qual, fizemos a mesma espécie de questões no 2º teste diagnóstico. Sendo que os resultados obtidos evidenciaram uma melhoria substancial. Tivemos por um lado, a garantia que as aulas dadas até esse ponto foram acertadas e por outro que os alunos conseguiram criar e demonstrar relações de pensamento segundo diferentes exercícios.

A comprovação final desta melhoria foi dada através de um teste formativo que seguia o mesmo tipo da ficha de trabalho, aumentada em exercícios e com um grau de exigência superior. Os resultados obtidos foram na generalidade completamente positivos. No entanto, temos que fazer a ressalva de que ao nível do domínio de definições, os alunos continuaram com algumas dificuldades. Pensamos que exista aqui um ponto negativo como positivo. Sobre o primeiro pensamos que a falha essencial é do âmbito da Língua Portuguesa, em que os alunos não só têm dificuldades na escrita como na própria pronúncia dos termos. Sobre o lado positivo pensamos que os alunos não se dedicaram a decorar as definições e procuraram estabelecer o seu próprio argumento.

Pensamos que todo este trabalho teórico pudesse ser complementado por outro de âmbito prático e daí a nossa decisão em propôr a criação de uma Banda Desenhada no final da unidade de trabalho. Sentimos que os alunos se mostraram empolgados com o desafio e gostaram de colocar em prática os temas que tinham sido discutidos aquando da visualização das Bandas Desenhadas de Stuart Carvalhais *Quim e Manecas*. Devido a retratarem um contexto actual da nossa sociedade, abordando temas relacionados com problemas sociais e políticos. Assim, a colecção de Bandas Desenhadas *Quim e Manecas* ajudaram os alunos a compreender à luz de um tempo passado esta

importância, e ajudou eles próprios a iniciar uma reflexão para desenvolverem um tema do mesmo âmbito mas à luz dos nossos dias.

Uma das provas de os alunos terem aderido positivamente ao trabalho deu-se pelo facto de que muitos quiseram implementar no seu desenho as próprias figuras representativas das personagens da Banda Desenhada de Stuart Carvalhais. Sentimos que ao nível do argumento, os alunos não conseguiram desenvolver narrativas suficientemente sustentadas com algumas falhas ao nível da sua estrutura básica – introdução, desenvolvimento e conclusão. Verificamos que a própria escrita das falas das personagens e das legendas sofreram de erros gramaticais comuns. Ao nível da estrutura gráfica nenhum deles falhou na concessão das tiras e vinhetas nem no uso dos balões indicados para cada situação. Por outro lado, nos casos existentes de uso de metáforas visuais, onomatopeias e signos cinéticos, elas tenham sido correctas, não as encontramos em quantidade significativa. Infelizmente o nosso estudo não permitiu saber, se este facto, se deu por alguma défice criativo, ou se por estratégia narrativa e gráfica.

Para concluir, pensamos que a nossa estratégia foi adequada para a resolução do problema como comprova toda a evolução da investigação. Gostaríamos que, o tema da Banda Desenhada pudesse ser abordado com mais regularidade na escola, para que houvesse uma maior exploração em dois campos fundamentais da criatividade e da comunicação: o desenho e a escrita.

Se a Banda Desenhada está inserida no quotidiano das crianças, este conteúdo deveria de ser importante nas aulas de Educação Visual e Tecnológica. Porque a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode ser desenvolvida, com recurso a uma profunda colaboração com outras disciplinas do curriculum, através de projectos comuns. Assim sendo a Banda Desenhada é um excelente suporte para trabalhar a língua em uso nas suas diversas possibilidades polissémicas e as tipologias textuais (conversacional e narrativa), porque permite estudar o vocabulário inserido num contexto que por ser ao mesmo tempo verbal e icónico torna-se facilitador da apreensão de significado. Contudo, estimula a aprendizagem e oferece uma multiplicidade de possibilidades para o ensino do Português como a Língua Estrangeira, História, Matemática, entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÃO, J. (1997) – “*Elogio da leitura*”. Cadernos Correio Pedagógico. Edições ASA. Porto.
- BARROS, Nelson de (1861) - “*Stuart*”. Edições Tempo. Lisboa.
- BOLÉO, João Paulo Paiva (2010) – “*Quim e Manecas 1915 - 1918*”. Edições Tinta-da-china. Lisboa.
- DEUS, António Dias (2002) – “*História da BD publicada em Portugal*”. Nonarte cadernos do centro nacional de Banda Desenhada e imagem. Edições época de ouro. Lisboa.
- DEUS, António Dias; SÁ, Leonardo De (1999) – “*Dicionário dos autores de Banda Desenhada e cartoon em Portugal*”. Edições Época de Ouro – cadernos do centro nacional de banda desenhada e imagem. Costa da Caparica.
- DEUS, António Dias (1997) – “*Os comics em Portugal – uma história da Banda Desenhada*”. Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa. Lisboa.
- EISNER, Will (2001) – “*Quadrinhos e Arte Sequencial*”. Martins Fontes. São Paulo.
- FERRO, João P. (1987) – “*História da Banda Desenhada Infantil Portuguesa – das origens até ao abczinho*”. Editorial presença – col. Dimensões. Lisboa.
- FRANÇA, José-Augusto (1974) - “*A Arte em Portugal no século XX*”. Bertrand. Lisboa.
- FRANÇA, José-Augusto (1974) - “*O Modernismo na Arte Portuguesa*”. Biblioteca Breve. Lisboa.
- FRESNAULT-DERUELLE, P. (1972) – “*Dessins et bulles: la bande dessinée comme moyen d’expression*”. Bordas. Paris.
- GOMES, Fernando S. C. (2008) - Dissertação de Mestrado “*Percepção dos professores de Educação Visual e Tecnológica sobre a respectiva disciplina*”, Universidade Aberta.
- GOMES, Joana I. Q. R. S. (2010) - Dissertação de Mestrado em Português língua segunda/estrangeira “*As potencialidades pedagógicas da Banda Desenhada nas aulas de Português língua não materna*”, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto.
- HERGÉ (2010) – “*O Lótus Azul*”. Edições Asa. Porto.
- MAGALHÃES, A. e Alçada, I. (1993) – “*Os jovens e a leitura. Nas vésperas do século XXI*”. Caminho. Lisboa.
- MARNY, Jacques (1970) – “*Sociologia das Histórias aos Quadrinhos*”. Livraria civilização. Porto.
- MARSHAL, McLuhan (1968) – “*Pour Comprendre les Media*”. Tradução de Jean Paré. Ed. Mame /Seuil. Col. “Intuitions”. Paris.
- NEVES, Esmerinda D’ A. (2010) - Artigo de conclusão do curso de Pedagogia “*Artes visuais: a criança o desenho e a expressividade infantil*”, Faculdade Alfredo Nasser, Instituto superior de Educação curso de Pedagogia. Aparecida de Goiânia.
- PAZ, Agostín (1984) - “*Para lermos comics*”. Xunta de Galicia. Galicia.
- PACHECO, J. (s.d.), “*Stuart e o modernismo em Portugal.*” Coleção artes/ilustradores. Vega. Lisboa.
- PARASCHI, André J. (1977) – “*Filosofia da Banda Desenhada*”. Edições Magazine. Lisboa.
- PESSOA, Carlos; QUELHAS, Vitor (2004) – “*Entre Nós – seis jovens autores em diálogo*”. Centro Nacional de Banda Desenhada e imagem. Amadora.
- PILCHER, Rachel traduzido por Manuel Cordeiro (1998) “*arquivo de factos*”. Edição 4932. Círculo de leitores. Lisboa.

- RENARD, Jean-Bruno (1981) - “*A Banda Desenhada*”. Col. Dimensões, nº10. Editorial Presença. Lisboa.
- ROUX, A. (1970) – “*La bande dessinée peut être éducative*”. Editions de l’école. Paris.
- SÁ, C. (1995) – Tese de Doutoramento “*A banda desenhada: uma linguagem narrativa ao serviço do português (Língua Materna)*.” Universidade de Aveiro. Aveiro.
- SANTOS, Helena; DONA, Nelson; CARDOSO, Ana (2006) – “*Práticas da Banda Desenhada – os visitantes do 16º festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora*”. Edições Afrontamento. Porto.
- SOARES, Anabela H. M. (2004) – Dissertação de Mestrado “*A química e a imagem da ciência e dos cientistas na Banda Desenhada: uma análise de livros de BD e de opiniões e interpretações de investigadores, professores de C.F.Q e alunos do 3º ciclo*”. Universidade do Minho. Braga.
- SOUSA, Alberto B. (2003) – “*Educação pela Arte e artes na Educação*” – 3º volume. Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. Lisboa.
- VARILLAS, R. (2009) - “*La arquitectura de las viñetas: Texto y Discurso en el cómic.*” Bizancio Editores. Sevilla.
- ZINK, R. (1999) - “*Literatura gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea.*” Celta Editora. Oeiras.

WEBGRAFIA

- <http://www.cm-chaves.pt/Default.aspx?ID=31> (11-05-2010)
- http://www.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=10432 (15-05-2011)
- <http://hdl.handle.net/1822/590> (acedido a 27-03-2011)
- <http://www2.ca.ua.pt/comunicarte/artigos/r01a02.pdf> (acedido a 28-11-2010)
- <http://hdl.handle.net/1822/590> (acedido a 27-03-2011)
- BECASSINE (1905) - <http://www.quizz.biz/quizz-266060.html> (acedido a 29-05-2012)

MANUAIS ESCOLARES

- ANDRADE, Paula S. (2002) – “*Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico*”. Plátano Editora. Lisboa.
- FALEIRO, Armando, GOMES, Carlos, (2001) - “*Gesto Imagem*”. Porto Editora. Porto.
- MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “*Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos*”. Porto Editora. Porto.
- VELOSO, Helena; ALMEIDA, Luís (2007) – “*Educação Visual e Tecnológica 5º e 6º anos*”. Porto Editora. Porto

REVISTAS

- *WaltDisney*, (Junho 1988). *Duck Tales* nº 4. Revista mensal. Editora Abril. Lisboa.
- *Peyo* (Junho de 1982). *O Estrumpfe mágico* nº 9. Aventuras dos Estrumpfes. Editorial Publica. Lda. Lisboa.
- *WaltDisney*, (Setembro de 2005). *Pato Donald* nº 126. Revista mensal. EDIMPRESA Editora. Lda. Cascais.

- *WaltDisney*, (Dezembro de 1989). *Tio Patinhas* nº51. Revista mensal. Editora Abril Morumbi. Lisboa.
- *WaltDisney*, (Outubro de 1996). *Tio Patinhas* nº131. Revista mensal. Editora Abril/Controljornal Editora. Lda. Porto.
- *WaltDisney*, (1993) *Mickey Parade*, “*picsou et le miroir*” – *verte*, nº 167

DOCUMENTOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001) - “*Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais*”. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001) – “*Educação Tecnológica. 3º Ciclo do Ensino Básico. Programa dos 7º e 8º Anos.*” Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2004) – “*Orientações Curriculares e Programas do Ensino Básico 1º Ciclo*”. Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991) – “*Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem Ensino Básico 2º Ciclo*”. Ministério da Educação. Volume II. Lisboa.

PERIÓDICOS

- *HISTÓRIA* (1981) Osvaldo de Sousa – *Stuart Carvalhais. O desenhador de bonecos.*
- *O DIÁRIO* (1983) Vasco Granja – *Stuart: crítico e cronista do quotidiano.*

APÊNDICES

Disciplina: Educação Visual e Tecnológica

Nome: _____ Nº: ____ 6º ____

Data: _____

1º TESTE DIAGNÓSTICO

1. Diz quais são os meios de comunicação que conheces?

2. Qual o meio de Comunicação Visual que mais usas?

3. O que achas mais importante na Comunicação Visual?

4. Diz por palavras tuas o que entendes por Banda Desenhada?

5. Que Bandas Desenhadas conheces?

6. Que temas poderiam ser abordados numa Banda Desenhada?

7. A Banda Desenhada obedece a um conjunto de regras e código predefinidos. Diz por palavras tuas o significado de:

Metáfora visual: _____

Vinheta: _____

Plano médio: _____

Plano americano: _____

Onomatopeias: _____

Balão: _____

Legenda: _____

Signos cinéticos: _____

Ponto de vista contra-picado: _____

8. Diz nomes de autores de Banda Desenhada que conheças?

9. Se tivesses de pensar num problema social actual para depois fazeres uma Banda Desenhada, que tema escolherias?

Disciplina: Educação Visual e Tecnológica
 Nome: _____ Nº: _____ 6º _____
 Data: _____

2º TESTE DIAGNÓSTICO

1. Completa a figura.

→

→

→

2. As imagens seguintes pertencem à gramática da banda desenhada. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.



M___ à _____ visuais



O___o___ t_____ s



Signos ___ n ___ i ___ s

3. Completa as seguintes frases, utilizando as palavras do quadro ao lado:

_____ são um modo de expressar ou sugerir o movimento na banda desenhada, através de traços e linhas, não tendo semelhança com a realidade.

Quando os objectos e as pessoas são vistas de cima para baixo, tendo portanto, uma aparência esmagada, diz-se que é um ponto de vista _____.

_____ é quando os objectos e as pessoas são vistas de baixo para cima, assumindo uma atitude ameaçadora.

Chama-se ponto de vista _____ quando os objectos e as pessoas se encontram de frente no mesmo plano de quem os vê.

- | |
|-----------------------------|
| Signos cinéticos |
| Ponto de vista contrapicado |
| Picado |
| Normal |

4. No interior do rectângulo seguinte, desenha um balão de pensamento e um balão de fala alta.



5. Completa:



Balão de fala _____



Balão do _____



Balão de fala _____

6. Faz a correspondência:



Plano médio



Plano de pormenor



Plano



Plano de conjunto

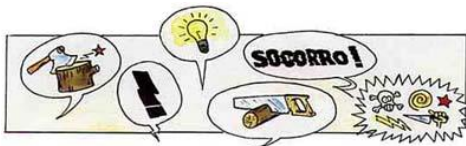
Disciplina: Educação Visual e Tecnológica
 Nome: _____ Nº: _____ 6º _____
 Data: _____

FICHA DE TRABALHO

1. Completa a figura.

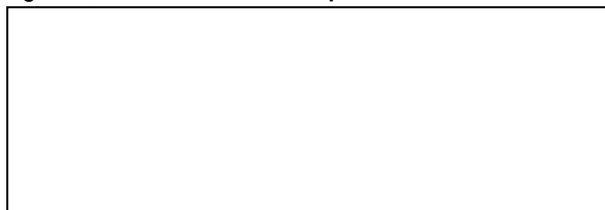


2. As imagens seguintes pertencem à gramática da banda desenhada. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.





3. No interior do rectângulo seguinte, desenha um balão de pensamento e um balão de fala alta.



4. Completa:



Plano _____



Plano _____



Plano de _____



Plano _____



_____ Plano



Plano _____

5. Faz a correspondência:



Plano médio



Balão



Plano americano

Disciplina: Educação Visual e Tecnológica

Nome: _____ Nº: _____ 6º _____

Data: _____

TESTE FORMATIVO

1. Preenche os espaços.

A _____ é um meio de comunicação _____ que nasce da junção de duas linguagens, a _____ (imagens) e a literária (_____). Uma Banda Desenhada é uma _____, isto é, conta uma história ou descreve um _____ através de uma sequência de acções, passadas num _____ e num _____ determinado.

2. Os planos referem-se à distância a que se representam os personagens e os objectos. Podemos considerar sete planos. Indica-os.

3. Analisa as seguintes imagens e desenha os balões apropriados para cada uma das acções. E define cada um dos balões que utilizaste.



3.1 Define o nome de cada um dos balões que utilizaste.

4. As imagens seguintes pertencem à gramática da banda desenhada. Coloca os nomes correspondentes a cada figura.





5. Preenche os balões com uma metáfora visual.



6. A banda desenhada obedece a um conjunto de regras e código predefinidos.
Diz por palavras tuas o significado de:

Metáfora visual: _____

Vinheta: _____

Plano americano: _____

Onomatopeias: _____

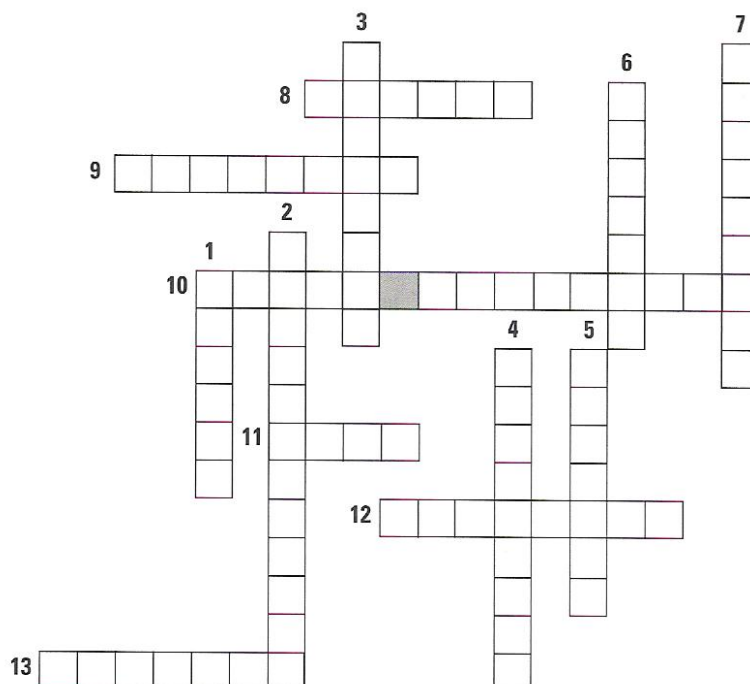
Balão de fala normal: _____

Signos cinéticos: _____

Balão do pensamento: _____

Ponto de vista picado: _____

7. Preenche o seguinte crucigrama.



VERTICAIS

1. Servem para integrar graficamente o texto dos diálogos, pensamentos, etc.
2. Desenhos que representam sons, ruídos, etc.
3. As tiras encontram-se divididas em...
4. Os signos que representam movimentos são signos...
5. A fala do narrador é representada dentro de um balão especial chamado...
6. Um conjunto de vinhetas designa-se por...
7. Plano em que a figura aparece cortada pelos joelhos.

HORIZONTAIS

8. A um plano representado de cima para baixo chama-se...
9. Quando uma vinheta está inteiramente escrita tem o nome de...
10. Estas palavras cruzadas são referentes a uma forma de comunicação mista (imagem e texto) a que se dá o nome de...
11. Um conjunto de vinhetas na horizontal é uma...
12. Podes tornar mais expressivo o trabalho...
13. Entre as vinhetas e o bordo do papel deixam-se as ... (ou contorno).

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Unidade de Trabalho: “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Aulas Previstas: 9 Blocos de 90 minutos	Início: 29/03/2011 Fim: 10/05/2011	Horário: Terças: 10h50/12h20 Quintas: 16h/17h30
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Desenho expressivo Pintura (lápiz de cor) Banda Desenhada	Identificar meios de comunicação: cartaz, autocolante, folheto, banda desenhada, fotografia...; Caracterizar diferentes meios de comunicação; Compreender a evolução do meio de comunicação: Banda Desenhada. Relacionar a palavra e a imagem num determinado meio de comunicação (banda desenhada); Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais; Desenvolver a capacidade de comunicação; Imaginar histórias; Construir uma banda desenhada; Estimular e desenvolver a criatividade; Desenvolver o sentido social; Articular saberes e conhecimentos na execução de um trabalho.
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> _Consolidação de aprendizagens e conteúdos, através de diálogo, sobre comunicação e comunicação visual; _Visualização de uma apresentação em PowerPoint com a origem e a linguagem da Banda Desenhada; _Exibição de livros de Banda Desenhada com vários tipos de linguagens gráficas. _Ficha de trabalho sobre a linguagem da Banda Desenhada; _Mostra de livros relativos à identidade de Stuart Carvalhais e à Banda Desenhada “Quim e Manecas”; _ Teste formativo sobre a matéria dada; _Realização de uma Banda Desenhada no espírito “Quim e Manecas” tendo por base um tema relacionado com problemas sociais actuais; _Exposição das Bandas Desenhadas à comunidade escolar; <p>Recursos: portátil, projector, livros de Banda Desenhada, quadro, folhas brancas, lápis, borracha, lápis de cor, régua, esquadro.</p>		
<p>Bibliografia: ANDRADE, Paula S. (2002) – “<i>Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico</i>”. Plátano Editora. Lisboa;</p> <p>FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2007) – “<i>Gesto e imagem - Educação Visual e Tecnológica 5º e 6ºanos</i>”.</p>		

Porto Editora. Porto;
MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos”.
Porto Editora. Porto;
BOLÉO, João Paulo Paiva (2010) – “*Quim e Manecas 1915 - 1918*”. Edições Tinta da China. Lisboa;
Tio Patinhas nº131 (Outubro de 1996), Revista mensal, Editora Abril/Controljornal Editora, Lda. Porto;
Pato Donald nº 126 (Setembro de 2005), Revista mensal, EDIMPRESA Editora, Lda. Cascais;
Tio Patinhas nº51 (Dezembro de 1989), Revista mensal, Editora Abril Morumbi. Lisboa;
Duck Tales nº 4 (Junho 1988), Revista mensal, Editora Abril. Lisboa;
O Estrumpfe mágico nº 9 (Junho de 1982), Aventuras dos Estrumpfes, Editorial Publica, Lda. Lisboa.

Tabela 9 - Planificação da Unidade de Trabalho. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 1 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Terça: 10h50/12h20		Data: 29/03/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Identificar meios de comunicação: cartaz, autocolante, folheto, banda desenhada, fotografia...; Caracterizar diferentes meios de comunicação; Compreender a evolução do meio de comunicação: Banda Desenhada.
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Conversando com os alunos será relembrado, o conteúdo comunicação visual (verificou-se nos testes diagnósticos, que os alunos já conheciam o conteúdo comunicação). Posteriormente, os alunos serão questionados sobre os modos e meios de comunicação que conhecem para podermos chegar à Banda Desenhada. Como se verificou nos testes diagnósticos, anteriormente aplicados, que os alunos possuíam uma ausência de conhecimento nas regras e códigos da Banda Desenhada, terminaremos a aula com a definição e origem da Banda Desenhada com uma apresentação em PowerPoint.</p>		
<p>Bibliografia: ANDRADE, Paula S. (2002) – “Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico”. Plátano Editora. Lisboa; FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2007) – “Gesto e imagem - Educação Visual e Tecnológica 5º e 6ºanos”. Porto Editora. Porto. MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos”. Porto Editora. Porto;</p>		

Tabela 10 - Planificação da Aula Nº1. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 2 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Quinta: 16h/17h30		Data: 31/03/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Relacionar a palavra e a imagem num determinado meio de comunicação (banda desenhada); Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais.
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: No início da aula sintetizaremos o que foi estudado na aula anterior. Iniciaremos com uma apresentação em PowerPoint sobre a estrutura, a narração e o diálogo da Banda Desenhada (prancha, vinheta, tira, balão, legenda e cartucho).</p>		
<p>Bibliografia: ANDRADE, Paula S. (2002) – “Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico”. Plátano Editora. Lisboa; FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2007) – “Gesto e imagem - Educação Visual e Tecnológica 5º e 6ºanos”. Porto Editora. Porto. MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos”. Porto Editora. Porto;</p>		

Tabela 11 - Planificação da Aula Nº2. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 3 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Terça: 10h50/12h20		Data: 05/04/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Relacionar a palavra e a imagem num determinado meio de comunicação (banda desenhada); Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais.
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Serão feitas algumas questões sobre a matéria dada na aula anterior. Terminaremos a apresentação em PowerPoint da aula anterior, sobre a estrutura, a narração e o diálogo da Banda Desenhada (onomatopeias, signos cinéticos e metáforas visuais).</p>		
<p>Bibliografia: ANDRADE, Paula S. (2002) – “Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico”. Plátano Editora. Lisboa; FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2007) – “Gesto e imagem - Educação Visual e Tecnológica 5º e 6ºanos”. Porto Editora. Porto. MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos”. Porto Editora. Porto;</p>		

Tabela 12- Planificação da Aula Nº3. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 4 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Quinta: 16h/17h30		Data: 07/04/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais.
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Iniciamos a aula com a apresentação em PowerPoint sobre a linguagem fílmica da Banda Desenhada, que são os planos e os pontos de vista.</p>		
<p>Bibliografia: ANDRADE, Paula S. (2002) – “Comunicarte – Educação Visual 7º, 8º e 9ºanos – 3º ciclo do Ensino Básico”. Plátano Editora. Lisboa; FALEIRO, Armando; GOMES, Carlos (2007) – “Gesto e imagem - Educação Visual e Tecnológica 5º e 6ºanos”. Porto Editora. Porto. MODESTO, António; ALVES, Cláudia e FERRAND, Maria (2002) – “Manual de Educação Visual 7º e 8ºanos”. Porto Editora. Porto;</p>		

Tabela 13 - Planificação da Aula Nº4. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 5 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Terça: 10h50/12h20		Data: 26/04/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Estimular e desenvolver a criatividade; Desenvolver a capacidade de comunicação; Desenvolver o sentido social; Articular saberes e conhecimentos na execução de um trabalho;
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Os alunos inicialmente vão responder a uma ficha de trabalho. Já no final da aula e para que os alunos possam ter um contacto palpável, sobre o que é uma Banda Desenhada, ser-lhes-á apresentado alguns livros: Pato Donald, Tio Patinhas, Estrumpfes ... Analisaremos em diálogo com os alunos livros de Banda Desenhada.</p>		
<p>Bibliografia: Tio Patinhas nº131 (Outubro de 1996), Revista mensal, Editora Abril/Controljornal Editora, Lda. Porto. Pato Donald nº 126 (Setembro de 2005), Revista mensal, EDIMPRESA Editora, Lda. Cascais. Tio Patinhas nº51 (Dezembro de 1989), Revista mensal, Editora Abril Morumbi. Lisboa. O Estrumpfe mágico nº 9 (Junho de 1982), Aventuras dos Estrumpfes, Editorial Publica, Lda. Lisboa. Duck Tales nº 4 (Junho 1988), Revista mensal, Editora Abril. Lisboa.</p>		

Tabela 14 - Planificação da Aula Nº5. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 6 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Quinta: 16h/17h30		Data: 28/04/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Desenho expressivo Pintura (lápiz de cor) Banda desenhada	Imaginar histórias; Construir uma banda desenhada; Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais; Estimular e desenvolver a criatividade; Desenvolver a capacidade de comunicação; Desenvolver o sentido social; Articular saberes e conhecimentos na execução de um trabalho;
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas:</p> <p>Depois, para podermos avançar para o trabalho prático, realização de uma Banda Desenhada no espírito “Quim e Manecas”, será mostrado aos alunos livros relativos à identidade de Stuart Carvalhais. (É importante recordar que Stuart Carvalhais é o primeiro autor Português a criar Banda Desenhada Infantil. Também é importante realçar que as histórias de “Quim e Manecas” agrupam-se em quatro tipos de histórias: em partidas ingénuas; aventuras policiais e de espionagem; episódios de cariz político, social ou cultural e a participação na Primeira Guerra Mundial.)</p> <p>Os alunos terão a possibilidade de ver um livro com várias aventuras do “Quim e Manecas”. Como estamos a viver um período de vários problemas sociais e políticos, achamos pertinente, que as Bandas Desenhadas tivessem temas relacionados com os problemas sociais actuais. No entanto, manter-se-ão os mesmos personagens, “Quim e Manecas”.</p>		

Tabela 15 - Planificação da Aula Nº6. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 7 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Terça: 10h50/12h20		Data: 03/05/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Desenho expressivo Pintura (lápis de cor) Banda desenhada	Imaginar histórias; Construir uma banda desenhada; Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais; Estimular e desenvolver a criatividade; Desenvolver a capacidade de comunicação; Desenvolver o sentido social; Articular saberes e conhecimentos na execução de um trabalho;
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Os alunos vão responder a um teste formativo. Nos restantes 30 minutos faremos a correcção da ficha formativa.</p>		

Tabela 16 - Planificação da Aula Nº7. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica		
Planificação da Aula Nº 8 - “ A expressividade na Banda Desenhada”		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Quinta: 16h/17h30		Data: 05/05/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Banda Desenhada	Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais; Articular saberes e conhecimentos.
Estratégias Metodológicas Implementadas: Vamos dar início á realização das Bandas desenhadas no espírito “Quim e Manecas” tendo por base um tema relacionado com problemas sociais actuais.		

Tabela 17 - Planificação da Aula Nº8. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

<p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Vinhais Escola Básica e Secundária D. Afonso III - Vinhais Ensino Básico - 2º Ciclo - Educação Visual e Tecnológica</p> <p style="text-align: center;">Planificação da Aula Nº 9 - “ A expressividade na Banda Desenhada”</p>		
Ano: 6º Ano Turma: B		Professora: Carina Oliveira
Horário: Terça: 10h50/12h20		Data: 10/05/2011
Conteúdos	Áreas de Exploração	Resultados de Aprendizagem
Comunicação: Comunicação visual	Desenho expressivo Pintura (lápiz de cor) Banda desenhada	Imaginar histórias; Construir uma banda desenhada; Utilizar correctamente a gramática da banda desenhada: regras e códigos para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais; Estimular e desenvolver a criatividade; Desenvolver a capacidade de comunicação; Desenvolver o sentido social; Articular saberes e conhecimentos na execução de um trabalho;
<p>Estratégias Metodológicas Implementadas: Nesta aula os alunos finalizam as Bandas Desenhadas e pintam as mesmas com lápis de cor.</p>		

Tabela 18 - Planificação da Aula Nº9. Tema: “A expressividade na Banda Desenhada” é constituída por 9 aulas.

Apresentação em powerpoint

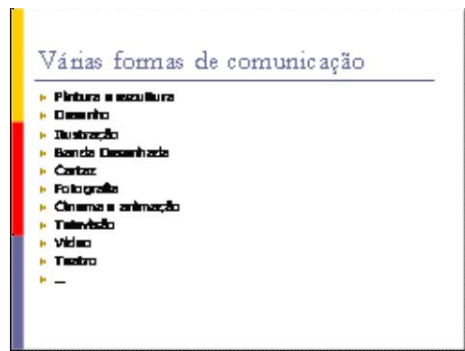
Diapositivo 1



Diapositivo 2



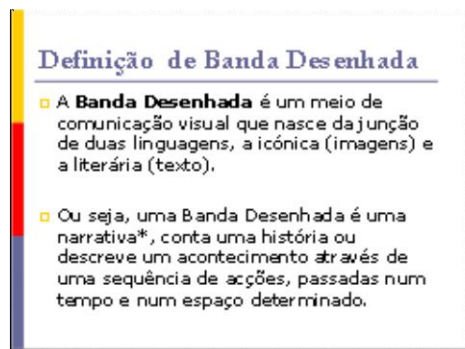
Diapositivo 3



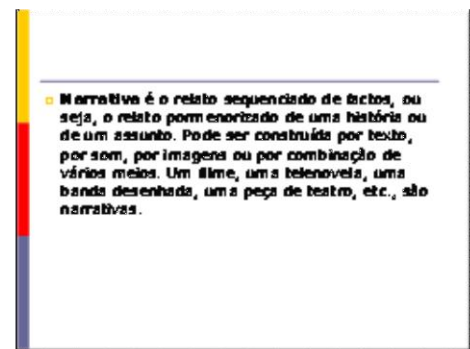
Diapositivo 4



Diapositivo 5



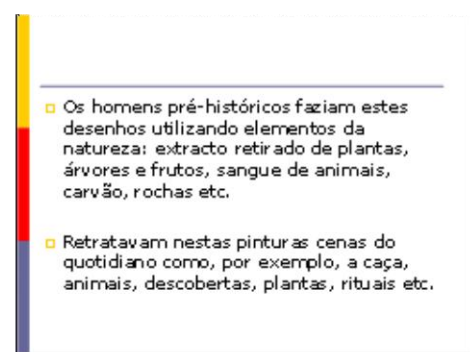
Diapositivo 6



Diapositivo 7



Diapositivo 8



Diapositivo 9

As paredes das cavernas serviam também como uma espécie de agenda, onde eram desenhadas algumas ideias ou mensagens.

Diapositivo 11

3. A Tapeçaria de Bayeux de 1077. Esta notável peça tem 70 m de tecido, narra a história da invasão e conquista da Inglaterra por Guilherme "O Bastardo", duque da Normandia.

4. Uma cena com balões *Suplemento Burlesco, Patriota, 19 de Agosto de 1847.*



Diapositivo 13

7. The Yellow Kid, a primeira Banda Desenhada nos U.S.A., 1895

8. 15 de Fevereiro de 1895 The Yellow Kid, a primeira Banda Desenhada a cores



Diapositivo 15

11. *Beck Rogers, Flash Gordon, Memória da herói da ficção científica, 1928 - 1934*



Diapositivo 10

A cronologia da Banda Desenhada

1. Pintura rupestre

2. Hieróglifos e egípcios



Diapositivo 12

5. Uma narrativa e ilustrada, *Revista Popular, 3 de Agosto de 1858*

6. Uma narrativa e ilustrada, *Jornal Para Crianças (12 série), 13 de Agosto de 1857*



Diapositivo 14

9. *Mickey, o primeiro desenho animado famoso, 1928*

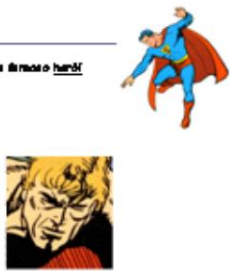
10. *Tarsam, desenhado por Harold Foster, 1928*



Diapositivo 16

12. *Superman, o mais famoso herói sobre-humano, 1938*

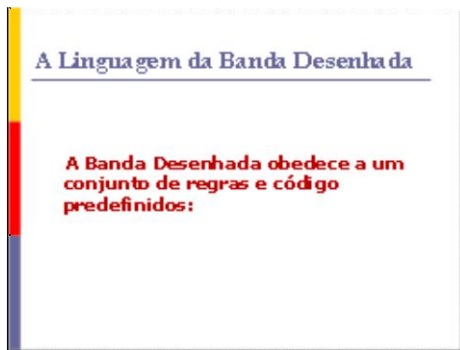
13. *Batman, o mais famoso herói nocturno, 1939*



Diapositivo 17



Diapositivo 19



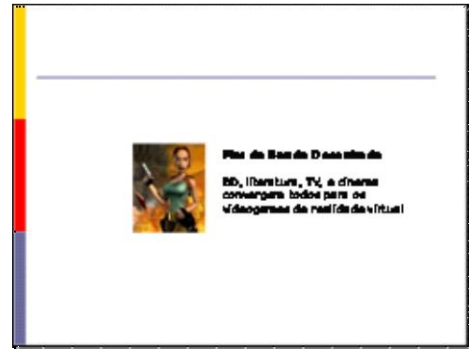
Diapositivo 21



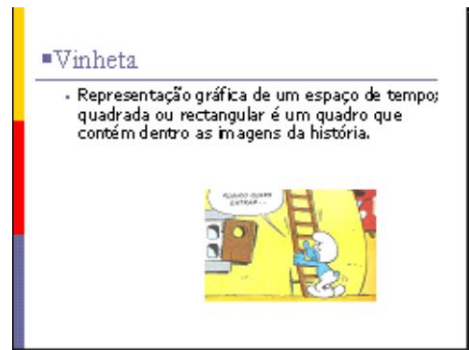
Diapositivo 23



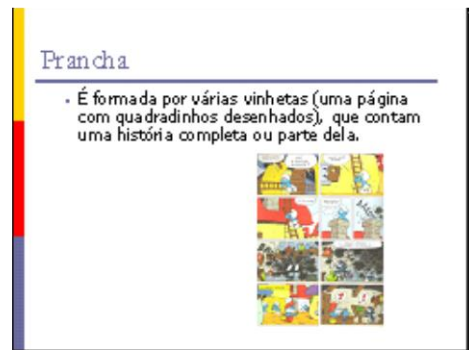
Diapositivo 18



Diapositivo 20



Diapositivo 22



Diapositivo 24



Diapositivo 25

· Baão de fala colectiva



· Baão de pensamento



- as linhas cinéticas representam-se como se fossem um rasto da figura ou as posições anteriores da figura.



Diapositivo 27

■ Pontos de vista

- Oponto de vista é o resultado de uma certa posição ou de um certo movimento.



· Ponto de vista normal




· Ponto de vista contra-plaço




· Ponto de vista plaço


Diapositivo 29




· Plano americano



· Plano aproximado



· Grande plano



· Plano de primeiro

Diapositivo 26

■ Metáforas visuais

- São símbolos ou imagens que traduzem ideias, sentimentos ou emoções das personagens.



■ Onomatopeias

- São palavras que reproduzem um determinado som. O desenho destas palavras explora a ideia do som produzido.



Diapositivo 28

■ Planos de visão

- Referem-se à distância a que se representam os personagens e os objectos.



· Plano geral



· Plano de conjunto



· Plano médio

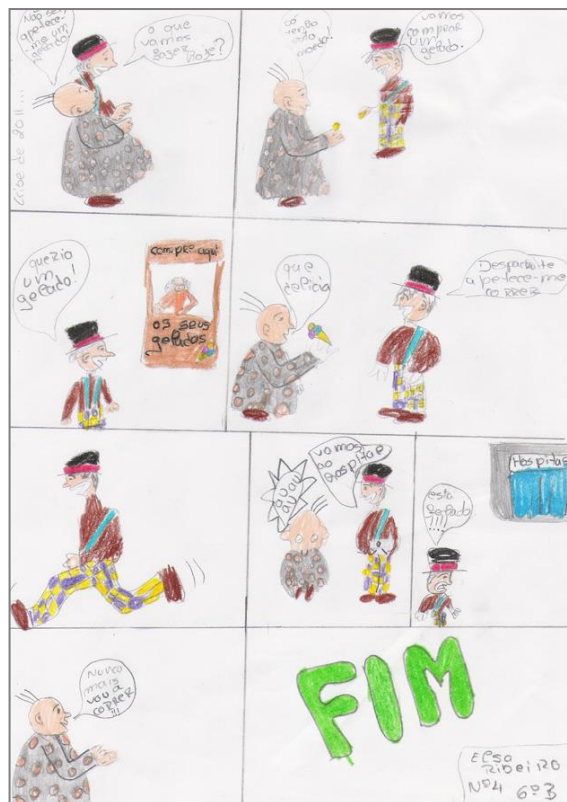
Diapositivo 30



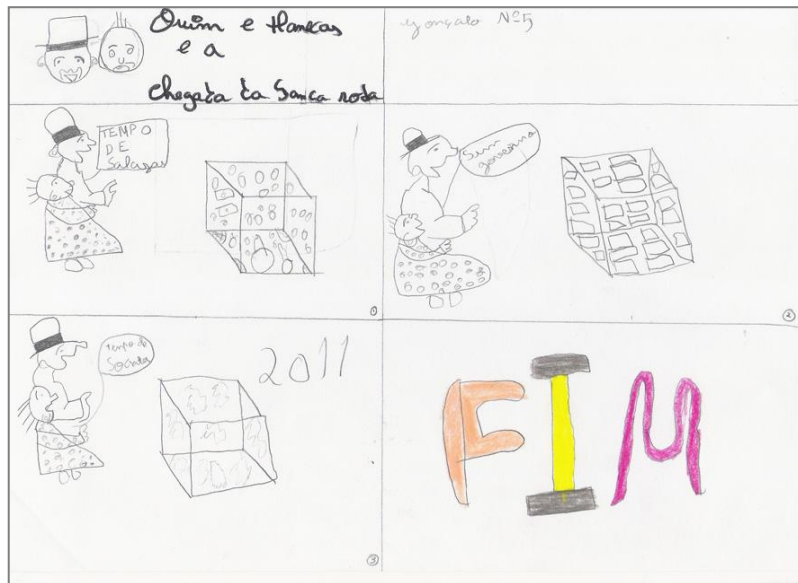
ANEXOS



Diogo Fernandes nº3



Elsa Ribeiro nº4



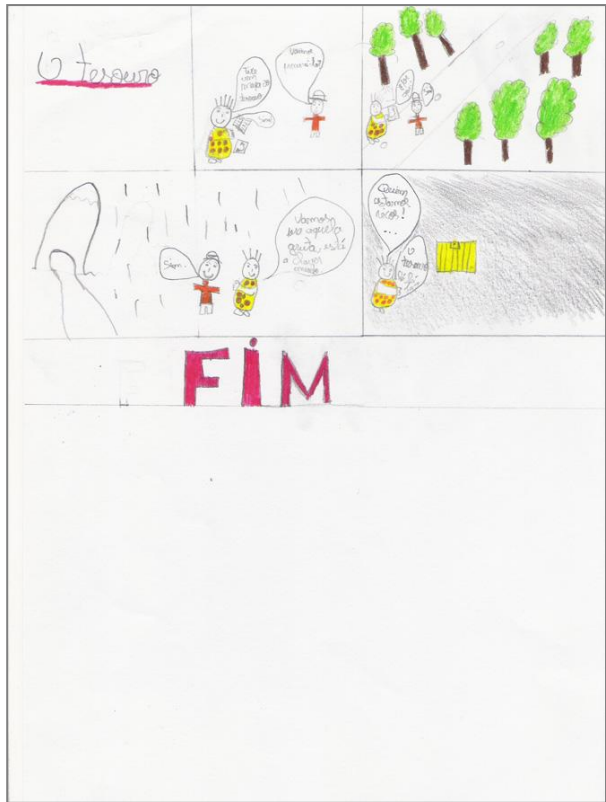
Gonçalo Rodrigues n°5



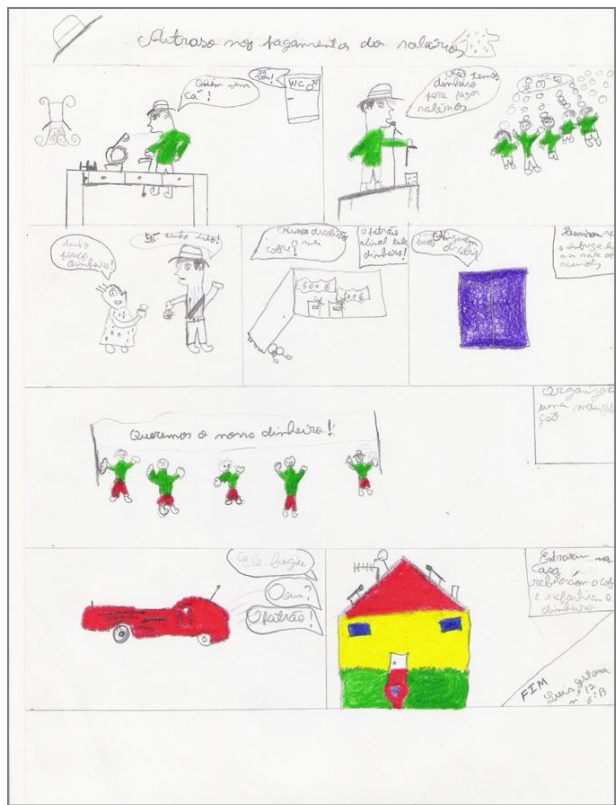
Inês Silva n°6



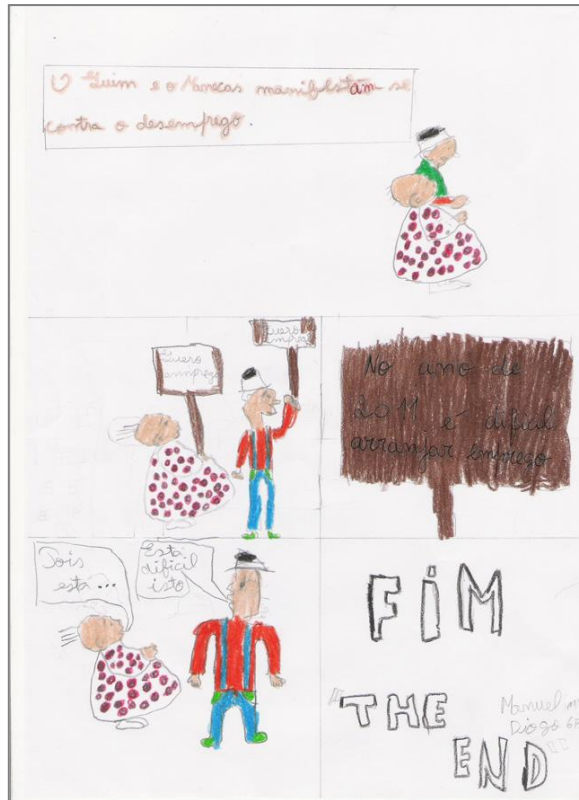
Lara Paz nº10



Leonardo Garcia n°11



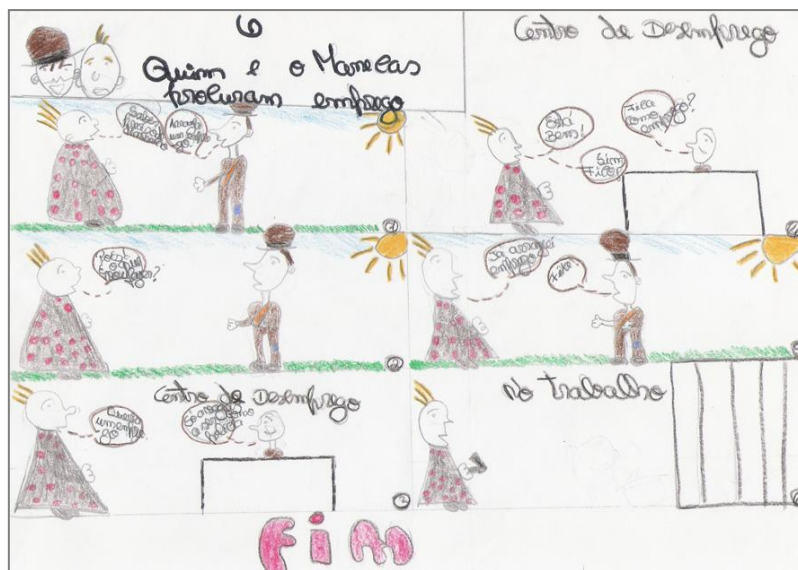
Luís Gestosa n°12



Manuel Costa nº13



Manuel Fernandes nº14



Maria Alzira Garcia nº15



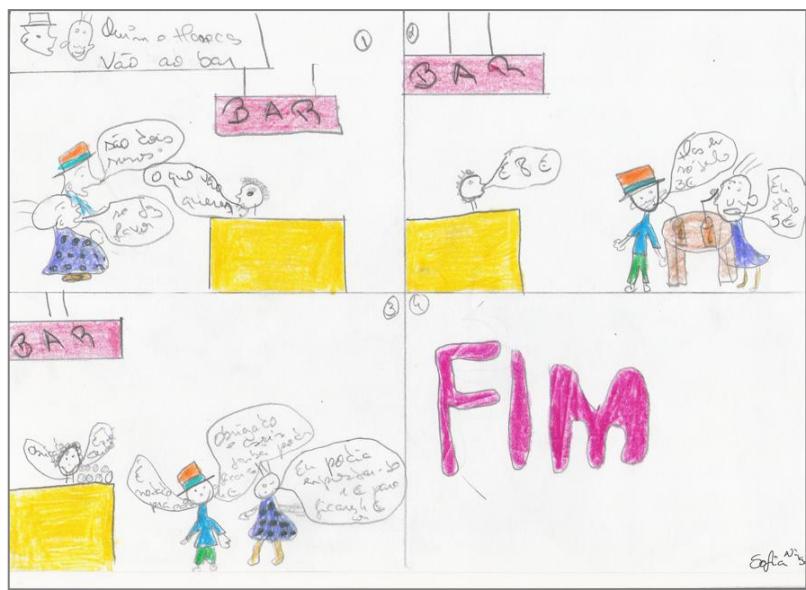
Rui Rodrigues nº16



Sara Gomes nº17



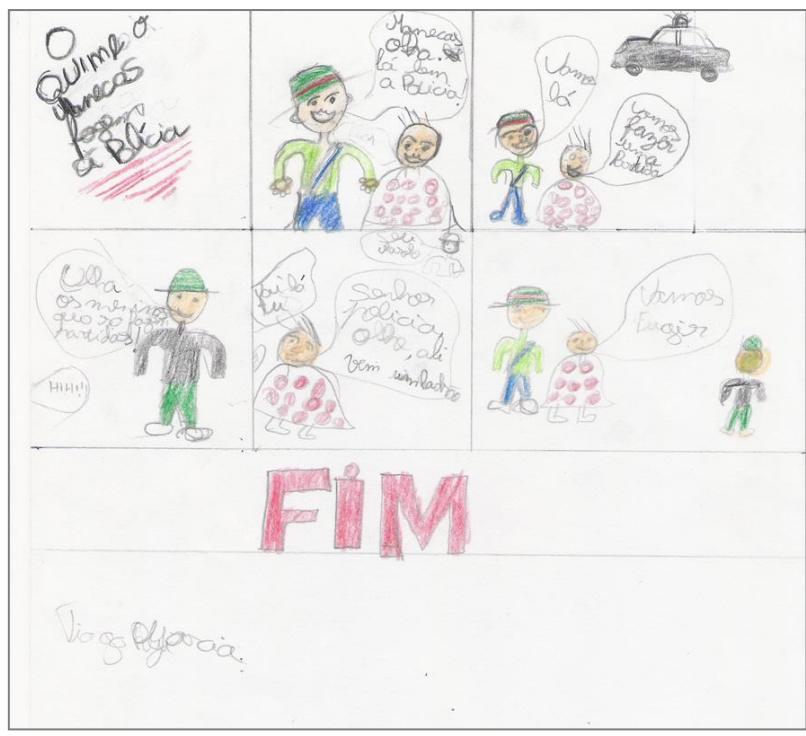
Sara Madureira nº18



Sofia Bento nº19



Tiago Fernandes nº 20



Tiago Garcia nº21